

RODRIGO SANTOS

A
CABANA

Brasil, 2025

Capa: Rafaella da Silva Silveira
Imagem da capa: Pinokio IA
Diagramação: Rodrigo Santos
Revisão: Tatiane da Silva Silveira

Todos os direitos reservados. Proibidos dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial dessa obra, o armazenamento, a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, as fotocópias ou

*qualquer outra forma de cessão da mesma,
sem prévia autorização escrita do autor.*

*Dedico esse livro as minhas filhas,
Rafaella e Ellena e principalmente a minha
esposa Tatiane, que sempre foi a minha
maior incentivadora e sempre
me deu apoio a todas as
minhas loucuras.
Obrigado!*

SUMÁRIO

1. A VIDA ANTES DA ESCURIDÃO
2. HOME NU
3. LOUCO
4. FORA DA CABANA
5. O ENCONTRO NO BECO
6. O PORÃO
7. UM NOVO DIA
8. HOJE
9. O JOGO COMEÇA
10. UM SONHO NAS SOMBRAS
11. O PESO DA ESCURIDÃO
12. A SOMBRA NO LABIRINTO
13. CAÇADA
14. EDWIN
15. A CABANA

A Vida Antes da Escuridão

Em 1997, eu já tinha visto muita coisa. Minhas tábuas de assoalho, gastas e rachadas como as juntas de um velho, rangiam com o peso de segredos que jamais contariam. Paredes, testemunhas silenciosas de alegrias e horrores, guardavam cicatrizes de tempos bons e ruins,

como um álbum de família manchado de sangue. Eu me lembrava de risos de crianças, do cheiro de café fresco e do calor de lareiras acesas em noites frias. Mas essas lembranças, antes um conforto, agora eram fantasmas que assombravam os cantos escuros da minha memória, esmagadas pelo peso do que viria a acontecer.

A história de Edwin. Essa, eu sabia, seria a que me assombraria por todo o pouco tempo que me restava. O cheiro de mofo e terra úmida, constante como a batida de um coração doente, era agora acompanhado por algo mais sinistro. Um odor metálico, tênue como uma teia de aranha, mas tão cortante quanto cacos de vidro. Sangue. Ele sussurrava promessas de horror, impregnando cada viga, cada fenda, cada tábuas do meu ser.

Minhas tábuas rangiam sob o peso daquela lâmpada inútil, como se eu também estivesse me contorcendo de desespero, querendo gritar, mas sem voz. Pelo contrário, parecia enfatizar o desespero. A luz fraca e oscilante só aumentava o desespero. Sombras dançavam ao ritmo do vento no milharal, a sinfonia dissonante das folhas quebrada apenas pelo estalo distante de galhos. Algo observava. Algo respirava ali.

No centro da sala, uma mesa de madeira velha sustentava o corpo de um homem nu. Suas mãos e pernas estavam amarradas com cordas grossas que cavavam em sua pele, deixando marcas vermelhas profundas. Seus olhos, arregalados e vidrados, seguiam os movimentos invisíveis das sombras, mas estavam constantemente presos à figura sentada no canto escuro.

Era Edwin. Ele não se movia. Seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos, e suas mãos seguravam os cabelos com uma força que fazia os dedos tremerem. A respiração dele era pesada, um ritmo constante que

preenchia o silêncio entre os gemidos abafados do homem nu. Havia algo em seus olhos, uma mistura de calma e tormento, como se ele estivesse dividido entre a compaixão e um impulso implacável.

Por minutos intermináveis, ninguém se mexeu. A cabana era um cenário congelado de agonia e decisão. Lá fora, o vento crescia, batendo nas paredes como um aviso sussurrado, mas Edwin parecia alheio a tudo. Quando finalmente se levantou, o som das botas contra o piso de madeira foi como um trovão. Cada passo parecia ecoar, ressoando no pequeno espaço como se a cabana estivesse amplificando sua presença.

O homem estremeceu, buscando em vão misericórdia no olhar implacável de Edwin. A aproximação lenta de Edwin era uma dissecação silenciosa da figura tremulante à sua frente.

— Você ainda não entendeu? — perguntou Edwin, a voz baixa e quase gentil, mas carregada com algo que fazia os pelos do homem se arrepiarem. Ele inclinou-se ligeiramente, aproximando o rosto do homem nu. O cheiro de suor e medo era denso, quase tátil. O homem balbuciou algo, mas a mordança abafava suas palavras, transformando-as em sons guturais e desconexos.

Edwin ignorou a tentativa. Em vez disso, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da mesa, os olhos ainda fixos no homem nu. Ele parecia estar pesando as palavras, escolhendo cada uma como se fossem instrumentos cirúrgicos.

— Você deve estar se perguntando... — Ele deu um leve sorriso, algo que parecia fora de lugar naquele cenário de tortura. — A resposta é simples: Isso tudo é para você. Eu desenhei o seu próprio inferno.

Com movimentos lentos e meticulosos, Edwin retirou a mordaca. O homem arfou, sugando o ar como se tivesse acabado de emergir debaixo d'água.

— Por favor! — ele implorou, a voz rouca, fraca e trêmula. — Eu não sei o que fiz! Por favor, deixe-me ir. Eu tenho uma família, filhos... eles precisam de mim, quase como um sussurro no fim de um túnel!

A curiosidade de Edwin foi atravessada por uma raiva súbita.

— Família... um detalhe irrelevante na equação do sofrimento — disse ele finalmente, o tom de voz seco e amargo. — E você acha que isso te protege? Que isso te torna especial?

O homem soluçou, seus olhos marejados agora transbordando. Seu carrasco o observava com a calma de um predador antes do ataque, mas havia algo mais em sua alma. Não era apenas raiva ou crueldade; era um vazio. Um abismo que parecia crescer a cada soluço do homem nu.

— Sabe o que é curioso? — Edwin continuou, levantando-se lentamente e começando a andar ao redor da mesa. Seus passos eram ritmados, como um pêndulo hipnotizante. — O medo. Ele é honesto. Você pode mentir com palavras, mas o medo? Ele não mente. Ele mostra quem você realmente é.

Quando o homem tentou responder, sua voz foi interrompida pelo som ensurdecido de uma cadeira sendo arremessada contra a parede. Edwin estava parado, o peito subindo e descendo rapidamente, os punhos cerrados. O barulho pareceu ressoar por toda a cabana, um som que fez o homem nu gritar de puro terror.

— Você acha que suas lágrimas significam alguma coisa para mim? — gritou Edwin, inclinando-se tão perto que suas palavras eram praticamente enfiadas como um espeto de churrasco no ouvido do homem. — Acha que pode escapar disso? Não pode. Nem você, nem seu medo. Vocês dois pertencem a mim agora e para sempre.

O homem soluçava descontroladamente, sua respiração entrecortada por gemidos que ecoavam no espaço apertado, muito desidratado, desorientado e totalmente irreconhecível do dia em que havia chegado. Edwin respirou fundo, tentando recuperar o controle que parecia escorregar de suas mãos. Ele se afastou um pouco, observando o homem nu como se estivesse avaliando uma pintura em um museu de artes.

— Eu ainda não decidi — disse Edwin, sua voz agora mais calma, suave, quase angelical. — Todos merecemos uma segunda chance em tudo em nossas vidas, mas será se você já não a utilizou?

O homem ergueu os olhos, a pouca centelha de esperança que ainda brilhava, brevemente, morreu em meio ao desespero.

— Por favor, eu farei qualquer coisa! Juro! Apenas... me deixe ir...

Edwin se aproximou novamente, um sorriso frio nos lábios.

— Você acha que suas promessas têm valor? Todos vocês dizem isso. E no final, todos são iguais, egoístas e cruéis quando o poder está em suas mãos. Mas após toda a nossa história juntos, você já entendeu.

Ele pegou uma faca que brilhava sob a luz trêmula. Não a usou, apenas a colocou sobre a mesa, ao alcance.

A ameaça era tão eficaz quanto o ato. Edwin inclinou-se mais uma vez.

— Você está com medo do quê, exatamente? Da dor? Da morte? Ou de mim?

O homem tentou responder, mas sua voz falhou. Edwin não esperou. Ele se levantou e foi até um pequeno armário, retirando um suporte de soro e uma agulha. O homem nu tentou focar o olhar em Edwin, mas o mundo girava. Suas pernas tremiam, prontas a ceder. Um fio de saliva escorria por seu queixo.

— Eu não vou te matar — disse Edwin calmamente, conectando o soro com a precisão de um médico. — Isso seria um desperdício. Quero que você viva por muito tempo. Quero que cada dia seja um lembrete de que a esperança pode ser a mais cruel das torturas.

Quando ele inseriu a agulha, o homem estremeceu, mas não havia mais resistência. Edwin deu um passo para trás, observando o homem nu com uma satisfação perturbadora.

— Você vai viver. E sabe por quê? Porque a morte é um alívio que eu não estou disposto a te dar.

Ele virou-se, ajustando o fluxo do soro antes de limpar as mãos com calma.

— Não se preocupe. Terá muito tempo para refletir. Afinal, o que são alguns anos comigo ao seu lado, dia após dia.

E assim, a cabana mergulhou no silêncio, exceto pelo som da lâmpada e a respiração do homem, preso não à mesa, mas ao tempo. Um tempo que Edwin faria questão de estender... eternamente.

Na penumbra de meu interior, Edwin sentiu o silêncio escorregar pelas rachaduras, enfiando-se em sua pele como farpas invisíveis. Seus ombros tencionaram e ele ficou parado por alguns instantes, observando o homem na mesa como se fosse um quebra-cabeça incompleto, algumas peças faltando, outras de formatos estranhos. O ar parecia estático, uma massa viscosa e sem vida, como se até o tempo estivesse paralisado naquele lugar, e cada respiração que ele tomava parecia insuficiente, como se eu o odiasse. Foi quando o vi surgir, uma sombra que invadia toda a minha sala e o preenchia como uma nuvem escura. Seu corpo, alto e magro, se movia com a agilidade de um predador, a cada passo, a luz oscilante da pequena lâmpada desenhava contornos nítidos em seu rosto anguloso, revelando a frieza em seus olhos escuros. Um caçador que tinha a escuridão como sua aliada, e o silêncio, seu mundo.

O tempo parecia se esticar, como se a própria noção de minutos e segundos houvesse perdido todo o significado. O homem nu gemia baixo, um som que mais parecia vir de dentro de um pesadelo do que de uma pessoa real. Edwin afastou-se por um momento, suas botas ecoando no meu piso de madeira enquanto caminhava até o canto mais escuro da cabana. Lá, onde ninguém podia vê-lo – nem o homem, nem os demônios que ele imaginava sentir pairando ao seu redor –, ele apertou as têmporas com força, como se pudesse esmagar os pensamentos que o perseguiram.

Ele fechou os olhos, mas a escuridão que encontrou não ofereceu alívio. Pelo contrário, trouxe consigo uma avalanche de imagens: um grande parque ensolarado, risadas infantis que soavam como sinos de cristal, o som rítmico de uma bola de basquete batendo contra o chão. Era um sonho, um pesadelo, memórias, ele não sabia.

Visões de uma vida que parecia pertencer a outra pessoa. Uma vida em que ele sorria sem esforço, em que as mãos que agora seguravam uma faca eram usadas para segurar pequenas e macias mãos confiantes que nunca tinham conhecido o peso do medo.

A imagem o atingiu como um soco, roubando o fôlego que ele mal conseguia recuperar. Ele abriu os olhos com um sobressalto, a visão da cabana devolvendo-o à realidade de forma cruel. O homem na mesa continuava imóvel, os olhos arregalados de puro terror. Edwin apertou os punhos, sentindo o metal frio da faca ainda na palma da mão.

— Isso não é sobre mim — ele murmurou para o vazio, como se estivesse tentando convencer alguém - ou a si mesmo. Sua voz ecoou dentro da cabana, reverberando de forma estranha, como se o lugar estivesse zombando dele. E eu não estava.

Ele voltou-se para o homem nu, que agora parecia mais uma marionete quebrada do que um ser humano. Edwin aproximou-se devagar, a cada passo ressoando em seu interior. O som parecia uma marcha fúnebre, uma contagem regressiva para algo que ele ainda não podia nomear. Ele parou ao lado da mesa e inclinou-se, observando o rosto do homem de perto.

— Você já pensou em como o tempo funciona? — perguntou, sua voz baixa e carregada de um tom quase filosófico. — Como ele se arrasta quando estamos esperando algo, mas desaparece quando queremos segurá-lo?

O homem nu tentou balbuciar algo, mas sua voz estava fraca, uma série de sons que mal formavam palavras. Edwin ergueu a mão, pedindo silêncio, como se

o homem estivesse interrompendo um momento importante.

— Para você, o tempo agora é seu pior inimigo — continuou ele, ignorando os olhos aterrorizados do homem nu. — Cada segundo que passa é uma faca girando em seu peito, porque você sabe que está chegando. Seja lá o que for... está chegando.

Ele deu um passo para trás e deixou a faca na mesa com um movimento deliberado, fazendo-a girar uma vez antes de parar com um som metálico. A lâmina brilhava sob a luz trêmula da lâmpada, um lembrete constante da ameaça que pairava no ar. Edwin cruzou os braços e observou o homem nu, como se esperasse que ele dissesse algo.

— Você acha que isso é sobre você, não é? — perguntou ele, quebrando o silêncio com um sorriso frio. — Todos acham isso. Mas o que as pessoas não entendem é que o poder da força é para os fracos. Para os que ainda se importam com o passado.

Ele não explicou mais nada. Em vez disso, começou a andar pela cabana novamente, como um animal em uma jaula, seus passos desenhando um círculo em torno do homem nu. Era como se ele estivesse preso na mesma armadilha que havia criado, cada volta aproximando-o mais de algo que ele não queria enfrentar.

— Você sabe o que me mantém acordado à noite? — disse ele de repente, parando ao lado do homem. — Não é a culpa. Não é a raiva. É o vazio. É como se tudo o que eu fosse antes tivesse sido drenado, sugado para algum lugar que não consigo alcançar. E agora, aqui estou eu, tentando descobrir o que resta.

Observei Edwin pegar a faca novamente, mas desta vez não fez nenhum movimento ameaçador. Apenas a segurou, como se fosse um brinquedo. Ele parecia perdido em seus pensamentos, sua expressão oscilando entre calma e algo mais sombrio.

— Talvez você seja a resposta — ele disse, mais para si mesmo do que para o homem. — Talvez você seja o que vai preencher esse vazio.

O choro do homem nu, abafado e repetitivo, era como um mantra doloroso que reverberava através das minhas paredes. Edwin o observou por um momento, seu olhar tão frio quanto o aço de uma navalha.

— Ou talvez — disse, com um sorriso que não era nada além de uma máscara, — você seja apenas... substituível.

A faca em sua mão tremeu, mas ele não a usou. Não agora. Cada memória de sua antiga vida era como um grito de guerra, mas ele lutava para mantê-las longe. Não quando estava tão perto de saborear tudo que o consumia. Sua sombra recaiu sobre o homem, mas a lâmina não desceu. Deixou a faca na mesa como se fosse um brinquedo descartado e sussurrou com uma voz quase terna:

— O que você deve temer não é a dor que eu posso lhe causar, mas a incerteza do que eu irei causar.

E quando essa incerteza se instaurou, Edwin sentou-se no canto, oculto nas sombras, enquanto o silêncio recaía novamente como uma mortalha.

Homem nu

A primeira coisa que ele percebeu, ou talvez a última que ainda fazia sentido, era o cheiro. Era uma mistura de coisas vivas e mortas: mofo entranhado na madeira velha, terra úmida e o leve, quase imperceptível, odor metálico de sangue. Esse cheiro parecia preenchê-lo, infiltrando-se em seus pulmões, grudando em sua pele como uma segunda camada invisível. Ele não sabia quanto tempo fazia que estava ali, mas tinha certeza de que aquele cheiro seria a última coisa que lembraria se algum dia saísse dali.

Se saísse.

O peso do pensamento o esmagava, e ele fechou os olhos, tentando afastar as lágrimas que insistiam em cair. Não havia mais forças para gritar ou implorar. Mesmo que quisesse, sua garganta estava em carne viva, tão seca que cada tentativa de emitir som era um corte novo, uma pequena lâmina invisível passando por dentro dele. A mordaca fazia seu trabalho, claro, mas mesmo sem ela, ele sabia que sua voz era apenas um eco fraco. E quem ouviria, afinal?

O homem abriu os olhos de novo, piscando rapidamente para ajustar-se à fraca luz oscilante da lâmpada em seu teto. Aquela luz parecia zombar dele, lançando sombras dançantes nas minhas paredes. As sombras se moviam como coisas vivas, criaturas escuras e sem forma que o espreitavam, esperando o momento certo para atacá-lo. Ele sabia que eram apenas truques da mente, mas isso não ajudava. Naquele lugar, tudo parecia ser um truque, uma armadilha, uma mentira cruel.

Observei em silêncio, ele tentou mover as mãos, mas as cordas estavam apertadas demais. Elas cortavam

seus pulsos a cada movimento, o sangue pingava em meus assoalhos velhos e rústicos, um lembrete constante de sua impotência. Ele puxou levemente, só para sentir a dor de novo, talvez para se lembrar de que ainda estava vivo. A sensação era terrível, mas, de alguma forma, reconfortante. Se ainda sentia dor, então ainda existia.

Foi quando ouviu o som. Era baixo, quase imperceptível, mas lá estava: o ranger suave de uma cadeira sendo arrastada no chão. Ele virou a cabeça, tão lentamente quanto podia, como se o simples ato de olhar fosse uma batalha. E lá estava ele. O outro homem. O homem que fazia aquele lugar parecer mais frio do que realmente era.

Sentado no canto da cabana, envolto nas sombras, estava Edwin. Ele não fazia nada. Apenas observava. Seu olhar era impenetrável, e isso era o que mais aterrorizava o homem nu. Havia algo nos olhos de Edwin – uma espécie de vazio que não parecia humano. Ele não era como as pessoas que você encontra no dia a dia. Ele era outra coisa. Algo que o homem nu não conseguia nomear, mas que sentia em cada fibra do corpo.

E então Edwin falou. Sua voz era baixa, quase gentil, mas carregava algo que fazia o homem nu tremer.

— Você está com medo, não está?

Mas o silêncio que se seguiu parecia exigir algo. Era um silêncio que esmagava.

O homem nu tentou falar, mas a mordança transformava suas palavras em ruídos incompreensíveis. Ele balançou a cabeça levemente, um gesto tão pequeno que poderia passar despercebido, mas que para ele foi

como um grito desesperado. Sim, ele estava com medo. Não havia mais como esconder isso.

Edwin sorriu. Não um sorriso amigável, mas algo frio e calculado. Ele se levantou, seus passos ecoando pelo chão de madeira como batidas de tambor. Cada passo fazia o homem nu encolher-se mais, seus músculos contraídos ao ponto da exaustão. Edwin parou ao lado da mesa e inclinou-se, o rosto agora muito próximo.

— É bom sentir medo — ele murmurou. — O medo nos lembra de que ainda estamos vivos.

Fechou os olhos, mas Edwin o invadia. Ele estava em toda parte: nas sombras, nos rangidos da cabana, no pulsar do próprio sangue do homem nu. Ele sentiu o ar esquentar ao redor de si, ou talvez fosse apenas sua mente brincando consigo. Ele não sabia mais. Não sabia de nada.

Edwin começou a andar novamente, movendo-se lentamente ao redor da mesa, como um predador estudando sua presa. O homem nu ouvia cada passo, cada ranger das tábuas, e sentia sua respiração acelerar. Ele tentou controlar o pânico, tentou dizer a si mesmo que precisava manter a calma, mas era impossível. A única coisa que restava era o medo, puro e absoluto.

— Você acha que isso é o pior? — perguntou Edwin, parando do outro lado da mesa. Ele inclinou-se novamente, apoiando as mãos na madeira. — Ainda nem começamos.

O homem nu abriu os olhos, suas pupilas dilatadas pelo terror. Ele queria implorar, queria gritar que faria qualquer coisa, que entregaria qualquer coisa, mas não havia como. Não com Edwin. O homem parecia imune a

palavras, a pedidos, a qualquer coisa que pudesse lembrá-lo de que era humano.

E então Edwin pegou algo. O homem nu não conseguiu ver o que era de imediato, mas o som metálico foi suficiente para fazer sua mente disparar. Ele tentou mexer as mãos novamente, mas as cordas pareciam mais apertadas agora, como se soubessem que ele estava tentando escapar. Ele sentiu o suor escorrendo por sua testa, pingando em seus olhos, mas não tinha como limpá-lo.

Edwin segurava uma lâmina. Era pequena, mas afiada, o tipo de lâmina que parecia ter sido feita para cortes precisos, quase cirúrgicos. Ele a girou entre os dedos, e falou.

— Você sabe o que é interessante? — perguntou Edwin. — A pele. É uma coisa fascinante. Ela nos protege, nos define. E quando você a tira... bom, as coisas ficam mais... vulneráveis.

O homem nu tentou gritar novamente, mas o som era abafado, impotente. Ele se contorceu, tentando escapar, mas isso apenas fez as cordas cavarem mais fundo. Ele sentiu a dor nos pulsos, nos tornozelos, mas nada disso importava agora. Ele só queria sair dali. Ele só queria acordar daquele pesadelo.

Edwin aproximou-se do homem nu que pôde sentir o cheiro dele agora - um cheiro de sabão barato misturado com algo mais, algo químico. Edwin parou ao lado da mesa, olhando para ele como um demônio olha para uma virgem.

— Não se preocupe — disse Edwin, quase sussurrando. — Eu vou cuidar de você. Vou garantir que você sinta cada momento.

O homem nu tentou se afastar, mas não havia para onde ir. Ele sentiu a lâmina tocar sua pele, um toque leve, quase gentil, mas que carregava consigo uma promessa de dor. Ele fechou os olhos novamente, as lágrimas escorrendo livremente agora. Tudo o que ele podia fazer era esperar. Esperar e rezar, mesmo que soubesse que Deus não estava naquele lugar.

E então a dor começou.

O primeiro corte, superficial, trouxe uma dor inimaginável. A lâmina cortou, a dor era mais fundo que a carne, com a precisão macabra de um artista. O homem nu tentou gritar, mas o som morreu em sua garganta, abafado pela mordaca. Seus olhos se arregalaram, pulsando de terror enquanto o suor escorria pelo rosto, misturando-se com as lágrimas que já não conseguia conter.

Edwin não parecia apressado. Pelo contrário, ele estava estranhamente calmo, os movimentos lentos e deliberados, como se cada gesto tivesse sido ensaiado inúmeras vezes antes. Ele inclinou a cabeça ligeiramente, observando a reação do homem com um olhar frio e analítico.

— A dor é fascinante, não acha? — murmurou Edwin, sua voz baixa e controlada. — Ela nos lembra que estamos vivos. Que cada centímetro da nossa pele tem um propósito.

A lâmina percorreu o braço do homem nu, retirando uma fina tira de pele. A dor foi intensa, ardente, como fogo correndo por suas veias. Ele se contorceu, o corpo todo tremendo contra as amarras, mas isso apenas intensificou a sensação de impotência. Seus punhos doíam por causa das cordas que cortavam sua carne, e seus músculos estavam exaustos de lutar contra o

inevitável. Cada movimento que fazia era como se estivesse participando de sua própria tortura.

Edwin se afastou por um momento, segurando o pequeno pedaço de pele entre os dedos como se fosse um troféu. Ele o ergueu à luz da lâmpada, girando-o ligeiramente para observar cada detalhe.

— Impressionante. Você sabia que nossa pele pesa cerca de dezesseis por cento do nosso corpo? Não parece muito, mas quando você a remove... é como tirar a armadura de um guerreiro.

O homem nu tentou fechar os olhos, bloquear a visão de Edwin, mas cada piscada era preenchida com o mesmo horror: a visão da lâmina, o sorriso frio, o brilho vazio nos olhos do homem que estava tirando dele mais do que apenas pedaços de pele. Edwin não parecia apenas querer machucá-lo; ele queria destruí-lo de dentro para fora.

A lâmina voltou. Desta vez, Edwin inclinou-se mais perto, seus movimentos quase ternos, como se estivesse confortando o homem nu antes de continuar. Ele pressionou a lâmina contra a lateral do abdômen do homem, deslizando-a lentamente, removendo mais uma tira de pele com precisão cirúrgica. O sangue escorria, quente e espesso, enquanto o homem nu contorcia-se em agonia. O som abafado de seus gemidos ecoava pela cabana, misturando-se ao ranger da madeira sob a mesa.

Edwin limpou a lâmina com um pedaço de pano que tirou do bolso, seus movimentos ainda lentos e metódicos.

— Isso não é pessoal, ou será que é, você sabe — disse ele como se fosse um consolo, mas sua voz tinha uma dureza que desmentia qualquer intenção de

empatia. — Estou apenas... estudando. Aprendendo. Há algo profundamente revelador no sofrimento, não acha? Ele nos mostra quem realmente somos.

O homem nu não podia responder. Mesmo que pudesse, não sabia o que dizer. Ele não sabia quem ele era agora. A dor tinha apagado tudo, deixando apenas uma casca do que ele já foi. Seus pensamentos estavam embaralhados, confusos, mas uma pergunta continuava surgindo em sua mente: por quê? Por que ele estava ali? Quem era esse homem que parecia tão calmo, tão metódico, enquanto fazia coisas que nenhum ser humano deveria ser capaz de fazer?

Edwin inclinou-se mais uma vez, desta vez segurando o rosto do homem nu com uma mão firme. Ele virou a cabeça do homem para um lado e depois para o outro, como se estivesse avaliando a próxima tira de pele que iria retirar com maestria.

— Você está começando a entender, não está? — disse ele, seus olhos fixos nos do homem nu. — Não importa quem você é ou de onde veio. Quando chega a este ponto, todos somos iguais.

O homem nu tentou balbuciar algo, mas as palavras se perdiam no emaranhado de soluços e gemidos. Ele não sabia se estava tentando implorar por misericórdia ou simplesmente tentando gritar sua dor ao mundo. Tudo o que sabia era que precisava que aquilo parasse. Precisava de alívio, de qualquer coisa que não fosse aquela tortura interminável.

— A humanidade tem uma relação curiosa com a dor — disse ele, como se estivesse dando uma palestra. — Passamos a vida inteira tentando evitá-la, mas é a única coisa que realmente nos conecta. Quando tudo mais é tirado, é a dor que nos lembra de que estamos vivos.

Edwin escolheu um instrumento da mesa — uma pequena pinça com pontas afiadas.

— Vamos testar seus limites — disse ele, aproximando-se.

O homem nu se encolheu, as amarras o prendendo. A pinça beliscou sua pele, a dor explodindo em seu corpo como fogo. Ele gritou, um som animalesco que se perdia na cabana.

Edwin retorceu a pinça, um sorriso cruel nos lábios. Mas então, o homem nu, num espasmo de dor e fúria, cuspiu em seu rosto.

O sorriso de Edwin desapareceu. Seus olhos brilharam, não com a luz fria de antes, mas com algo mais intenso, mais humano — raiva. Ele recuou por um instante, surpreso. A mão que segurava a pinça tremeu.

O homem nu, mesmo em meio à agonia, sentiu uma pontada de triunfo. Ele havia tocado Edwin. Havia quebrado a máscara de implacabilidade.

Edwin limpou o rosto com as costas da mão, o gesto brusco. Ele respirou fundo, recompondo-se. O sorriso frio voltou, mas agora havia uma rachadura nele. Algo havia mudado.

— Você é um verme teimoso — disse ele, a voz baixa e perigosa. — Mas eu admiro sua coragem. — Ele voltou a torturar o homem, mas com uma ferocidade renovada, como se estivesse punindo não apenas o homem nu, mas a si mesmo por ter demonstrado um instante de vulnerabilidade. — Vamos ver quanta coragem você tem e quanta dor você suporta antes de quebrar.

Dias e noites se fundiram em um borrão de dor. A luz pálida pelas frestas era a única pista do sol. Para o

homem nu, o tempo era uma memória soterrada pelo sofrimento.

A dor nunca parava. Ela se tornara um martelo incessante, moldando-o em algo que ele não conseguia reconhecer. Não havia mais espaço para pensamentos coerentes, apenas fragmentos de sensações. O calor ardente de cortes recentes. A picada fria do metal contra os nervos. O eco dos próprios gritos, transformado em um zumbido constante que preenchia sua mente como uma música dissonante.

Edwin estava exausto. O homem nu podia ver isso, mesmo através de olhos semicerrados e turvados pela dor. O rosto de Edwin estava pálido, as olheiras profundas e sombrias emoldurando seus olhos como buracos negros. Seus movimentos, antes precisos e metódicos, agora eram mais lentos, como se ele estivesse se arrastando sob o peso de sua própria determinação.

Observei Edwin, que parava de vez em quando, respirando fundo, as mãos trêmulas segurando suas ferramentas com uma força que fazia os nós de seus dedos ficarem brancos. Ele limpava o suor da testa com o antebraço, deixando manchas de sangue seco na pele. Havia uma estranha ironia naquilo: o monstro parecia tão humano quanto sua vítima.

Mas ele não parava. Não completamente. Mesmo em seus momentos de pausa, Edwin ficava sentado na cadeira de madeira, os olhos fixos no homem nu, como um escultor examinando sua obra inacabada. E então ele voltava, a lâmina ou a pinça brilhando sob a luz fraca enquanto ele continuava seu trabalho metódico.

O homem nu tentou contar os dias no início. Cada momento de luz que surgia pelas frestas era uma marca.

Mas a luz tornou-se menos frequente, ou pelo menos parecia assim. Talvez Edwin tivesse coberto as aberturas para aumentar o isolamento. Talvez a própria mente do homem nu estivesse começando a falhar, transformando segundos em horas, horas em dias, dias em semanas, que se tornaram meses ou até anos.

Ele não sabia mais quem era. A dor havia apagado todas as partes dele que pertenciam ao mundo exterior. Seu nome, sua vida, sua história — tudo havia sido reduzido a cinzas. A única coisa que restava era a dor, uma companheira cruel e constante.

Às vezes, quando Edwin estava especialmente cansado, ele falava. Não com o homem nu, mas consigo mesmo, murmurando palavras que se perdiam no ar pesado dentro de mim. Trechos de frases escapavam, como pedaços de um quebra-cabeça que o homem nu não conseguia montar.

— ...não é suficiente... — Edwin sussurrava, passando a mão pelos cabelos desganhados. — ...tem que significar alguma coisa...

Esses momentos davam ao homem nu um vislumbre do homem por trás do monstro. Mas eram breves, e logo Edwin voltava a se perder em sua tarefa, sua expressão endurecendo como pedra.

O frio das noites era quase insuportável. A cabana, mal isolada, deixava o vento cortar pelas rachaduras, trazendo consigo o cheiro da terra úmida e do campo de milho ao redor. O homem nu tremia, seus músculos contraindo-se involuntariamente, o que só aumentava a dor das feridas abertas. Ele não tinha mais energia para lutar. O simples ato de respirar parecia exigir um esforço monumental.

Edwin parecia imune ao frio. Ele se movia pela cabana como um espectro, os olhos sempre fixos em algo invisível. Quando não estava torturando o homem nu, ele arrumava suas ferramentas, limpava o sangue da mesa ou simplesmente ficava parado, olhando para as paredes como se estivesse à espera de uma revelação.

Uma noite, enquanto o homem nu estava à beira da inconsciência, ouviu Edwin falar algo diferente. Não eram os murmúrios habituais, mas palavras claras, pronunciadas em um tom quase casual.

— Você já pensou no que realmente significa sobreviver? — perguntou Edwin, sem olhar para o homem nu. — Todo mundo acha que quer sobreviver. Mas, às vezes, viver é a pior coisa que pode acontecer a alguém.

O homem nu não respondeu. Ele não podia. Mas as palavras ficaram ecoando em sua mente, misturando-se com a dor e a exaustão. Ele começou a se perguntar se Edwin estava certo. Talvez sobreviver fosse realmente pior. Talvez a morte fosse uma misericórdia que Edwin nunca concederia.

Os dias — ou seriam noites? — continuaram. Edwin começou a mostrar sinais de desgaste. Ele cambaleava levemente ao caminhar, os ombros curvados sob um peso invisível. Mas ele nunca parava. Sua obsessão era inabalável, uma força que parecia consumir tudo ao seu redor, incluindo ele mesmo.

O homem nu começou a perceber algo estranho. Entre os momentos de tortura, quando Edwin estava distraído ou descansando, ele sentiu algo diferente no ar. Não era esperança — isso havia morrido há muito tempo. Era algo mais primitivo, mais sombrio. Uma espécie de

aceitação. A dor havia se tornado tão familiar que ele quase não a temia mais. Quase.

E Edwin percebeu isso. Ele viu a mudança nos olhos do homem nu, o leve tremor que desapareceu, os gritos que se tornaram gemidos baixos e controlados. Ele se inclinou sobre a mesa uma noite, segurando o rosto do homem nu com mãos ensanguentadas e tremendo.

— Você acha que está se acostumando com isso? — sussurrou ele, seus olhos arregalados de exaustão e fúria contida. — Você acha que pode me derrotar, mesmo aqui, amarrado e impotente? Eu vejo o que você está tentando fazer. Mas eu não vou deixar.

Edwin pegou a lâmina novamente, mas seus movimentos eram mais rápidos, mais erráticos. Ele estava tentando quebrar algo que já estava quebrado, esmagar o que já havia sido reduzido a pó. E o homem nu, mesmo enquanto gritava e se contorcia, percebeu que Edwin não estava lutando contra ele. Estava lutando contra si mesmo.

Naquele momento, algo mudou. Não no homem nu, mas em Edwin. Sua exaustão havia ultrapassado o ponto de retorno. Seus olhos estavam vazios, mas não de frieza. Eles estavam cheios de algo ainda pior: desespero.

Edwin largou a lâmina e cambaleou para trás, caindo pesadamente na cadeira. Ele passou as mãos pelo rosto, seus ombros tremendo como se estivesse chorando, mas nenhum som saiu. O homem nu o observou através das lágrimas e do sangue, sentindo uma pontada de algo que ele não conseguia identificar. Não era compaixão. Não era medo. Era algo entre os dois, uma compreensão sombria de que ambos estavam presos no mesmo inferno.

Louco

Na noite seguinte, Edwin chega à cabana e olha para o homem nu por mais tempo do que parecia confortável, o tipo de olhar que fazia a pele arrepiar, mesmo para alguém cuja pele já tinha sido esfolada em mais lugares do que ele poderia suportar. Mas desta vez não havia crueldade na expressão de Edwin. Era como se estivesse buscando algo, uma resposta talvez, ou uma confirmação que apenas ele entendia.

— Você sabia que eu era bom nisso? — Edwin finalmente quebrou o silêncio, sua voz rouca, quase afável, como se estivessem em um bar dividindo uma cerveja e não naquela cabana impregnada de sangue e horror. — Não... torturar pessoas. Claro que não. Isso é... — Ele balançou a cabeça, como se as palavras lhe escapassem. — Eu era bom em fazer as coisas parecerem certas. No trabalho, em casa. Sempre fui muito bom nisso. Até que...

Ele fez uma pausa, esfregando a nuca, enquanto olhava para o teto da cabana.

— Aposto que você também era assim. Certo? — Edwin gesticulou vagamente para o homem nu, como se esperasse uma resposta. — Um desses caras que acordam cedo, tomam o café preto sem açúcar, pegam o jornal e fingem que sabem de tudo o que está acontecendo no mundo. Certo?

O homem nu, ainda amarrado, não se moveu. Não tinha forças para isso, mas algo no tom de Edwin o fez querer ouvir. Era a primeira vez que o homem mostrava

algo próximo de humanidade, mesmo que apenas em migalhas.

Edwin riu baixinho, um som seco e sem humor.

— Eu não era diferente, sabe? Acordava todo dia no mesmo horário. Fazia os mesmos movimentos. Tudo perfeitamente calculado. Até as coisas que eu dizia no trabalho... "Como foi o fim de semana?", "Sim, o tempo está mudando". Essas coisas. — Ele passou a mão pelos cabelos desgrenhados, que pareciam mais cinzas do que castanhos na luz fraca. — Mas, no fundo, não importa o quanto você finja que tudo está certo. Um dia, algo te encontra. Algo que você não pode controlar.

Ele inclinou-se para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, observando o homem nu com olhos que agora pareciam distantes, quase vazios.

— É isso, sabe? Controle. É disso que se trata — Edwin suspirou profundamente. — E aqui estamos nós. Eu, tentando descobrir como fazer sentido disso tudo. E você... bem, você está aqui. Não por acaso, mas porque o acaso gosta de brincar com as pessoas.

A lâmpada em meu teto oscilou levemente, lançando sombras dançantes nas paredes da cabana. Era como se até a luz estivesse hesitante em permanecer naquele lugar. Edwin riu de novo, desta vez mais alto, mas ainda sem alegria.

— Sabe o que é engraçado? Eu costumava ser um desses caras que acreditavam que o bem sempre vence. Como nas histórias que a gente ouve quando criança. Cavaleiros em armaduras brilhantes, lutando contra dragões. Mas ninguém conta que às vezes o cavaleiro é só um homem quebrado, segurando uma espada que ele nem sabe usar direito.

O homem nu, ainda imóvel, observava seu carrasco com os olhos semicerrados. Não era apenas o cansaço que o fazia ouvir com atenção. Era a estranha sensação de que, por um momento, Edwin parecia mais humano do que monstro.

— Você deve estar pensando, "Esse cara é um completo lunático" — Edwin se recostou na cadeira, cruzando os braços. — E talvez você esteja certo. Mas quem é que não enlouqueceria um pouco depois de... bem, depois de coisas demais?

Ele olhou para as mãos, virando-as lentamente como se estivesse esperando que algo se materializasse nelas.

— Às vezes eu penso... Talvez seja assim que o mundo termina. Não com uma explosão. Não com fogo ou gelo. Mas com uma lâmina, cortando pedacinhos até que nada mais reste. Não é poético? Não. Não é. É só... real. E a realidade, amigo... a realidade é uma coisa terrível.

Edwin se levantou, cambaleando levemente, como se o peso de suas palavras tivesse drenado suas forças. Ele foi até uma prateleira e pegou uma garrafa de água, bebendo longos goles antes de voltar à cadeira. Ele ofereceu um olhar rápido ao homem nu, como se estivesse se perguntando se deveria oferecer a água também. Mas então, como se decidisse contra, ele apenas riu de novo.

— Não me olhe assim. Eu sei o que você está pensando. "Esse cara está se punindo tanto quanto me pune." Talvez seja verdade. Ou talvez eu só esteja aqui, falando para preencher o silêncio. Porque, meu amigo, o silêncio é um inferno.

Edwin olhou para a lâmpada, sua expressão suavizando por um momento.

— Sabia que o silêncio pode enlouquecer uma pessoa? Não estou falando de falta de som. Estou falando daquele tipo de silêncio que se instala aqui. — Ele apontou para a própria cabeça. — Quando você fica sozinho com seus pensamentos. É como um rádio quebrado, sintonizado em estática. Isso é o que me assombra mais do que qualquer coisa.

O homem nu não respondeu. Não podia. Mas algo o fez perceber que o homem estava falando consigo mesmo tanto quanto com ele.

— Você acha que isso é justiça? — Edwin finalmente perguntou, sua voz mais baixa, quase um sussurro. — Acha que isso conserta alguma coisa?

Ele não esperou uma resposta. Em vez disso, inclinou-se para frente novamente, passando as mãos pelo rosto, como se quisesse apagar a última parte de si que ainda carregava alguma dúvida.

— Eu não sei — ele admitiu, sua voz quase imperceptível. — Mas é tudo o que resta.

E assim, por um breve momento, a cabana ficou em silêncio novamente. Não o silêncio opressivo de antes, mas algo mais profundo. Algo que parecia tão pesado quanto o próprio ar.

— Sabia que há momentos em que até um demônio tem dúvidas? — disse Edwin, rompendo o silêncio novamente. Sua voz era baixa, mas carregava um peso que parecia esmagar o ambiente. — Não gosto de pensar em mim como um deles, mas ultimamente...

Ele deixou a frase morrer, os olhos se estreitando enquanto tamborilava os dedos na perna. O homem nu, amarrado e exausto, piscava lentamente, tentando processar as palavras. O corpo ainda doía, mas havia algo na voz de Edwin que transcendia a dor física. Algo desconcertante. Ele não era mais apenas um carrasco; era também um homem lutando com seus próprios fantasmas.

— Não acha curioso? — continuou Edwin, inclinando-se para frente. — Como a vida nos coloca em posições que nunca imaginamos? Eu costumava ser... diferente. Como você, talvez. Normal. Parte de algo maior. Mas aqui estamos.

Ele gesticulou para o pequeno mundo em que estavam confinados — a cabana, as ferramentas na mesa, as manchas de sangue no chão. Era um cenário de horror, mas, para Edwin, parecia mais uma pintura abstrata cheia de significado oculto.

— Fico pensando, — disse Edwin, seus olhos brilhando com uma intensidade febril, — quem é o verdadeiro monstro aqui? O homem que inflige a dor ou aquele que a suporta? Talvez sejamos dois lados da mesma moeda. Um anjo e um demônio presos no mesmo inferno.

O homem nu não respondeu. Não podia. Sua boca estava seca, a garganta rouca de gritar por socorro que nunca veio. Mas, internamente, ele sentiu uma centelha de algo. Raiva, talvez. Ou piedade. Era difícil dizer.

Edwin se levantou de repente, caminhando até a janela coberta por uma cortina esfarrapada. Ele afastou o tecido, deixando entrar um feixe de luz pálida que desenhava linhas duras em seu rosto cansado. As sombras o fizeram parecer mais velho, mais desgastado.

— Lembro-me de quando era criança, — disse ele, como se estivesse falando consigo mesmo. — Costumava pensar que o bem e o mal eram coisas simples. Preto e branco. Como as histórias que nos contam antes de dormir. Mas a vida é mais como uma nuvem de fumaça, não acha? Sem forma definida, sem começo ou fim.

Ele se virou, os olhos fixos no homem nu com uma intensidade que fez o homem tremer.

— Sabe o que me assusta?

Edwin parou diante do homem nu, inclinando-se até que seus rostos ficassem a poucos centímetros de distância.

— Talvez eu esteja tentando preencher esse vazio. Talvez você seja minha maneira de lutar contra ele. Mas sabe o que é mais irônico? — Ele sorriu, um sorriso frágil que não alcançava os olhos. — Acho que você está fazendo o mesmo. Você ainda não desistiu. Ainda está aqui. Por quê?

O homem nu tentou encontrar uma resposta, mas não havia palavras que pudessem traduzir o que sentia. Ele apenas olhou para Edwin, os olhos cheios de algo que poderia ser tanto desespero quanto desafio.

O tempo parecia ter parado. O vento do lado de fora ganhava força, assobiando pelas frestas da cabana como um coro de almas perdidas. Edwin se endireitou, passando a mão pelos cabelos em um gesto nervoso.

— Bem — disse ele, quase casualmente. — talvez você descubra. Ou talvez não. De qualquer forma, temos tempo.

Ele se afastou, voltando para sua cadeira como se nada tivesse acontecido. Mas algo havia mudado. O

homem nu podia sentir isso. E, por mais que temesse o que estava por vir, havia uma parte dele — pequena, mas crescente — que queria saber onde aquela conversa os levaria.

Naquela noite, a atmosfera na cabana mudou. O silêncio, que antes era um véu sufocante, tornou-se um peso tangível, quase vivo. Edwin, sentado ao lado da janela, olhava para o céu escuro. Seus lábios se moviam como se estivesse falando, mas nenhum som saía.

— Ele não está ouvindo, você sabe — murmurou Edwin, de repente, quebrando o silêncio.

O homem nu levantou a cabeça, confuso. Quem ele estava tentando alcançar agora? Deus? O diabo? Ou ambos?

— Não importa quantas vezes eu chame — Edwin inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos como se estivesse rezando. — "Pai, por que me abandonaste?" Não é assim que dizem?

Ele soltou uma risada amarga que reverberou pela cabana como um eco de algo quebrado.

— Mas sabe o que é engraçado? — Edwin perguntou, ainda de olhos fechados. — Às vezes, acho que Ele responde. Não com palavras. Não com trovões ou milagres. Mas com... vazio. — Ele abriu os olhos, que agora brilhavam com lágrimas que ele não derramaria. — É como um grande silêncio que engole tudo. E eu pergunto: é castigo ou misericórdia?

Edwin levantou-se abruptamente, caminhando até o homem nu. Ele ajoelhou-se, ficando cara a cara com o homem amarrado.

— Você acredita em Deus? — perguntou ele, a voz subitamente gentil, quase doce. — Não precisa

responder. Posso ver em seus olhos. — Ele riu novamente, mas desta vez havia algo de insano no som. — E quanto ao outro? Você acredita no Diabo? Eu acredito. Ele vem me visitar, sabe?

O homem nu arregalou os olhos. Edwin inclinou-se mais perto, como se estivesse compartilhando um segredo íntimo.

— Ele não é como dizem — sussurrou. — Não tem chifres ou um tridente. Não. Ele é... charmoso. Sedutor. — A expressão de Edwin mudou para algo sombrio e fascinado ao mesmo tempo. — Ele sussurra coisas que fazem sentido. Coisas que você não quer ouvir, mas sabe que são verdade. "Você merece isso, Edwin." "Eles te esqueceram." "Por que não aproveita?"

Ele afastou-se, rindo novamente, mas agora a risada era cheia de algo perigoso.

— E então há Deus — continuou Edwin, virando-se para encarar a janela. — Sempre o mesmo silêncio. Sempre a mesma ausência. Acho que sou uma peça no tabuleiro d'Ele. Ou talvez, um erro que Ele esqueceu de apagar.

O homem nu começou a tremer. Ele podia sentir a loucura de Edwin crescendo, como um rio que transborda suas margens. Mas havia algo ainda mais perturbador: uma parte dele começou a acreditar nas palavras de Edwin. Porque, se Edwin estava falando com Deus e o Diabo, talvez isso explicasse o horror que eles compartilhavam.

Edwin voltou para a cadeira, cruzando as pernas casualmente, como se acabasse de participar de uma conversa trivial.

— Sabe o que acho? — Ele sorriu, mas havia algo cruel naquele sorriso. — Acho que Deus e o Diabo são a mesma coisa. Dois lados do mesmo rosto. Um testa você, o outro pune. E no final, nenhum deles dá a mínima.

O homem nu deixou escapar um som rouco, um gemido de desespero misturado com uma súplica muda. Edwin inclinou a cabeça, observando-o como um predador analisando sua presa.

— Não chore, amigo — disse ele, quase carinhosamente. — Talvez sejamos apenas peças em um tabuleiro de dama. Ou talvez... talvez eu seja Deus. Talvez você seja o Diabo. Quem pode dizer?

Ele se levantou novamente, começando a andar pela cabana. Cada passo parecia um golpe de martelo, reverberando no espaço confinado.

— Talvez seja isso que Ele quer que eu descubra — murmurou Edwin, falando mais para si mesmo agora. — Quem sou eu? Um anjo caído? Um homem quebrado? Ou só um reflexo d'Ele?

O vento do lado de fora uivava mais alto, como se o próprio mundo estivesse reagindo ao monólogo de Edwin. O homem nu começou a chorar, lágrimas quentes escorrendo por seu rosto enquanto sua mente oscilava entre a realidade e o pesadelo compartilhado com Edwin.

E Edwin? Ele apenas riu novamente, uma risada oca e vazia, que não terminaria tão cedo.

Enquanto a madrugada avançava, o ambiente na cabana parecia ganhar uma vida própria. As sombras se moldavam pela chama oscilante da lamparina. Edwin estava parado no centro do aposento, o olhar fixo em algum ponto indistinto no teto, os lábios sussurrando palavras que o homem nu não conseguia discernir. Sua postura era rígida, como se estivesse em um transe.

— Você ouviu isso? — Ele está aqui.

— Quem? — sussurrou o homem nu, sua voz quase inaudível devido ao estado de exaustão.

— Deus — respondeu Edwin. — Ele finalmente respondeu. Mas não como eu esperava. Ele está... cantando.

Edwin caminhou até a janela, escancarando-a com um movimento abrupto. O vento frio invadiu o aposento, o homem nu tremeu, não apenas de frio, mas de medo. Edwin estava imóvel, encarando o vazio do lado de fora, seus olhos brilhando com uma intensidade sobrenatural.

— Ou talvez seja o outro — continuou Edwin, sua voz adquirindo um tom mais sombrio. — Eles têm vozes semelhantes, sabe? Quase indistinguíveis. É isso que os torna tão perigosos. Como você pode escolher um lado quando ambos soam iguais?

Ele se afastou da janela, fechando-a com força antes de se virar para o homem nu.

— Vamos fazer um experimento — disse Edwin, caminhando em direção ao homem nu. — Vamos ver qual deles responde primeiro.

O homem nu tentou falar, mas sua garganta não emitiu som algum. Ele estava preso, tanto fisicamente quanto pela hipnose do momento. Edwin ajoelhou-se diante dele novamente.

— Você é um homem de fé? — perguntou Edwin, inclinando a cabeça como um animal curioso. — Ou é como eu, perdido no caos?

O homem nu não respondeu. Não podia. Edwin sorriu, mas era um sorriso frio, desprovido de qualquer humanidade.

— Não importa — disse ele, levantando-se. — Ambos saberemos a verdade em breve. E, quando descobirmos, talvez... talvez isso acabe. Ou talvez seja apenas o começo.

Edwin voltou para sua cadeira, o homem nu, por outro lado, sentiu-se mais vulnerável do que nunca. As palavras de Edwin estavam começando a corroer sua própria percepção da realidade. Ele não sabia mais o que era real, o que era delírio, ou se a diferença entre os dois importava.

Do lado de fora, o vento continuava a uivar, como se o próprio mundo estivesse em agonia. Dentro da cabana, Edwin começou a cantar baixinho, uma melodia que parecia ter saído de um sonho distante, ou de um pesadelo.

E, no fundo de sua mente, o homem nu começou a ouvir também. Não sabia se era Deus, o Diabo, ou apenas a loucura. Mas o som estava lá, crescendo, envolvendo-o, puxando-o para um abismo do qual ele não tinha certeza se queria escapar.

— Acho que chega por hoje — murmurou, mais para si mesmo do que para o homem nu.

Edwin caminhou até uma pequena bacia de água no canto da cabana e encheu uma caneca. Suas mãos tremiam ligeiramente, mas ele segurou firme enquanto se aproximava do homem nu. Seus olhos encontraram os do homem amarrado, e, pela primeira vez, havia algo diferente neles. Não era piedade, exatamente. Talvez fosse uma sombra de humanidade que ainda resistia.

— Aqui — disse ele suavemente, aproximando a caneca dos lábios ressecados do homem nu. — Beba. Devagar.

O homem nu hesitou, mas a sede venceu. Ele sentiu a água fria tocar sua língua e descer por sua garganta seca, trazendo um alívio imediato, embora momentâneo. Edwin segurou a caneca com cuidado, quase como se estivesse lidando com algo frágil.

— Está melhor? — perguntou Edwin, sua voz baixa e gentil.

O homem nu não respondeu, mas assentiu levemente. Isso parecia ser suficiente para Edwin.

Ele colocou a caneca de lado e começou a arrumar a cabana. Pegou ferramentas espalhadas, limpou manchas de sangue do chão e organizou a mesa com precisão meticulosa.

E foi embora.

Fora da Cabana

O som abafado do despertador analógico ecoou pela casa quase vazia, marcando o início de mais um dia. Ele acordou pontualmente, como sempre fazia, sentando-se na beirada da cama enquanto esfregava o rosto. O quarto ao seu redor era simples, mas meticulosamente organizado. As paredes, pintadas em tons neutros, refletiam a luz suave que entrava pelas persianas semiabertas. Não havia quadros, nem fotos, nem objetos pessoais visíveis — apenas os móveis essenciais e uma atmosfera que parecia propositalmente desprovida de qualquer indício de história pessoal.

Edwin se levantou e seguiu para o banheiro. O espelho refletia um homem impecável: cabelos negros bem penteados, barba feita e um olhar que parecia carregar mais do que mostrava. Após um banho rápido e meticuloso, ele se vestiu. Sua escolha era sempre a mesma: uma camisa social branca imaculada, calças escuras bem ajustadas e sapatos polidos que brilhavam sob qualquer luz. Antes de sair, ele borrifou seu perfume característico, um aroma amadeirado discreto, que parecia complementar sua presença tranquila e reservada.

Na cozinha, preparou o café da manhã com movimentos automáticos. Torradas, ovos mexidos e uma xícara de café preto. Enquanto comia, seus olhos se fixaram na janela que dava para o quintal. Lá fora, uma única árvore solitária balançava ao vento, suas folhas caindo lentamente como se marcassem o passar do tempo. O silêncio da casa era interrompido apenas pelo som da colher contra a xícara e do relógio na parede.

Edwin terminou sua refeição, lavou os pratos e pegou sua pasta de trabalho antes de sair. A porta rangeu levemente ao ser fechada, um som que ele parecia nem notar. No caminho até o carro, cumprimentou os vizinhos com um sorriso educado.

— Bom dia, Dona Helena — disse ele à vizinha idosa que cuidava de suas flores no pequeno jardim.

Ela levantou os olhos e sorriu.

— Bom dia, Edwin! Que dia lindo, não é?

Ele assentiu. — Perfeito para as suas violetas. Estão cada vez mais bonitas.

Dona Helena corou ligeiramente, orgulhosa. Edwin sempre encontrava algo gentil para dizer, um gesto

simples que parecia iluminar o dia das pessoas ao seu redor.

Seu carro, um sedan prateado discreto, estava tão limpo quanto sua aparência. Edwin dirigiu calmamente até o consultório, ouvindo uma música instrumental suave no rádio. O trânsito da manhã passava sem pressa, e ele parecia completamente à vontade naquele ritmo.

Chegando ao trabalho, um consultório odontológico, Edwin era tão organizado quanto sua casa. As paredes azul-claro transmitiam tranquilidade, enquanto uma música ambiente instrumental preenchia o espaço. A recepção estava impecável, e os pacientes já aguardavam sua vez. Edwin cumprimentou a equipe com um sorriso caloroso.

— Bom dia, Edwin! Hoje temos uma agenda cheia, mas nada que você não consiga lidar — disse Mia, a recepcionista, com um sorriso animado.

Ele riu levemente. — Ótimo. Vamos começar.

O primeiro paciente do dia era uma criança de seis anos, visivelmente assustada. Edwin se abaixou até a altura dela, sorrindo gentilmente.

— Você sabe por que os dentes querem ir ao dentista? — perguntou ele.

A menina balançou a cabeça, ainda desconfiada.

— Porque querem ficar brilhando como estrelas! — Ele piscou para ela, e a criança sorriu timidamente.

A consulta foi tranquila, e a mãe da menina agradeceu efusivamente.

— Você tem um dom com crianças — disse ela, enquanto saía.

Ao longo do dia, Edwin atendeu pacientes de todas as idades. Havia a senhora idosa que sempre trazia biscoitos caseiros e o jovem executivo que não conseguia desgrudar do celular. Edwin era atencioso com todos, respondendo perguntas com paciência e oferecendo palavras de conforto. Seus colegas admiravam sua dedicação e frequentemente pediam conselhos.

No horário de almoço, ele se juntou a um grupo de colegas em um restaurante próximo. A conversa fluía naturalmente, cheia de risadas e histórias.

— Edwin, como você consegue estar sempre tão impecável? — brincou Cooper, um dentista conhecido por seu humor descontraído.

— Segredo profissional — respondeu Edwin, com um sorriso enigmático. — Mas posso garantir que envolve menos esforço do que parece.

Todos riram, e a conversa continuou, ganhando um tom mais descontraído. Mia contou sobre um paciente particularmente teimoso que se recusava a usar o fio dental, levando todos a gargalharem de sua imitação dramática do homem. Edwin, com seu sorriso habitual, entrou na conversa.

— Isso me lembra de um paciente que eu tive há alguns meses — disse ele, pousando o copo de suco sobre a mesa. — Era um senhor muito simpático, mas ele tinha a mania de trazer o próprio espelho de aumento para "conferir" o meu trabalho. Ele dizia: "Dr. Edwin, não leve a mal, mas preciso ver se está tudo no lugar."

Os colegas riram alto, e Cooper comentou, entre risadas:

— Você deveria ter oferecido o consultório para ele! Quem sabe ele quisesse assumir o trabalho.

Edwin riu junto, balançando a cabeça.

— E sabe o que é pior? Ele realmente sabia identificar os mínimos detalhes. Até me corrigiu uma vez! Mas, no fim, ele era tão grato e educado que você não podia nem ficar aborrecido. Depois de cada consulta, ele deixava um bilhete no balcão da recepção agradecendo pelo atendimento impecável.

A mesa explodiu em mais risadas e comentários. Clara acrescentou:

— Você tem sorte, Edwin. Os meus "agradecimentos" geralmente vêm em forma de críticas de que "o motorzinho faz muito barulho".

Edwin sorriu, recostando-se na cadeira. Ele gostava da interação com os colegas, sentia-se parte de algo maior, mesmo que sua própria vida fosse cercada por um silêncio que ninguém parecia notar. Naquele momento, a leveza da conversa o fazia esquecer, mesmo que por um instante, o peso que carregava dentro de si.

Depois do expediente, o grupo decidiu estender o encontro em um bar próximo. O lugar era acolhedor, com luzes suaves e música ao vivo. Edwin pediu uma dose de uísque e relaxou enquanto ouvia as conversas ao redor.

— Sabe, Edwin, você devia sair mais com a gente — disse Mia. — Você é sempre tão reservado.

Ele sorriu. — Talvez eu deva. Vocês são uma ótima companhia.

O bar estava lotado o suficiente para criar uma atmosfera vibrante, mas ainda confortável. Edwin e seus

colegas se acomodaram em uma mesa grande próxima ao palco onde um músico tocava um violão suave, preenchendo o ambiente com melodias que se misturavam ao burburinho das conversas.

Mia foi a primeira a levantar a taça. — A um dia cheio, mas produtivo! E, claro, ao melhor grupo de dentistas desta cidade! — disse, piscando de forma brincalhona.

Todos brindaram, e Cooper, sempre o palhaço da turma, adicionou: — E ao nosso Edwin, que provavelmente já ganhou o prêmio de dentista mais cheiroso do ano! — Ele riu alto, arrancando gargalhadas do grupo.

Edwin, com seu sorriso reservado, balançou a cabeça. — Bem, Cooper, se isso for verdade, você é o forte concorrente ao prêmio de "o maior contador de histórias". Sério, quantos pacientes você já convenceu de que tem um diploma de comediante?

As risadas vieram novamente, e Cooper ergueu as mãos como se se rendesse. — Não posso evitar. O humor é a melhor anestesia! Não é o que dizem?

Mia aproveitou a deixa. — Bem, falando em anestesia, vocês não vão acreditar no que aconteceu comigo hoje. Eu estava explicando para um paciente como o uso correto do fio dental pode prevenir cáries, e ele respondeu: "Ah, mas eu uso o fio só quando quero desentupir algo que ficou preso." Vocês acreditam nisso?

A mesa explodiu em risadas, e Edwin acrescentou: — Parece que temos que mudar nossa abordagem. Talvez devêssemos começar a vender fio dental como um "kit de ferramentas multifuncionais".

Mais risos preencheram o ar, e Mia brincou: — Ah, Edwin, sempre com essas tiradas inteligentes. Acho que você está escondendo seu talento verdadeiro. Alguma vez já pensou em se apresentar como comediante?

Ele fez um gesto dramático, fingindo ponderar. — Acho que não. Prefiro deixar o estrelato para o Cooper.

Cooper levantou o copo, fingindo aceitar um prêmio invisível. — Obrigado, obrigado. Gostaria de agradecer a todos vocês por me inspirarem. E, é claro, a todos os pacientes que me ensinaram o que é coragem ao enfrentarem meu humor!

A música mudou para algo mais animado, e Mia puxou todos para uma breve dança improvisada. Edwin, sempre reservado, ficou em seu lugar, observando com um sorriso discreto. Ele gostava de vê-los se divertindo, sentindo-se mais parte do grupo do que talvez admitisse.

Quando todos voltaram à mesa, ainda rindo e um pouco ofegantes, Cooper fez questão de compartilhar mais uma de suas histórias absurdas. — Vocês sabem que ontem, quando fui pegar um paciente na recepção, ele olhou para mim e disse: "Você é o dentista? Você não tem cara de dentista." E eu respondi: "E você não tem cara de quem escova os dentes." Foi uma troca sincera!

As gargalhadas foram tão altas que até o garçom, que servia mais uma rodada de bebidas, não conseguiu segurar um sorriso. Mia, ainda rindo, balançou a cabeça. — Clara, é um milagre você ainda ter pacientes com essa sua língua afiada.

Edwin aproveitou o momento para pedir um brinde especial. Levantando seu copo de uísque, disse: — À nossa equipe, que faz de um trabalho sério algo tão prazeroso. Vocês tornam cada dia mais leve, e eu sou grato por isso.

Os olhares ao redor da mesa suavizaram-se. Mia tocou o copo no dele, sorrindo. — Você é um de nós, Edwin. Nunca se esqueça disso.

A conversa continuou até altas horas, cheia de histórias, piadas e momentos de descontração que fizeram o tempo voar. Apesar das risadas e do calor humano, havia algo em Edwin que, mesmo imerso naquele ambiente alegre, parecia pertencer a um mundo à parte. Uma dualidade que ninguém conseguia decifrar completamente.

O Encontro no Beco

Ao final da noite, Edwin caminhava sozinho pelas ruas desertas, seus passos ecoando contra o asfalto úmido. O vento frio cortava o silêncio como uma lâmina, enquanto os postes de luz projetavam sombras que se contorciam ao ritmo das folhas dançantes nas árvores próximas. Ele puxou o casaco para mais perto do corpo, a gola alta encobrendo parte de seu rosto, como se quisesse se proteger tanto do frio quanto do vazio que preenchia aquelas ruas.

Passando por uma esquina, seus olhos encontraram os de uma mulher encostada em um poste. Ela estava vestida com um casaco fino e uma saia que não combinavam com a temperatura da noite. Seu rosto estava levemente iluminado pela luz alaranjada da lâmpada acima, revelando traços cansados, mas ainda assim marcados por uma beleza discreta. Havia algo em seu olhar — uma mistura de desafio e resignação — que fez Edwin parar por um momento, quase hesitante. Sem

trocar uma palavra, ele fez um leve movimento com a cabeça, e ela entendeu o convite implícito.

Eles caminharam em silêncio até um beco próximo, onde as luzes dos postes não alcançavam. A escuridão ali parecia quase palpável, densa, mas Edwin não se incomodava. Ele escolheu um canto mais afastado, próximo a uma pilha de caixas e sacos de lixo que exalavam um odor que ele ignorou completamente. A mulher o seguiu, mantendo uma distância calculada até que ele parasse.

— Frio hoje, não é? — ela comentou, com uma voz rouca, talvez resultado de uma noite inteira ao relento.

Edwin tirou as luvas de couro lentamente, guardando-as no bolso do casaco. — Sim, bastante — respondeu, com uma gentileza inesperada que pareceu desarmá-la por um instante.

O encontro foi breve, mas carregado de uma intensidade que transcendia o espaço onde acontecia. A escuridão do beco, densa e claustrofóbica, parecia observá-los como uma testemunha silenciosa. Edwin encostou-se contra a parede fria e áspera, sentindo a umidade que se infiltrava pelo tecido do casaco. Seus olhos demoraram-se na mulher à sua frente, estudando os traços de um rosto que parecia tanto resignado quanto desafiador.

Ela se aproximou com passos medidos, cada movimento exalando uma mistura de confiança ensaiada e cansaço. A luz que escapava tenuemente do poste distante tocava sua pele em fragmentos, realçando um detalhe aqui, obscurecendo outro ali. O vento carregava o cheiro azedo das caixas e sacos de lixo amontoados, mas não havia um sinal de incômodo em nenhum dos dois. Ali, naquele momento, era como se os sentidos

fossem seletivos: o mundo ao redor era um borrão indistinto que não importava.

Quando ela finalmente parou diante dele, a distância era tão pequena que ele podia ouvir sua respiração, um som rápido e irregular. Edwin ergueu uma das mãos, hesitando por uma fração de segundo antes de deixá-la repousar suavemente no ombro dela. O contato era tão leve que parecia quase fantasmagórico, mas ela não recuou. Pelo contrário, inclinou-se para frente, reduzindo ainda mais o espaço entre eles. O frio do ambiente parecia colidir com o calor que emanava dos corpos tão próximos, criando uma tensão quase tangível.

— Vamos terminar logo com isso — ela murmurou, a voz baixa como se temesse que a noite pudesse escutá-los.

Ele assentiu lentamente, os olhos presos aos dela por um momento longo e incômodo. Havia uma estranheza na expressão de Edwin, como se ele estivesse ao mesmo tempo presente e ausente. Ele tirou as luvas de couro, os movimentos deliberados, cada gesto parecendo carregar um peso invisível. As mãos nuas, expostas ao frio, tremiam levemente, mas não pelo clima.

A interação que se seguiu foi marcada por um contraste gritante entre o mecanicismo dos atos e a riqueza dos pequenos detalhes. O som das roupas sendo deslocadas, o contato da pele áspera de Edwin contra a dela, os suspiros que escapavam, quer de desconforto, quer de uma rendição momentânea àquele instante. Cada movimento parecia ao mesmo tempo ensaiado e imperfeito, como se ambos estivessem seguindo um roteiro que nenhum deles escrevera, mas que conheciam de cor.

A respiração de Edwin era irregular, entrecortada por momentos em que ele parecia conter o fôlego, talvez por vergonha, talvez por arrependimento. Ele não conseguia evitar que sua mente vagasse, mesmo enquanto seu corpo seguia os gestos esperados. Em flashes, ele via imagens de outros momentos, outros lugares, outros rostos. Tudo parecia se misturar — o presente, o passado, o peso de escolhas que o levaram até ali.

Por outro lado, a mulher mantinha uma expressão neutra, quase profissional. No entanto, havia algo nos pequenos detalhes que a traía — um franzir de sobrancelhas, uma rápida mordida no lábio inferior. Quando ela encontrou os olhos de Edwin por um breve instante, parecia haver ali uma fagulha de compreensão, um reconhecimento silencioso de que ambos eram cúmplices de uma mesma tragédia.

Quando tudo terminou, o silêncio voltou a envolver o beco como um cobertor pesado. Edwin ajeitou o casaco com movimentos lentos, como se tentasse recuperar a postura perdida. Ele tirou uma nota dobrada do bolso e a entregou a ela, mas, em um gesto inesperado, puxou mais uma e a adicionou à soma. Seus dedos roçaram os dela por um breve instante durante a troca, e ele sentiu a aspereza de sua pele, marcada pelo frio e pela vida que levava.

Ela ergueu os olhos, surpresa pela generosidade adicional. Por um momento, pareceu prestes a dizer algo, mas se conteve. Em vez disso, apenas assentiu, guardando o dinheiro na pequena bolsa que trazia presa à cintura.

— Cuide-se — ele disse, a voz baixa, quase imperceptível.

Edwin virou-se e começou a caminhar em direção à rua principal. Cada passo parecia um desafio, como se o peso de seus pensamentos se acumulasse em seus pés, arrastando-os pelo chão. Enquanto avançava, sua mente oscilava entre o que havia acabado de acontecer e um vazio desconfortável que ameaçava consumi-lo. Ele tentou focar em algo concreto — o som distante de um carro, o farfalhar das folhas —, mas essas distrações eram frágeis, incapazes de abafar a cacofonia interna de sua culpa e exaustão. O ar frio da noite parecia cortar sua pele, mas Edwin não puxou o casaco para se proteger; a sensação era quase um castigo que ele aceitava em silêncio. A sensação de vazio que ele carregava não havia diminuído; pelo contrário, parecia ter se tornado ainda mais pesado. A noite, com seu vento cortante e sombras dançantes, não oferecia consolo.

Atrás dele, a mulher permaneceu parada por alguns segundos, observando enquanto ele desaparecia na escuridão. Havia algo em sua expressão que misturava exaustão e curiosidade, como se tentasse compreender o homem que acabara de deixar. Finalmente, ela virou-se e seguiu em outra direção, seus passos rápidos e decididos, como se quisesse deixar aquela cena para trás o mais depressa possível.

No silêncio que se seguiu, o mundo parecia retomar sua rotina invisível. Um carro passou ao longe, o som de seus pneus ressoando como um eco distante. Edwin continuou sua caminhada, perdido em um mar de pensamentos. Ele não sabia explicar o porquê, mas sentia que aquela noite não o deixaria tão cedo. A memória daquele encontro ficaria presa, como uma farpa que insiste em permanecer sob a pele, invisível, mas sempre presente.

O Porão

De volta à sua casa, Edwin trancou a porta atrás de si e se encostou por um momento, sentindo o peso das chaves ainda em sua mão. O silêncio da casa parecia quase vivo, pulsando em suas paredes como um coração que batia devagar demais. Ele caminhou para o porão, cada degrau rangendo sob seus pés, o som amplificado na escuridão vazia.

As caixas estavam lá, empilhadas como sempre, mas agora pareciam mais imponentes, quase ameaçadoras. Cada uma delas carregava um peso que ia além de sua estrutura física. Para Edwin, aquelas caixas eram mais do que recipientes de papel e objetos — eram sarcófagos de um passado que ele se esforçava para manter trancado. As marcas de mofo nos cantos e as etiquetas borradas pareciam zombar dele, lembrando-o das promessas não cumpridas, das perdas e das escolhas que o haviam levado àquele momento.

Ele sabia o que havia dentro de cada uma delas, mas o simples ato de encará-las já fazia sua respiração ficar mais pesada, como se o ar ao redor carregasse a mesma densidade emocional que as caixas encerravam. Elas pareciam observá-lo, imóveis, mas vivas, portadoras de segredos que ele não tinha coragem de visitar. Os nomes borrados nas etiquetas, invisíveis para qualquer um que não fosse Edwin, eram um lembrete constante de memórias que ele preferia esquecer. Ele pegou o copo de uísque que havia deixado no corrimão na noite anterior e o encheu novamente, o líquido âmbar brilhando sob a luz fraca do porão.

Sentado no último degrau, ele olhou para as caixas. Algumas tinham marcas de mofo nos cantos; outras

estavam intactas, como se nunca tivessem sido abertas. Mas ele sabia o que havia dentro de cada uma. Fotos, cartas, objetos que pertenciam a um tempo e a pessoas que agora existiam apenas em sua mente. Ele pegou uma delas — a menor, no topo da pilha — e passou os dedos sobre a tampa, hesitando.

Quando finalmente a abriu, o cheiro de papel envelhecido encheu o ar, uma mistura agri-doce de umidade, poeira e o leve toque de tinta há muito desbotada. O odor tinha um peso nostálgico, quase tangível, como se carregasse a essência de todos os anos que haviam se acumulado naquela pequena caixa. Havia algo reconfortante e, ao mesmo tempo, melancólico naquele aroma, evocando memórias de tempos melhores e piores, tudo entrelaçado em um único instante sensorial. Edwin inalou profundamente, permitindo-se afundar brevemente na enxurrada de sentimentos que aquele simples cheiro desencadeava, um testemunho silencioso de um passado que nunca o deixava em paz. Dentro, havia um envelope com um nome escrito em uma caligrafia trêmula.

Ele pegou o envelope e o abriu, retirando uma foto. A imagem mostrava um rosto que ele conhecia bem demais. Por um momento, o tempo pareceu parar, e ele sentiu uma pontada no peito, como se a memória tivesse ganhado forma e o acertado diretamente.

As lágrimas vieram devagar, silenciosas, enquanto ele segurava a foto com as mãos trêmulas. Cada gole de uísque queimava sua garganta, mas não era o suficiente para afogar as emoções que o inundavam. Ele tentou respirar fundo, mas o ar parecia pesado, como se o próprio porão estivesse conspirando contra ele.

Edwin ficou ali por horas, imóvel, a foto ainda em suas mãos. Enquanto seus olhos percorriam a imagem, cada detalhe parecia gritar uma história que ele tentava desesperadamente esquecer. Ele viu o sorriso congelado na fotografia, um sorriso que agora parecia zombar dele, lembrando-lhe de dias que eram mais leves, de escolhas que não haviam sido carregadas pelo peso da culpa. Sua mente vagava, puxando lembranças como um turbilhão: o som de risadas que há muito haviam desaparecido, o calor de mãos que um dia seguraram as suas com esperança. Ele se perguntou quantas vezes o passado pode ser revisitado antes de começar a corroer o presente.

As lágrimas rolavam silenciosas, mas sua respiração era pesada, entrecortada por soluços que ele não conseguia mais conter. Cada minuto que passava diante daquela foto era como enfrentar um espelho cruel que refletia tudo o que ele havia perdido e tudo o que ele se tornara. Quando finalmente o sono o venceu, ele caiu para o lado, o copo vazio rolando pelo chão de concreto. A casa mergulhou em um silêncio profundo, mas o porão parecia murmurar segredos que ninguém mais ouviria, como um sussurro entre sombras que carregava uma promessa obscura e não cumprida.

Havia uma vibração quase imperceptível no ar, um pressentimento que fazia os pelos da nuca de Edwin se arrepiarem. Cada estalido na madeira velha, cada suspiro do vento filtrando-se pelas frestas das paredes, parecia carregar fragmentos de algo perdido — ou escondido. Era como se o próprio porão respirasse, guardando mistérios que esperavam ser desvendados, mas que também imploravam para permanecer intocados. Os ecos de suas memórias persistiam, preenchendo o espaço vazio de uma maneira que o uísque jamais conseguiria dissipar.

Um novo dia

Quando Edwin acordou na manhã seguinte, um peso diferente pairava no ar, como se a casa inteira estivesse suspensa em expectativa. Ele não sabia dizer quanto tempo havia passado desde que desceu para o porão na noite anterior. O copo de uísque ainda estava no chão, vazio, e a foto... A foto estava em suas mãos, amassada pelo aperto inconsciente de seus dedos durante a noite.

Ele piscou algumas vezes, tentando afastar a névoa que cobria sua mente. Sua cabeça latejava, um martelar constante que parecia estar em sincronia com a sensação opressiva que se instalara em seu peito. Ele se levantou lentamente, sentindo o frio do chão de concreto sob os pés descalços. A casa estava estranhamente quieta. Não era apenas a ausência de sons comuns – como o ranger das paredes antigas ou o estalo ocasional dos móveis –, era um silêncio mais profundo, algo que parecia se expandir por todos os cantos, preenchendo os vazios com algo invisível, mas palpável.

Edwin subiu os degraus com passos arrastados, o som de suas meias contra a madeira ecoando de forma desconfortavelmente alta. Ele parou por um momento ao alcançar o topo da escada, o olhar perdido na sala de estar à sua frente. As sombras do amanhecer projetavam-se nas paredes, criando formas que pareciam se mover ligeiramente, como se algo estivesse à espreita na periferia de sua visão. Ele balançou a cabeça, tentando afastar o que sabia ser apenas o produto de sua mente exausta.

Mas a sensação de que algo estava diferente persistia.

O relógio na parede marcava 6h23. O ponteiro dos segundos fazia um som seco, quase irritante, que parecia ecoar mais alto do que deveria. Edwin passou a mão pelo rosto, sentindo a aspereza da barba por fazer. Ele não tinha tempo para pensar - ou talvez estivesse tentando evitar pensar.

A casa parecia mais vazia do que nunca enquanto ele se movia pelos cômodos. Cada passo soava mais alto do que o normal, como se as tábuas do chão estivessem conspirando para lembrá-lo de sua solidão. A cozinha estava imaculada, como se ele não tivesse vivido ali por anos. Edwin preparou café, mas o gosto amargo parecia errado, como se o próprio café estivesse contaminado pela tensão que preenchia o ar.

Ele olhou pela janela. Tudo o que via era o campo raso que cercava sua casa. O milharal estava longe dali, tão distante que parecia pertencer a outro mundo. Ele sabia que a distância era um obstáculo físico, mas o que realmente o separava era algo mais - algo emocional, quase espiritual.

Ele pegou as chaves do carro e saiu pela porta da frente. O ar frio da manhã o atingiu como uma bofetada, cortando sua pele e o despertando por completo. O silêncio lá fora era ainda mais opressor do que dentro da casa. Nenhum pássaro cantava, nenhuma folha se movia. Era como se o mundo inteiro estivesse prendendo a respiração.

Edwin entrou no carro, ligou o motor e começou a dirigir. A estrada de terra serpenteava por entre campos vazios e árvores esparsas, cada curva trazendo-o mais perto do lugar que ele temia. O rádio estava desligado - ele não suportava a ideia de ruído. Tudo o que queria era

o som do motor e o ranger ocasional dos pneus contra o cascalho.

O milharal surgiu no horizonte como uma parede intransponível, um mar dourado e verde que se estendia até onde a vista alcançava. Edwin parou o carro na beira da estrada, o motor ainda ligado, como se estivesse indeciso. Suas mãos seguravam o volante com força, os nós dos dedos ficando brancos. Ele olhou para o campo à sua frente, sabendo que não havia como evitar o que estava por vir.

Desligou o motor e saiu do carro. O som da porta se fechando pareceu ecoar pela paisagem silenciosa. Edwin olhou para o milharal. Era muito mais denso do que ele se lembrava. Cada espiga parecia mais alta, mais grossa, quase como se o campo tivesse crescido especificamente para bloqueá-lo. Ele caminhou até a borda do campo, suas botas esmagando a grama seca sob os pés.

Entrar no milharal foi como cruzar um limiar invisível. O ar parecia diferente ali dentro - mais pesado, mais úmido. A luz do sol mal conseguia atravessar as hastes, criando um ambiente de sombras e penumbra. Edwin caminhava devagar, os braços afastando as folhas que insistiam em arranhar seu rosto e seus ombros. Cada passo parecia mais difícil, como se o chão estivesse tentando agarrá-lo.

O silêncio ali era absoluto, quebrado apenas pelo som de suas botas e o farfalhar das plantas. Mas então ele ouviu. Primeiro, foi um estalo à sua esquerda. Depois, um sussurro baixo que parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo. Ele parou, o coração disparado, os olhos arregalados enquanto tentava encontrar a origem do

som. Mas não havia nada. Apenas o milharal, denso e impenetrável.

Ele continuou andando, mesmo que cada fibra do seu ser estivesse gritando para ele parar. Havia algo esperando por ele, e ele sabia disso. Não era apenas um pressentimento; era uma certeza.

Finalmente, a cabana surgiu à sua frente, escondida entre as fileiras intermináveis de milho. Ela parecia menor do que ele se lembrava, mais velha, mais desgastada. As tábuas estavam podres, cobertas de musgo e sujeira, como se ninguém tivesse colocado os olhos nela por décadas. O telhado estava afundado em alguns pontos, e as janelas eram fechadas, lacradas que encaravam Edwin como olhos vazios.

O lugar era tão isolado que parecia existir fora do mundo. Era o tipo de lugar que alguém passaria sem notar, que alguém esqueceria assim que virasse as costas. Mas para Edwin, ela era tudo. Era o começo e o fim, o alfa e o ômega de sua história.

Ele parou a alguns metros da porta. O som de sua própria respiração era alto demais, cada exalação um lembrete de que ele ainda estava vivo. Mas a pergunta que ecoava em sua mente era: por quanto tempo?

Estava quieta. Mortalmente quieta. Mas ele sabia que não estava vazia.

Ele continuou andando, o coração martelando no peito como se quisesse escapar. Cada passo parecia mais difícil, como se algo estivesse tentando segurá-lo, puxá-lo para trás. Mas ele não podia parar. Ele sabia para onde estava indo. Sabia o que tinha que fazer.

E então ele entrou na cabana.

Hoje

Os sons eram tudo o que ele tinha agora. Fragmentos desconexos que flutuavam pela cabana como fantasmas de um mundo que ele não podia mais alcançar. O tic-tac monótono de um relógio invisível. O ranger sutil das tábuas do piso, como se o lugar estivesse vivo e respirando ao seu redor. E o mais horrível de todos: o som de sua própria respiração, entrecortada e úmida, ecoando em sua mente como um lamento contínuo.

A dor era sua companheira constante. As cordas apertadas nos pulsos e tornozelos haviam se tornado parte de sua existência, como extensões grotescas de sua carne. A superfície da mesa onde estava preso era fria, impiedosa, mas até isso começava a parecer distante. Sua mente, no entanto, não lhe concedia descanso. Ela fervilhava de memórias fragmentadas e pensamentos sufocantes, cada um tentando preencher o vazio crescente que Edwin insistia em criar.

Edwin. O nome pulsava como um mantra sombrio. Ele estava ausente no momento, mas a ausência era quase pior. A cabana parecia respirar junto com ele, seus espaços preenchidos pela ameaça iminente de seu retorno.

Naquele dia, algo mudou. Sons chegaram de fora, quebrando o isolamento como um punhal na escuridão. Risadas. Claras e leves, como o canto de um pássaro em uma manhã esquecida. Ele congelou, seu corpo inteiro enrijecendo enquanto tentava ouvir melhor. Passos. Vozes. Adultos e crianças. Pessoas normais. O tipo de gente que ele não via desde... desde antes.

“Socorro” ele tentou gritar, mas sua voz saiu como um chiado, fraca e rouca. Ele tossiu, forçando-se mais. “SOCORRO!” O grito saiu torto, mas carregado de desespero. Ele contorceu o corpo, ignorando a dor que explodia em cada nervo, tentando criar qualquer som, qualquer sinal de que estava ali. O suor escorria de sua testa, misturando-se com lágrimas que ele já não conseguia conter.

Lá fora, as vozes continuaram, um murmurinho distante que parecia brincar com os restos de sua esperança. Ele tentou se concentrar, como se pudesse puxar aquelas vozes para mais perto apenas com a força de sua vontade. O som de uma bola quicando ecoou em sua mente como o pulsar de um coração distante. Risadas infantis seguiram, leves e despreocupadas, um som que parecia carregado de vida — a vida que ele não podia mais tocar.

“Socorro,” ele tentou gritar, mas sua voz não passou de um gemido rouco. Ele tossiu, sentindo a garganta arranhar como se estivesse cheia de cacos de vidro. Seu corpo inteiro tremia, cada músculo uma mistura de dor e exaustão. “SOCORRO!” O grito veio de um lugar profundo, um lugar que ele nem sabia que ainda existia. Foi uma explosão de puro desespero.

Ele se contorceu na mesa, ignorando as cordas que cortavam sua pele como lâminas invisíveis. O suor escorria por seu rosto, misturando-se com lágrimas enquanto ele lutava contra o inevitável. Os pulsos ardiavam sob as amarras, mas ele puxava, puxava como se sua vida dependesse disso — porque dependia.

“Por favor!” ele gritou novamente, a voz quebrada. “ME AJUDEM!”

Por um momento, ele achou ter ouvido uma pausa lá fora. As risadas diminuíram, os passos pareceram hesitar. Ele congelou, os ouvidos atentos, o coração batendo tão alto que ele mal conseguia distinguir entre o som interno e externo. A esperança, cruel e insistente, levantou sua cabeça dentro dele como uma chama tremeluzente.

E então, o som de vozes voltou, mas agora mais distante. Ele ouviu a bola quicando novamente, o riso despreocupado das crianças, e percebeu que eles estavam indo embora. Sua esperança, que um segundo antes parecia renascer, se desfez em um instante, esmagando-o sob seu peso.

“Por favor...” ele sussurrou, quase sem forças. Sua voz era uma sílaba solitária que se perdeu na vastidão da cabana, no vácuo entre ele e a liberdade. Cada segundo que passava fazia as vozes diminuírem ainda mais, como uma brisa que desaparece no horizonte. Ele se imaginou berrando novamente, mas sabia que suas cordas vocais estavam destruídas. Não havia mais nada.

E assim, com um soluço engasgado, ele desabou na mesa. Suas mãos pararam de lutar contra as cordas, sua cabeça pendeu para o lado, e ele deixou as lágrimas escorrerem. Elas eram mornas contra sua pele fria. Ele tentou compreender como a esperança podia ser tão cruel, tão enganosa. Fechou os olhos, sentindo o corpo inteiro afundar na impotência absoluta.

Mas, como uma brisa que desaparece no horizonte, lágrimas silenciosas escorreram por seu rosto enquanto ele encarava o teto, tentando compreender como a esperança podia ser tão cruel.

E foi então que a porta se abriu.

O ranger das dobradiças cortou o silêncio como um grito abafado. Ele não precisou virar a cabeça para saber quem era. Edwin entrou devagar, seus passos deliberados, quase cerimoniais. O homem nu sentiu cada músculo de seu corpo enrijecer enquanto o terror tomava conta.

“Houve festa aqui enquanto eu estava fora?” A voz de Edwin era cheia de ironia, mas, desta vez, algo em seu tom parecia quase distraído, como se ele estivesse encenando uma peça cujo roteiro apenas ele entendia. Ele deu um passo à frente, observando o homem nu com um olhar desconcertantemente sereno. “Tentando chamar atenção, não é? Pensou que eles entrariam aqui, brandindo espadas de fogo, como heróis saídos de um conto de fadas?”

Ele riu, mas não era uma risada cruel. Era um som estranho, quase caloroso, como se estivesse se divertindo genuinamente com a ideia. Ele inclinou a cabeça para o lado, como um contador de histórias que se prepara para partilhar uma fábula.

“Você conhece a história dos ratos e do Flautista de Hamelin?” Edwin começou, girando uma pequena agulha entre os dedos, mas sem pressa em usá-la. “Ah, é uma das minhas preferidas. A cidade infestada de ratos, as pessoas desesperadas. Eles imploram ao Flautista que os livre daquela praga, e ele o faz, claro. Mas quando chega a hora de pagar, ninguém quer cumprir a promessa. Que ingrato, não é?” Ele se abaixou um pouco, o olhar encontrando o do homem preso. “Você sabe o que ele fez depois, não sabe?”

Edwin não esperou uma resposta. “Ele tocou sua flauta de novo, mas desta vez, não foram os ratos que o seguiram. Foram as crianças. Todas elas, andando em

fila, enfeitiçadas, para nunca mais serem vistas.” Ele deu uma pausa, seus olhos brilhando com algo que poderia ser descrito como fascinação. “E o mais interessante? Ninguém nunca pensa no Flautista. Ele era apenas um homem, sabe? Um homem fazendo o que sabia fazer melhor.”

A voz de Edwin ficou mais suave, quase hipnótica. “Imagine isso: um homem solitário, vagando por cidades, carregando apenas sua música e uma promessa de livrar o mundo de problemas. Ele não era um monstro, era? Ele era um salvador. Até que alguém decidiu que ele não merecia ser pago.”

Edwin deu um passo para trás, erguendo a agulha para examiná-la à luz fraca. “Às vezes, eu me pergunto. Será que o Flautista sentia remorso? Será que ele lamentava pelas crianças? Ou será que, no fundo, ele sabia que estava apenas respondendo à ingratidão do mundo?”

O silêncio pairou pesado na cabana. Edwin olhou para o homem com uma expressão quase paternal. “Você acha que há heróis lá fora. Que alguém vai tocar uma flauta mágica e entrar aqui para salvar você. Mas eu vou te contar um segredo.” Ele se inclinou, sussurrando, a voz quase um sibilo. “O Flautista não existe. E, se existisse, ele estaria tocando para outra audiência.”

Ele se afastou, a agulha finalmente descendo com precisão em direção ao braço do homem nu. Mas o olhar de Edwin era distante, como se ainda estivesse absorto em sua história, perdido nas camadas de significado que apenas ele parecia entender. “Agora, vamos começar. E, quem sabe, talvez hoje você aprenda uma nova moral para essa história.”

Edwin riu, uma risada seca que parecia ecoar em todas as direções. Ele ergueu algo que brilhava sob a luz fraca: uma pequena agulha. Ele girou o objeto entre os dedos, como se fosse um brinquedo.

“Você está se perguntando o que eu vou fazer, não está? Bem, a resposta é simples: o suficiente.”

A dor veio logo depois. Não era imediata, mas metódica, construída com a precisão de um artista que conhece profundamente sua obra. Edwin não tinha pressa. Cada gesto era calculado, cada ferida feita para maximizar o sofrimento e a desesperança. Mas o pior não era o que Edwin fazia com seu corpo. Eram as palavras. Sempre as palavras.

“Olhe para você,” Edwin murmurava, sua voz deslizando pela sala como o veneno que escorre lentamente de uma lâmina afiada. Ele começou a andar em círculos ao redor da mesa, os passos deliberados ecoando no chão de madeira como um relógio de pavor. “Você realmente acha que alguém sente a sua falta? Que sua vida tem algum valor? Veja bem, a resposta está bem diante de você.” Ele fez uma pausa, inclinando-se, os olhos fixos nos do homem como se quisesse arrancar algo de dentro deles. “Ninguém veio. Ninguém virá.”

O homem tentou virar o rosto, mas Edwin segurou seu queixo com firmeza, forçando-o a manter o contato visual.

“Não desvie,” ele ordenou, sua voz baixa, mas carregada de um peso que não permitia objeções. “Quero que você ouça cada palavra, que sinta cada sílaba se enterrar em sua cabeça.”

Edwin se afastou então, como se dando um momento de falsa trégua. Ele caminhou até um canto da sala, onde

uma pequena mesa estava coberta de objetos cuidadosamente alinhados — lâminas, frascos, pinças. Ele pegou uma lâmina fina, segurando-a com delicadeza, como se fosse algo sagrado.

“Sabia,” ele começou, girando a lâmina na luz fraca, “que existem culturas onde o esquecimento é a pior das mortes? Onde, mais que a perda do corpo, o que eles temem é a perda do nome, da memória? É um conceito interessante, não acha?”

Edwin voltou para junto do homem, colocando a lâmina na mesa ao lado dele. Ele se inclinou novamente, tão perto que o homem nu podia sentir o cheiro metálico que vinha de sua pele. “Mas veja você. Aqui está, amarrado, esquecido. Alguém está procurando por você? Alguém sequer notou sua ausência?”

Ele riu, mas era um som sem alegria, vazio, cortante. “Eu acho que não. Aliás, eu sei que não. Porque o mundo lá fora é prático, entende? Ele segue em frente. Ele consome e cospe as pessoas sem nunca olhar para trás.” Edwin deu alguns passos para trás, abrindo os braços como se mostrasse algo grandioso. “E você... você foi cuspidor. Esquecido. Tornou-se parte daquilo que nem merece um segundo pensamento.”

O homem tentou não ouvir, tentou se desligar, mas as palavras entravam em sua mente como um martelo quebrando vidro. Cada frase parecia mais real que a anterior, mais difícil de negar. Ele sentia as lágrimas quentes escorrendo pelo rosto, e isso só parecia divertir Edwin ainda mais.

“Chorar não vai adiantar,” ele disse, apontando a lâmina para o homem nu como um maestro guiando sua orquestra. “Lágrimas não são redenção. São apenas um lembrete da sua impotência.”

Edwin então começou a traçar linhas invisíveis no braço do homem com a ponta da lâmina, pressionando o suficiente para que a pele reagisse, mas não para cortar. “Sabe o que é engraçado? Mesmo agora, mesmo enquanto você ouve tudo isso, há uma parte de você que ainda acredita. Ainda acredita que alguém vai aparecer, que há um herói lá fora, esperando para arrombar essa porta e salvá-lo.”

Ele sorriu, os olhos brilhando com algo próximo da euforia. “Mas eu vou te contar um segredo. Os heróis não existem. Sabe por quê? Porque eles só vivem nos contos de fadas, e contos de fadas... ah, meu caro... foram feitos para enganar crianças.”

O homem fechou os olhos com força, tentando bloquear a visão de Edwin, o som de sua voz, o peso insuportável daquelas palavras. Mas a voz continuava, insistente, se enraizando fundo em sua mente.

“Agora, veja,” Edwin continuou, segurando o rosto do homem com ambas as mãos, quase como um gesto carinhoso. “Eu não sou seu inimigo. Não, de jeito nenhum. Eu sou... como posso dizer? Um guia. Alguém que vai lhe mostrar o que realmente importa. Porque, no final, quando tudo for arrancado de você, o que restará será a verdade. E sabe qual é a verdade? Você é só uma sombra. Algo que o mundo já esqueceu.”

O homem tentou protestar, mas sua voz saiu como um sussurro fraco, sem forma, sem força. Edwin inclinou a cabeça, como se estivesse tentando ouvir, mas depois balançou a cabeça, fingindo frustração.

“Não, não, isso não é bom o suficiente. Vamos tentar de novo, sim? Quero ouvir você admitir. Quero ouvir da sua própria boca que você sabe. Que você entende. Diga que ninguém virá. Que você foi esquecido.”

A lâmina voltou a fazer seu trabalho, desta vez cortando de leve, apenas o suficiente para que o sangue começasse a surgir, vermelho e brilhante contra a pele pálida. O homem gritou, um som curto e rouco, mas Edwin parecia alheio à dor.

“Vamos,” ele disse suavemente. “Eu sei que está aí dentro. A verdade, queimando para sair. Então diga. Diga para mim, e talvez — talvez — eu considere parar.”

O homem nu, tomado pela dor, pela exaustão e pela sensação esmagadora de desespero, balbuciou algo incompreensível. Edwin inclinou-se mais perto, sorrindo como se fosse uma criança prestes a abrir um presente.

“Mais alto,” ele exigiu. “Eu quero ouvir a música da sua rendição.”

O homem tentava bloquear aquilo, mas as palavras se infiltravam, rasgando sua mente tanto quanto a lâmina rasgava sua pele. Ele começava a duvidar de si mesmo, de sua própria existência. Era como se estivesse desaparecendo, pedaço por pedaço, sob o peso de uma verdade que ele não podia refutar.

Quando Edwin finalmente parou, deixando-o sozinho na cabana, o homem nu permaneceu imóvel, mas sua mente não conhecia o descanso. Ele sentiu uma onda de alívio e pânico ao mesmo tempo — uma contradição que rasgava seu âmago. Porque, mesmo na ausência, Edwin estava ali. Nos cortes em sua pele, em cada tremor que atravessava seus músculos, nas palavras em sua mente que ecoavam incessantemente como uma melodia dissonante de desespero.

A dor não era mais um fenômeno físico; era um estado de existência. Cada fibra de seu ser latejava, como se o próprio ar que o envolvia fosse uma lâmina.

Ele fechou os olhos, tentando fugir, mas a escuridão era ainda pior. Lá, na penumbra de sua mente, Edwin ganhava forma. O som de sua voz, grave e metódico, parecia vibrar em seus ossos.

“É isso que você é,” a voz de Edwin murmurava em um canto da sua mente, uma lembrança e uma presença viva. “Um homem feito de dor. Um monumento ao fracasso. Eu apenas lhe mostrei a verdade.”

Ele tentou responder, mesmo que fosse apenas em seus pensamentos, mas as palavras não se formavam. Em sua mente, a figura de Edwin se movia, uma sombra que parecia maior do que qualquer humano deveria ser. Ele via os olhos dele brilhando como carvões, o sorriso frio que não expressava nada além de domínio. Edwin era um maestro, e ele, a sinfonia desafinada que tentava resistir, mas que, inevitavelmente, cedia.

“Você está errado,” ele tentou dizer para si mesmo, mas a convicção escapava como um grão de areia por entre os dedos. Ele não tinha certeza se acreditava. O silêncio da cabana parecia zombar dele, preenchido apenas pelo eco de seus próprios gemidos abafados.

Ele abriu os olhos, encarando o teto da cabana, e imaginou que cada linha na madeira era uma cicatriz, assim como as que marcavam seu corpo. Edwin tinha feito isso. As linhas se entrelaçavam, formando padrões que pareciam dançar à medida que o homem piscava. Eram formas humanas, rostos contorcidos pela dor. Ele sabia que era sua mente pregando peças, mas a sensação de estar cercado pelas marcas de outros que sofreram antes dele era insuportável.

“Eles também gritaram,” ele ouviu Edwin dizer em algum lugar de suas memórias. A frase vinha como um tapa, trazendo imagens vivas de outras vítimas. Ele

podia ouvi-las agora, vozes invisíveis que murmuravam nas sombras, choros e súplicas que ecoavam como fantasmas. “Mas ninguém os ouviu. Assim como ninguém ouvirá você.”

Ele fechou os olhos novamente, tentando bloquear tudo. Mas, dentro de sua mente, Edwin estava mais forte do que nunca. Ele o via sentado, casualmente, como se a mente do homem nu fosse uma sala de estar que ele decorava ao seu gosto.

“E se fosse verdade?” Edwin perguntou, cruzando as pernas como se estivesse entediado. “E se ninguém vier? E se você já estiver morto para o mundo lá fora?”

O homem sacudiu a cabeça com força, tentando expulsar aquelas palavras, mas a dor irradiou de seus ombros e pulsos, obrigando-o a parar. O gosto de sangue estava em sua boca. Ele havia mordido o lábio, mas nem isso era suficiente para dissipar a voz.

“Vamos ser honestos, meu amigo,” Edwin continuou, sua imagem mental agora aproximando-se, abaixando-se para encará-lo de perto. “Tudo isso... toda essa dor... não é tão ruim assim, é? O que é realmente insuportável é saber que eu estou certo.”

A mente do homem gritou em protesto, mas era um grito vazio. Ele tentou buscar algo — qualquer coisa — que pudesse contradizer aquela certeza. Uma memória de alguém que o amava, uma lembrança de um lugar onde ele era importante. Mas tudo parecia distante, como fotografias borradas. Quem ele era antes disso? Ele não sabia mais. A dor e a voz de Edwin haviam consumido tudo.

Ele abriu os olhos novamente, agora fixando a luz fraca que escapava por uma fresta na parede da cabana. Aquela pequena fagulha era tudo o que ele tinha, e ele

agarrou-se a ela com a mesma intensidade de um homem que se agarra a um galho em um rio furioso. Mas mesmo ela parecia insuficiente. A luz era um lembrete de que o mundo ainda existia, mas também de que ele não fazia mais parte dele.

“Diga algo,” Edwin sussurrou em sua mente, a voz agora doce, quase um convite. “Qualquer coisa. Confesse. Lute. Implore. Mas não fique em silêncio. Silêncio é derrota.”

O homem tentou engolir, mas sua garganta parecia fechada. Ele reuniu todas as suas forças para falar, mas as palavras saíram como um sussurro arranhado. “Você... está... errado.”

Edwin riu. Uma risada curta, quase carinhosa, mas carregada de desdém. “Ah, isso é bom. Muito bom. Mas sabe o que seria ainda melhor? Se você acreditasse nisso.”

A cabana voltou ao silêncio. Mas o silêncio não era vazio. Era cheio das sombras de Edwin, das palavras que ele deixava para trás como espinhos na carne do homem. E, enquanto o homem nu encarava o teto novamente, ele sabia que a verdadeira tortura não estava nas lâminas ou nas cordas. Estava ali, nas palavras que não paravam de ecoar, transformando sua própria mente em uma câmara de tortura.

O Alvo nas Sombras

A cidade pulsava como um coração humano, em um ritmo previsível e constante, mas carregado de segredos que corriam pelas veias de suas ruas. Carros

ziguezagueavam entre semáforos, os pedestres seguiam seus caminhos, imersos em seus pequenos universos. Mas no meio de toda a pressa, entre rostos desconhecidos e passos apressados, havia uma mulher que parecia dançar em um compasso diferente.

O sorriso dela era genuíno, um raio de sol em meio à monotonia cinzenta do dia a dia. Ela caminhava pelas ruas arborizadas de seu bairro com um cachorro pequeno e enérgico, cumprimentando vizinhos e acenando para crianças que brincavam nas calçadas. Sua casa, com um jardim bem cuidado, refletia sua vida aparentemente perfeita: uma rotina estruturada, filhos felizes e um marido atencioso.

Para ela, o mundo era um lugar seguro. Para Edwin, ela era o epicentro de sua obsessão.

Ele a observava de longe, escondido na sombra de sua própria solidão, como um espectro invisível no teatro do cotidiano dela. Edwin não era um predador movido por desejo ou paixão; seu interesse era mais sombrio, enraizado em uma necessidade obsessiva de controle e compreensão. Ele via nela algo que não podia nomear, algo que o fazia sentir-se como um escultor diante de um bloco de mármore — uma oportunidade de moldar, de destruir e recriar.

Havia uma poesia macabra na maneira como ela vivia. Ele estudava como seus dedos delicados seguravam a coleira do cachorro, o leve arqueamento de seu pescoço quando ajeitava o cabelo que dançava ao vento. Era quase musical, o ritmo de seus passos desacelerando ao chegar à entrada de casa, como se aquele instante fosse uma conclusão perfeita de sua rotina. Cada movimento, cada sorriso, era absorvido por

Edwin com a intensidade de um homem faminto observando um banquete que jamais poderia tocar.

Mas havia mais. Edwin não apenas observava, ele reconstruía. Em sua mente, ela não era apenas uma mulher; era uma narrativa viva, uma personagem de um roteiro que ele escrevia obsessivamente. Ele a via com olhos de um autor sádico, imaginando os capítulos que viriam, as viradas dramáticas que ele inevitavelmente criaria. E, ao mesmo tempo, ele sabia que ela não tinha ideia de sua existência — esse detalhe o fascinava ainda mais. Ela era alheia ao fantasma que pairava tão perto, ao peso de um olhar que a despia de segurança e inocência.

Edwin decorou mais do que apenas os movimentos; ele memorizou vulnerabilidades. O portão que ela frequentemente esquecia de trancar, as janelas deixadas entreabertas ao cair da tarde. Ele conhecia o padrão de luzes que se apagavam na casa, uma por uma, como se marcassem os atos finais de uma peça. Ele sabia que o quarto das crianças era o primeiro a mergulhar na escuridão, seguido pelo corredor e, por fim, a sala. Aqueles momentos eram um crescendo em sua mente, a sensação de antecipar algo grandioso, algo terrível.

E enquanto ele observava, escondido em seu carro com vidros escurecidos, sentia a pressão crescer. Era como um caçador contido por um campo invisível, incapaz de avançar, mas incapaz de recuar. Ele sabia que não podia agir — ainda não. A paciência era uma virtude que ele cultivava com relutância, cada dia um desafio contra os impulsos que gritavam em sua mente.

Mas, mesmo na espera, ele se alimentava. Cada sorriso dela era uma centelha que iluminava algo escuro dentro dele. Cada movimento se tornava um detalhe em

um quebra-cabeça que Edwin acreditava ser o único a compreender. A mulher que ele observava não era apenas uma pessoa; era um destino traçado, uma obra em progresso. E, em sua mente, ele era tanto o criador quanto o destruidor dessa história.

De dia, Edwin se misturava à multidão, tornando-se invisível enquanto a seguia. À noite, ele se escondia em seu carro com vidros escurecidos, estacionado em uma rua lateral, observando através de uma câmera com lentes de alta potência. Ele sabia quando as crianças iam para a cama, quando o marido apagava as luzes da sala e quando a casa mergulhava na escuridão. Edwin passava horas imaginando o que acontecia dentro daquelas paredes, montando uma narrativa em sua mente.

Naquela noite em particular, a chuva pintava as ruas com reflexos distorcidos, como se a cidade estivesse derretendo em um sonho febril. Edwin observava da escuridão, os dedos apertando o punho da câmera como se ela fosse o único elo que o mantinha conectado à cena diante de seus olhos. Lá dentro, a mulher estava sentada no sofá, um livro descansando em suas mãos. Sua expressão era de uma serenidade tão plena que parecia quase insultante diante do caos que Edwin sentia crescer dentro de si.

Atrás dela, as crianças brincavam no tapete, soltando risadas leves e despreocupadas que vazavam pela janela aberta. O marido, um vulto tranquilo, movia-se pela cozinha, acendendo uma luz amarela que dava ao ambiente uma aura acolhedora. Era uma cena tão dolorosamente comum que parecia uma pintura: intocável, perfeita, e ainda assim repleta de detalhes que apenas um observador obcecado poderia perceber.

Edwin inclinou-se levemente no banco do carro, tentando ajustar o foco. Não era apenas a visão daquela família que o perturbava; era a forma como cada gesto parecia carregado de significado. O jeito como a mulher olhava para as crianças com uma ternura quase palpável. O modo como ela levantava os olhos do livro por um instante, apenas para seguir o marido com um olhar cheio de cumplicidade. Era como se aquele momento encapsulasse tudo o que ele não podia ter, uma ferida aberta que latejava sem parar.

Por um breve momento, ele sentiu algo que não conseguia nomear. Não era inveja, mas algo mais profundo, mais cortante. Uma sensação de vazio, como se ele estivesse do lado de fora não apenas daquela casa, mas de toda uma realidade que nunca lhe pertenceria. Ele inspirou profundamente, tentando afastar a sensação, mas o aroma das flores do jardim da mulher invadiu o carro, suave e zombeteiro, tornando impossível escapar.

Dentro da casa, uma das crianças caiu no tapete, rindo descontroladamente enquanto a outra corria ao redor. O som da risada penetrou a barreira de vidro do carro e atingiu Edwin como uma faca. Ele fechou os olhos por um momento, mas isso só tornou as imagens mais vívidas. Em sua mente, ele viu fragmentos desconexos de algo que poderia ter sido, cenas borradas que desapareciam antes que ele pudesse segurá-las.

Quando abriu os olhos novamente, seu rosto estava molhado. Mas não era chuva. Edwin passou a mão pelo rosto, limpando as lágrimas antes que elas pudessem trair o controle que ele tanto se esforçava para manter. Ele apertou ainda mais o punho ao redor da câmera, o plástico rangendo sob a pressão de seus dedos.

“Não agora,” ele murmurou para si mesmo, a voz rouca como se ele estivesse engasgado. Ele respirou fundo, deixando o ar sair lentamente, cada expiração carregada de um esforço quase físico para se recompor.

Dentro da casa, a mulher fechou o livro e levantou-se, apagando as luzes da sala enquanto chamava as crianças. Edwin a seguiu com os olhos, observando sua silhueta desaparecer no corredor. A casa mergulhou na escuridão, mas ele permaneceu ali, imóvel, sentindo-se tão preso quanto o homem nu que deixara na cabana.

A chuva continuava caindo, o som ritmado preenchendo o carro como uma trilha sonora cruel. Edwin sabia que deveria ir embora, mas algo o prendia ali, como se aquele momento fosse uma agulha cravada em sua pele, impossível de arrancar. Ele finalmente largou a câmera no assento ao lado e recostou-se, o olhar fixo no ponto onde a casa havia desaparecido na noite.

“Não é a hora,” ele repetiu para si mesmo, mas a frase soava mais como uma prece do que uma certeza. E enquanto as primeiras luzes do amanhecer começavam a tingir o céu, Edwin ligou o carro e desapareceu na multidão, um fantasma retornando às sombras.

O vento carregava o aroma das flores do jardim dela, uma fragrância que parecia zombar dele, lembrando-o de tudo o que ele não podia tocar. Edwin inspirou fundo, como se pudesse absorver um pedaço daquele mundo inalcançável. Dentro da casa, as luzes foram apagadas, uma a uma, e o silêncio tomou conta. Mas ele permaneceu ali, imóvel, como uma sombra, até a madrugada.

No dia seguinte, a rotina recomeçou. Edwin sabia que ela sairia para sua caminhada matinal, como sempre

fazia. Quando a porta se abriu, ele observou enquanto ela surgia, vestindo roupas esportivas, o cachorro ao lado. Ela parecia despreocupada, alheia à presença dele. Edwin seguiu a pé, mantendo distância suficiente para se misturar ao ambiente. Ele estudava não apenas a mulher, mas também o cenário ao redor. Cada câmera de segurança, cada esquina e cada porta entreaberta era um detalhe que ele guardava na memória.

Durante semanas, isso tornou-se um ritual. Edwin aprendeu tudo sobre ela, mas ela não sabia nada sobre ele. Para ele, isso era o ápice do poder: existir na periferia da vida dela, ser o fantasma que a observava sem ser visto. Mas a paciência de Edwin não era infinita. Ele sabia que, em breve, precisaria transformar a fantasia em realidade.

Naquela tarde chuvosa, Edwin aproximou-se mais do que nunca. Escondido atrás de uma cerca viva, ele pôde ouvir as risadas das crianças no quintal e a música suave que escapava pela janela aberta. Por um momento, ele quase se perdeu naquela cena, sentindo-se como um invasor em um sonho que não lhe pertencia. Mas então, o sorriso frio voltou aos seus lábios. Aquela perfeição estava prestes a ser destruída.

O Jogo Começa

Na cabana, o ambiente era opressor, carregado com o cheiro de suor, sangue seco e madeira úmida. Edwin entrou como uma tempestade silenciosa, fechando a

porta atrás de si com cuidado. No centro do cômodo, o homem nu estava amarrado à mesa, sua respiração entrecortada ecoando no espaço pequeno.

— Olá novamente — disse Edwin, sua voz cortando o silêncio como uma lâmina. Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do homem. — Espero que tenha aproveitado o tempo para refletir.

O homem nu tentou mais uma vez falar, mas sua garganta, um deserto rachado, só emitiu um raspar rouco. Edwin sorriu e deixou algumas gotas de água caírem na língua rachada do homem, uma zombaria de alívio.

— Agradeça-me — ordenou Edwin, com um tom que não permitia desobediência.

— O-obrigado — murmurou o homem, a voz um fio quebrado.

Edwin recostou-se, observando-o com uma curiosidade quase científica. Por um momento, o silêncio voltou, interrompido apenas pelo som do soro gotejando lentamente no braço do homem nu.

— Sabe o que é mais intoxicante do que a dor? — Edwin perguntou, a voz quase um ronronar. Ele não esperou resposta. — A antecipação. A lenta e deliciosa construção da queda.

Ele pegou um pequeno caderno da mesa, as páginas cheias de anotações meticulosas. O homem nu não reconheceu a caligrafia precisa, os pequenos diagramas e os horários marcados com exatidão. Era o diário da obsessão de Edwin.

— Veja — disse Edwin, mostrando uma página com o desenho de uma casa. — A janela do quarto. Sempre

aberta às terças e quintas, entre 22h e 22h30. O ângulo perfeito. — Seus dedos traçaram a linha vermelha que indicava a trajetória de uma possível invasão. — Ela gosta de ler antes de dormir. Um pequeno abajur aceso. Imagine o contraste. A luz. A sombra. O impacto.

O homem nu se encolheu, enojado. Não eram os métodos de tortura que o apavoravam agora, mas a frieza metódica de Edwin, a forma como ele transformava a vida da mulher em um jogo doentio.

Edwin sorriu, percebendo o efeito de suas palavras. — Ela ainda não sabe, mas eu já estive dentro da casa dela. Em seus sonhos. Conheço o cheiro do seu perfume, a textura do seu cabelo. Sei como ela respira quando dorme. — Ele fechou o caderno com um estalo, o som finalizando a conversa como o bater de um martelo. — Em breve, ela saberá quem eu sou.

Edwin parou por um momento, como se estivesse saboreando a lembrança. Ele passou a mão no queixo, o rosto assumindo uma expressão quase terna. Mas quando ele voltou a falar, o tom mudou, a ternura dando lugar a algo mais sombrio, uma sombra que parecia se infiltrar na cabana.

— Mas sabe o que é mais interessante? Não é apenas essa leveza que ela carrega, como se estivesse acima de todos nós, flutuando nesse universo perfeito que ela criou para si mesma. Não. É o que acontece quando alguém como ela percebe que o chão, aquele chão sólido que ela achava que nunca poderia falhar, começa a se desfazer debaixo dos pés.

Ele se inclinou para mais perto do homem nu, os olhos brilhando com uma intensidade que beirava a loucura. A respiração do homem preso acelerou, os músculos tensos contra as cordas que o seguravam, mas

ele não podia desviar o olhar, preso no magnetismo horrível de Edwin.

— Você acha que pessoas assim entendem a dor? — Edwin perguntou, sua voz agora suave, quase hipnótica. — Não. Elas vivem em bolhas. Bolhas que eu adoro estourar. Porque quando isso acontece, quando elas sentem o vazio pela primeira vez, é... fascinante. É como assistir a um pássaro tentando voar sem asas.

Ele sorriu, mas era um sorriso vazio, um gesto sem calor que apenas aumentava o terror do homem nu. Edwin ficou em silêncio por um momento, deixando suas palavras se infiltrarem como veneno. O homem nu fechou os olhos, tentando bloquear o som, mas a voz de Edwin continuava, serpenteando em sua mente.

— Eu vou mostrá-la isso. Vou ensinar a ela que o mundo não é justo. Que a segurança dela é uma mentira. E sabe o que vai ser a melhor parte? — Ele inclinou a cabeça, o sorriso agora ampliado de forma quase grotesca. — Você vai estar aqui, vendo tudo. E então, quando ela começar a entender, quando o pânico surgir nos olhos dela, você vai sentir. Vai sentir o que significa estar completamente impotente.

Edwin levantou-se abruptamente, como se as palavras tivessem inflamado algo dentro dele. Ele começou a caminhar pela cabana, os passos ecoando pelo espaço pequeno e opressor. Ele arrumava coisas, movia objetos, ajustava a iluminação como se estivesse preparando um palco. O homem nu tremia, o corpo inteiro vibrando de medo e desespero.

— Você sabe — disse Edwin, sem olhar para trás, enquanto ajustava um refletor improvisado na parede. — Não é o que faço com vocês que é mais interessante. É o que vocês fazem consigo mesmos. Essa esperança que

vocês insistem em carregar, mesmo quando tudo aponta para o contrário. É quase... poético. Porque no final, é essa esperança que vai devorar vocês por dentro.

O homem nu soltou um soluço baixo, mas Edwin não reagiu. Ele estava absorto em sua tarefa, os movimentos meticulosos, mas sua voz continuava, fria e afiada.

— Então, continue se agarrando a isso. Continue acreditando que alguém vai aparecer, que alguém vai salvá-lo. Porque no momento em que você perder essa esperança... é quando eu ganho.

Edwin parou de andar e se virou para encarar o homem novamente, seu rosto iluminado por uma luz fraca que fazia suas feições parecerem quase demoníacas. Ele se inclinou para frente, tão perto que o homem nu podia sentir o cheiro metálico em sua respiração.

— Acha que vai ser rápido? Não vai. Vai ser lento, como a última folha caindo de uma árvore morta. E você vai assistir cada segundo disso. Vai sentir cada pedaço se desintegrar dentro de você. E no final, você vai desejar que nunca tivesse acreditado que havia uma saída.

Edwin recuou, satisfeito, e voltou a ajustar a cabana, como um maestro preparando a orquestra para a peça final. O homem nu soluçou novamente, mas dessa vez o som não era apenas de desespero. Era o som de alguém que começava a acreditar nas palavras de Edwin.

O homem nu fechou os olhos, tentando bloquear as palavras, mas a voz de Edwin era implacável.

— Você acha que pessoas como ela entendem a dor?
— perguntou Edwin, seu tom agora quase sonhador. — Não. Elas vivem em bolhas, protegidas pela ideia de que

o mundo é justo. Mas eu vou mostrar a ela. Vou ensiná-la que a segurança dela é uma ilusão.

Edwin levantou-se, caminhando pela cabana enquanto falava. Ele reorganizou a mesa, limpou o chão e ajustou as luzes, como se estivesse preparando um palco para a próxima cena de seu espetáculo macabro.

— Você sabe o que é mais fascinante? — disse ele, voltando-se para o homem nu. — Não é o que eu faço com vocês. É o que vocês fazem consigo mesmos. A esperança desesperada. O medo que corrói. Vocês se destroem antes mesmo que eu precise tocar em vocês.

Ele se inclinou sobre o homem, seus olhos queimando com intensidade.

— Continue se agarrando à sua esperança. Continue acreditando que alguém vai te salvar. Porque, no final, essa esperança será o que vai te destruir.

O silêncio caiu novamente, mas desta vez era mais pesado, mais opressivo. Edwin recostou-se na cadeira, satisfeito, enquanto o homem nu soluçava, suas lágrimas silenciosas caindo no chão da cabana.

Um Sonho em Sombras

Mais tarde, naquela noite, Edwin permitiu-se fechar os olhos, embora soubesse que o sono raramente lhe trazia consolo. O cansaço o dominou, puxando-o para dentro de um sonho que, no início, parecia tão real quanto a própria vida.

Ele estava em um parque que brilhava com uma luz dourada, líquida e morna, que parecia tocar tudo com

uma suavidade quase sobrenatural. O céu era de um azul puro, pontilhado por nuvens que mais pareciam pinceladas cuidadosas de um artista. O vento carregava um aroma floral, uma mistura inebriante de jasmim e madressilva, que o fazia fechar os olhos por um instante, absorvendo o momento.

Ao longe, ele podia ouvir risadas. Não risadas comuns, mas aquelas risadas infantis e despreocupadas que ecoavam como música. Ele não sabia de onde vinham, mas se via atraído por elas, sentindo algo que se aproximava perigosamente de paz. Edwin caminhava pelo parque, ou pelo menos achava que caminhava, embora não sentisse os pés tocando o chão. Era como flutuar em um sonho, movendo-se sem esforço.

Ele viu duas figuras correndo à distância. Crianças. Mas seus rostos eram embaçados, como se estivessem escondidos por um véu translúcido. Ele tentou chamá-las, mas sua voz não saía. Um som estranho surgiu em seu lugar, algo gutural e incompleto, que ele mal reconheceu como seu.

Ainda assim, ele seguiu em frente, os olhos fixos nas crianças. A cada passo, o aroma floral se intensificava, mas com ele vinha algo mais. Um cheiro familiar, agridoce, que parecia puxá-lo para uma memória antiga. Era o cheiro de grama recém-cortada, misturado com o calor de um dia de verão e algo mais profundo — talvez o cheiro de madeira envelhecida ou de bolo recém-assado. Ele não sabia ao certo, mas cada nota desse aroma trazia consigo uma sensação de perda.

As crianças continuavam correndo, e agora ele podia ouvir seus pés batendo contra o chão de terra, o som ritmado misturando-se às risadas. Ele tentou acelerar o

passo, mas suas pernas não respondiam. Era como se estivesse preso em uma corrente invisível.

A música no ar mudou. Uma melodia doce, tocada por um piano, começou a flutuar pelo parque. Ele reconhecia a música, embora não conseguisse lembrar de onde. As notas eram delicadas, mas carregavam uma melancolia que parecia perfurar sua alma. Ele sentiu os olhos marejarem, sem saber o motivo.

De repente, as crianças pararam. Elas estavam à beira de um lago que refletia o céu dourado como um espelho perfeito. Edwin tentou chamá-las novamente, mas as palavras continuaram presas em sua garganta. Ele começou a caminhar com mais urgência, cada passo agora pesado, como se o chão tentasse engolir seus pés.

Quando finalmente chegou perto do lago, as crianças se viraram para ele. Seus rostos ainda estavam escondidos por aquele véu embaçado, mas agora algo parecia errado. A luz dourada ao redor começou a escurecer, e o aroma floral foi substituído por algo acre, quase químico, como ferrugem. As risadas se tornaram sussurros, e os sussurros se transformaram em gemidos baixos, desconexos.

Edwin sentiu o ar ficar pesado, opressivo, e a melodia do piano começou a distorcer, como se alguém estivesse puxando as cordas do instrumento com força demais. O lago, antes sereno, começou a borbulhar, pequenas ondas formando redemoinhos inquietantes na superfície.

Ele tentou recuar, mas agora estava preso. O chão, que antes parecia tão sólido, transformou-se em lama, sugando seus pés. As crianças começaram a caminhar em sua direção, mas seus passos não faziam som. As figuras tornaram-se mais definidas, e Edwin percebeu algo que o fez tremer. Não havia rostos sob o véu.

Apenas vazios, buracos negros onde olhos, nariz e boca deveriam estar.

Edwin tentou gritar, mas o som morreu em sua garganta. O cheiro de ferrugem ficou mais forte, e ele percebeu que vinha do lago, cujo brilho dourado havia se transformado em um vermelho escuro. Sangue.

As crianças estenderam as mãos para ele, e Edwin acordou com um grito sufocado. Sua respiração estava rápida e irregular, e ele sentia o suor frio escorrendo por seu rosto. A cabana parecia apertada, o ar pesado como se ele ainda estivesse preso no sonho.

Ele passou as mãos pelo rosto, tentando se recompor. Mas o sonho não desaparecia. A música, o cheiro, os rostos vazios — tudo estava gravado em sua mente, pulsando como uma ferida aberta. Edwin se levantou, cambaleando, e foi até a janela. O ar frio da noite o atingiu como um tapa, mas não trouxe alívio.

“Foi apenas um sonho,” ele murmurou para si mesmo, mas a frase soava vazia. Havia algo no sonho que parecia real demais, como se fosse mais uma lembrança distorcida do que uma criação de sua mente. Ele fechou os olhos, mas a imagem das crianças ainda estava lá, esperando por ele na escuridão.

Ele sabia que não conseguiria dormir novamente naquela noite. O peso do sonho continuava sobre ele, uma lembrança dolorosa de algo que ele não podia identificar, mas que parecia inevitável. Edwin respirou fundo, afastando o pensamento. Não havia espaço para fraquezas.

Edwin caminhou até a mesa onde o homem nu estava amarrado. Ele parecia mais fraco do que nunca, mas seus olhos ainda brilhavam com medo.

— Amanhã será importante — disse Edwin, sua voz baixa, quase gentil, como se estivesse compartilhando um segredo íntimo. — E você estará aqui para ver tudo. Porque quero que você entenda o que significa perder.

O homem nu fechou os olhos, mas mesmo naquele gesto, ele não encontrava refúgio. O terror era uma entidade viva, ocupando cada espaço dentro da cabana e, mais intensamente, dentro de sua mente. Cada palavra de Edwin carregava um peso que fazia o ar parecer mais denso, mais difícil de respirar. Ele não precisava abrir os olhos para saber que Edwin sorria, aquele sorriso que misturava ternura e ameaça, a expressão de um homem para quem o sofrimento era tanto uma arte quanto um vício.

Com o som arrastado de uma cadeira sendo empurrada, o homem nu soube que Edwin estava se movendo. Ele ouviu os passos cuidadosos, os solados leves ressoando na madeira envelhecida do chão da cabana. Cada som parecia cronometrado, parte de uma coreografia macabra que só Edwin compreendia. Quando o homem nu abriu os olhos, mesmo que apenas parcialmente, viu Edwin agachado ao lado de uma pequena mesa. Ele organizava seus instrumentos como um maestro afinando os violinos antes do concerto. Cada lâmina, cada seringa, cada frasco era colocado com uma precisão obsessiva, como se a simetria em si fosse uma oferenda à sua própria visão de ordem.

Os olhos do homem nu captaram a luz amarelada refletida na superfície de uma lâmina longa e afiada, colocada no centro do alinhamento. Ele desviou o olhar, mas a imagem já estava gravada em sua mente, junto com o som metódico dos dedos de Edwin batendo contra o vidro de um pequeno frasco de soro.

— Viu como tudo precisa de um propósito? — disse Edwin, sem se virar. Ele parecia falar tanto com o homem nu quanto consigo mesmo. — Cada objeto aqui tem uma razão de existir. Cada um deles contribui para algo maior. Não acha isso bonito?

O homem nu tentou não responder, mas mesmo o silêncio parecia colaborar com a loucura de Edwin. O homem continuava a falar enquanto movia os itens, seu tom oscilando entre o casual e o reverente.

— Eu gosto de pensar nisso como um balé — continuou Edwin, erguendo uma seringa e examinando-a contra a luz fraca da lâmpada. — Um balé de precisão e propósito. Não há espaço para improvisos aqui. E é isso que torna tudo tão... satisfatório.

O homem nu sentiu um nó se formar em sua garganta. Ele queria gritar, chorar, implorar para que Edwin parasse, mas sabia que nenhum desses gestos mudaria o que estava prestes a acontecer. O ar ao redor parecia congelado, o peso do inevitável o pressionando contra a mesa como uma mão invisível e implacável.

Edwin pegou uma corda longa e robusta, testando sua resistência ao puxá-la entre as mãos. Ele a enrolou meticulosamente, os movimentos tão calculados quanto os de um marinheiro preparando um navio para o mar. A visão era surreal; o gesto de Edwin, quase paternal, contradizia a brutalidade implícita no que viria a seguir. Ele pendurou a corda ao lado da mesa do homem nu e voltou para os instrumentos, ajustando cada um até que ficassem exatamente onde ele queria.

— Sabe o que me fascina? — perguntou Edwin, interrompendo o silêncio. Ele não esperou por uma resposta. — A maneira como a dor expõe as pessoas. Não apenas a dor física, mas o desespero, o medo. É

como se o verdadeiro eu delas estivesse escondido sob camadas de pretensões e mentiras. E, quando essas camadas são arrancadas... bem, é aí que encontramos a verdade.

O homem nu cerrou os olhos novamente, tentando bloquear as palavras de Edwin. Mas elas tinham um peso, uma presença física que parecia atravessar seu corpo. Ele sentiu os dedos das mãos formigarem contra as cordas que o prendiam, a pele já machucada onde o material áspero roçava contra seus pulsos.

Edwin terminou de organizar os instrumentos e, por um momento, ficou parado, observando seu trabalho. Ele se virou lentamente e caminhou até o homem nu, inclinando-se para olhá-lo nos olhos. Sua expressão estava calma, quase compassiva, mas seus olhos brilhavam com uma intensidade que parecia consumir tudo ao seu redor.

— Amanhã, ela estará aqui — disse ele, com uma suavidade que era quase carinhosa. — E você vai vê-la. Vai vê-la entrar nesse mundo onde nada mais faz sentido. E então... então você vai entender. Vai entender o que significa perder tudo.

O homem nu começou a soluçar, tentando se encolher na mesa, mas as amarras o impediam.

Edwin ficou de pé e deu um passo para trás, observando-o.

— Mas não precisa ser assim para você — disse Edwin, sua voz agora baixa, como se estivesse oferecendo uma solução. — Você pode aceitar. Você pode encontrar conforto no fato de que, no final, nada disso importa. Essa resistência, essa esperança que você ainda carrega... tudo isso é um fardo. Solte isso, e eu prometo que será mais fácil.

O homem nu balançou a cabeça, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele sabia que Edwin estava errado, mas, no fundo, uma parte dele começava a se perguntar. Uma parte pequena e traiçoeira de sua mente questionava se talvez, apenas talvez, desistir fosse a única forma de escapar da dor.

Edwin observou o conflito interno do homem, seus lábios curvando-se em um sorriso quase imperceptível. Por um momento, ele pareceu relaxar, como se alguma decisão interna tivesse sido tomada. Ele puxou uma cadeira para mais perto do homem nu, a madeira rangendo no chão de forma quase amigável. Sentou-se, cruzou as pernas, e, para surpresa do homem amarrado, Edwin suspirou profundamente, um som que poderia ser confundido com cansaço ou reflexão.

— Quer saber? Vamos esquecer tudo isso por um instante — disse Edwin, seu tom inesperadamente leve, quase casual. Ele se recostou na cadeira, como se fossem dois velhos amigos sentados para uma conversa em uma tarde preguiçosa. — Vamos fingir que nada disso é real. Nenhuma dor, nenhuma tortura, nenhuma cabana no meio do nada. Apenas dois homens conversando. O que acha?

O homem nu piscou, confuso. Sua mente, em pedaços, tentou processar o que estava acontecendo, mas a mudança abrupta no comportamento de Edwin o deixou paralisado. Edwin notou a hesitação e riu baixinho, balançando a cabeça.

— Eu sei, parece loucura, não é? Mas às vezes precisamos de um intervalo, algo para aliviar a tensão. Por que não começamos com algo simples? Vamos fingir que somos amigos de infância. Velhos camaradas que se

perderam no tempo. E agora estamos aqui, sentados, relembRANDO velhas histórias. Que tal?

Edwin inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, e sorriu de forma quase encorajadora. Era uma expressão desarmante, algo que o homem nu não esperava ver naquele rosto cruel.

— Vamos, me diga. Qual era mesmo o nome daquela garota que você gostava na escola? Era... Julia? Juliana? Ou talvez você fosse o tímido da turma, hein? O cara que escrevia cartas mas nunca entregava. Aposto que era isso.

O homem nu continuava em silêncio, mas seus olhos estavam fixos em Edwin, tentando encontrar alguma verdade naquelas palavras. Edwin não se abalou. Ele encostou-se na cadeira, olhando para o teto como se estivesse buscando algo em sua memória.

— Eu me lembro de uma vez — continuou ele, sua voz adquirindo um tom nostálgico, quase sonhador —, quando corremos feito loucos para roubar aquelas maçãs do pomar do senhor Antônio. Você se lembra? Era um dia quente, tão quente que o ar parecia dançar sobre a grama. O cheiro das maçãs maduras misturava-se ao aroma da terra seca. O senhor Antônio nos viu antes de conseguirmos encher as mãos e começou a gritar, brandindo aquele bastão velho que ele usava mais para assustar do que para atacar de verdade. Lembra-se disso?

Edwin sorriu, e por um momento o homem nu sentiu um nó na garganta que não tinha relação com o terror. Havia algo genuíno no tom dele, algo que puxava memórias nebulosas, como se essas histórias realmente pertencessem a um passado que ele não conseguia mais distinguir da realidade.

— Corremos tanto — continuou Edwin, rindo baixo, o som cheio de uma ternura que parecia desconcertante. — Nos escondemos naquela clareira na floresta, onde o sol mal passava pelas folhas. Passamos o resto da tarde rindo como idiotas, comendo maçãs que, agora que penso, nem estavam boas. Amargas, algumas até passadas. Mas a companhia, ah, a companhia fazia tudo valer a pena.

O homem nu piscou, os olhos cheios de confusão e um estranho calor que o fazia sentir-se exposto. Ele quase podia ver a cena que Edwin pintava, quase sentir o cheiro das maçãs e ouvir o farfalhar das folhas enquanto corriam pela floresta. Era tão vívido que ele começou a questionar se aquela memória não era, de fato, dele também.

— Sabe — disse Edwin, inclinando-se para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos, a voz mais baixa agora —, aquele foi um dos poucos dias em que me senti... livre. Sem preocupações, sem medos. Apenas o momento. Você já sentiu isso? Aquela sensação de que o mundo inteiro pode esperar, porque naquele instante específico, nada mais importa além daquilo que está à sua frente?

O homem nu engoliu em seco, sua mente dividida entre a desconfiança e uma inesperada vontade de ceder àquela narrativa. Ele tentou falar, mas sua garganta seca e as palavras que pareciam perdidas impediram qualquer resposta coerente.

— Não precisa responder, eu sei que você entende — continuou Edwin, a voz agora tingida de algo que parecia quase triste. — É engraçado como a memória funciona, não é? Algumas coisas desaparecem, mas outras...

outras permanecem, como pequenos fantasmas que nos assombram quando menos esperamos.

Edwin se recostou na cadeira, olhando para o teto como se pudesse ver o céu acima. — Às vezes, penso se o senhor Antônio ainda está lá, cuidando daquele pomar. Se ele ainda grita com os garotos que tentam roubar suas maçãs. Será que ele pensa em nós? Será que ele se lembra?

O homem nu sentiu uma lágrima quente deslizar por sua bochecha. Ele não sabia de onde vinha, não sabia por que estava chorando. Talvez fosse o tom de Edwin, aquela mistura de nostalgia e melancolia, ou talvez fosse o simples fato de que, pela primeira vez em tanto tempo, ele sentiu algo que não era medo.

Edwin notou, claro que notou. Ele se inclinou para frente novamente, seu olhar agora mais suave, quase humano. — Ei, não chore. Não era para ser uma história triste. Era para ser uma lembrança boa. Um momento para você lembrar que, mesmo nos piores dias, há coisas que valem a pena guardar. Pequenos momentos. Como aquele dia no pomar.

O homem nu fechou os olhos, permitindo-se, por um instante, ser levado por aquela história. Ele se viu em uma floresta cheia de sombras e luz, sentindo o cheiro das maçãs e ouvindo risadas. Ele se permitiu acreditar, por um momento, que havia algo além daquela cabana, algo além da dor. E, pela primeira vez em dias, talvez semanas, ele sentiu um pequeno lampejo de paz.

Mas então, Edwin se levantou, ajeitando a cadeira com cuidado, e o momento foi quebrado. O homem nu abriu os olhos para vê-lo voltar para os instrumentos na mesa, o ambiente voltando a ser o mesmo cenário opressor de antes. E, no entanto, algo havia mudado.

Algo em seu interior havia sido tocado. Ele não sabia se era conforto ou desespero, mas o eco da história de Edwin continuava pulsando em sua mente, como uma música que ele não conseguia esquecer.

Edwin riu novamente, um som quase humano, quase gentil. O homem nu piscou, sentindo algo inesperado: um vislumbre de conforto. Por um instante, ele quase acreditou na história. Quase acreditou que poderia haver uma conexão, uma fagulha de humanidade naquele homem. Mas então, Edwin se inclinou para frente novamente, e o brilho em seus olhos mudou. Tornou-se algo mais afiado, mais inquietante.

— Sabe, é curioso como nossa mente pode transformar monstros em anjos e anjos em monstros. Tudo depende da narrativa, da perspectiva. Agora, imagine isso: e se eu não for o vilão aqui? E se você for?

Edwin inclinou-se para frente, sua expressão quase brincalhona, mas seus olhos carregavam um brilho que fazia o homem nu estremecer. Ele girou lentamente a cabeça para o lado, como se estivesse considerando algo muito sério, e então deu uma risada curta, quase musical.

— Veja bem, todo mundo gosta de uma história com heróis e vilões. É o jeito mais fácil de dar sentido às coisas. Mas, sabe o que é fascinante? Não é tão simples assim. Nunca é. Por exemplo, — Edwin fez uma pausa dramática, tamborilando os dedos na mesa ao lado. — Se eu dissesse que tudo isso aqui, todo esse terror, tem um motivo maior? Algo que transcende você, ou eu, ou mesmo ela? O que você diria?

O homem nu tentou engolir em seco, mas sua garganta estava seca como areia. Ele sabia que Edwin não esperava uma resposta, mas as palavras atingiam

sua mente como marteladas. Edwin sorriu ao notar a tensão no rosto do homem e continuou.

— Tem um versículo que me vem à mente — murmurou Edwin, inclinando a cabeça para o lado. — Algo sobre "andar pelo vale da sombra da morte". Acho interessante, não é? — Ele riu baixinho, quase com ternura. — Porque ninguém fala sobre o que acontece quando você é o vale. Quando você é a sombra.

O homem nu arregalou os olhos, cada palavra ecoando em sua mente como uma verdade insuportável. Edwin continuava, a voz hipnotizante, quase carinhosa.

— Talvez eu esteja aqui para ser isso. A sombra. O vale. O lembrete de que o mundo não é seguro, que a ordem é uma mentira. Talvez seja isso que eu ofereça — a verdade. E a verdade, meu amigo, é o que você está tentando evitar desde que entrou aqui.

Ele se levantou, caminhando pelo espaço como um ator no palco, suas palavras ecoando como se fossem para um público invisível. Ele gesticulou, apontando para o homem nu com uma mistura de acusação e compaixão.

— Você se agarra a essa ideia de que eu sou o vilão porque é mais fácil. Você não quer olhar para si mesmo, para as suas escolhas, para as suas falhas. E tudo bem. A maioria das pessoas não quer. Mas aqui — ele apontou para o chão da cabana, como se fosse um altar sagrado —, aqui não há escapatória. Aqui, você olha. Aqui, você vê.

O homem nu tentou desviar o olhar, mas era como se as palavras de Edwin o segurassem, como correntes invisíveis. Cada frase o puxava mais fundo em um abismo que ele não conseguia evitar. Edwin se abaixou

novamente, os olhos fixando-se nos do homem com uma intensidade que parecia queimar.

— Me responda, — sussurrou ele. — Você acredita em redenção? Porque eu acredito. Eu acredito que a dor pode nos salvar. Que ela nos quebra e nos refaz, melhor, mais fortes, mais reais. E é isso que eu estou fazendo por você. Não sou o monstro da sua história, meu amigo. Eu sou o redentor.

E com isso, ele se afastou, um sorriso enigmático nos lábios, enquanto o homem nu ficava ali, tremendo, cada palavra ecoando como um pesadelo interminável em sua mente.

O homem nu estremeceu, sua respiração tornando-se mais rápida. Edwin inclinou a cabeça, observando-o como se estivesse o admirando, estudando.

— Não precisa responder agora. Pense nisso. Vamos continuar nossa conversa mais tarde. — Ele se levantou, ajeitando a cadeira com cuidado, e saiu para o canto da cabana, deixando o homem nu sozinho com seus pensamentos tumultuados. Mas, mesmo à distância, o som da risada baixa de Edwin pairava no ar, ecoando como uma lembrança que o homem nu não conseguiria apagar.

— Descanse — disse ele finalmente, sua voz suave. — Amanhã será um dia longo, para todos nós.

Ele apagou a luz da lâmpada, deixando a cabana mergulhar em uma escuridão pesada, onde apenas o som da respiração do homem nu e o gotejar constante do soro preenchiam o silêncio.

O Peso da Escuridão

A porta da cabana se abriu como uma mandíbula de besta, e Edwin emergiu como um homem que havia perdido o caminho de casa. A madeira gemia sob suas botas, uma sinfonia de dor que se espalhava pelo silêncio da noite. O ar, denso e úmido como um sudário, carregava o cheiro de terra molhada e uma fragrância mais sutil, mais sinistra — o odor metálico do sangue que parecia ter se infiltrado nas próprias fibras da madeira.

A lua, uma gema pálida no manto de breu, iluminava o contorno da cabana, uma silhueta fantasmagórica contra o horizonte de árvores que se amontoavam como espectros. Edwin parou, os dedos crispados em torno da alça de metal da porta do carro, e por um momento, a escuridão ao seu redor pareceu pulsar como um coração doente.

Não era apenas a escuridão da noite, mas a sombra que se estendia sobre ele, uma camada de aflição que se insinuava sob sua pele, arranhando sua consciência como um prego enferrujado. Ele olhou para trás, para a cabana, e viu mais do que apenas uma estrutura de madeira. Viu o eco de sua própria alma, um labirinto de sofrimento que ele construía tijolo por tijolo, desvio por desvio.

O interior, com sua escuridão e silêncio, o chamava como um abismo, sussurrando promessas de refúgio que ele sabia que não eram verdade. O homem nu, o homem sem nome preso ali dentro, era um espelho distorcido de seu próprio sofrimento — um lembrete constante de sua própria queda e um presságio do que talvez o esperasse.

Ele fechou os olhos por um instante e, mesmo sob as pálpebras, viu a imagem do homem nu, o rosto pálido, os olhos arregalados, as lágrimas silenciosas que escorriam pelas bochechas como um rio de desespero. Uma pontada no peito, aguda e inesperada, fez com que ele respirasse fundo, agarrando o ar como se estivesse se afogando. O que era aquilo? Piedade? Remorso? Ou apenas o eco de sua própria dor reverberando como um trovão distante?

Com um movimento brusco, ele abriu a porta, o couro rangendo como se estivesse reclamando do toque. O assento estava frio e úmido contra suas costas, como uma mão morta o envolvendo. Aquele carro, seu companheiro solitário nas sombras, era um caixão ambulante de metal e lembranças. O cheiro de poeira, de óleo velho, se misturava com algo mais amargo, uma fragrância pungente que ele não conseguia identificar, mas que parecia impregnar o próprio ar.

O ronco do motor, quando ele girou a chave, era mais do que apenas um som, era uma declaração, um suspiro cansado que parecia refletir o peso que ele carregava, o peso de uma alma que estava perdendo o caminho. Os faróis rasgaram a noite como lâminas de luz, lançando sombras dançantes que pareciam figuras fantasmagóricas, contorcendo-se e se debatendo ao ritmo do carro que se movia pela estrada.

A mente de Edwin vagou como uma criança perdida em uma floresta, perdida em pensamentos que eram pontiagudos como cacos de vidro. As palavras que ele havia compartilhado com o homem nu na cabana se ergueram da memória como aparições. "Propósito". Ele havia usado a palavra como se fosse um escudo, uma justificativa para suas ações, mas agora ela parecia vazia, uma concha oca sem qualquer significado.

E se ele estivesse errado? E se tudo fosse apenas uma mentira, uma farsa que ele havia contado a si mesmo para justificar o abismo em seu interior? A ideia o assustou, não pelo terror, mas pela sensação de desespero que ela trazia. Seria possível que ele estivesse tão perdido, tão cego, que havia se tornado seu próprio algoz?

Ele sentiu o asfalto irregular vibrando sob os pneus. A paisagem ao redor se tornara um borrão indistinto, uma confusão de árvores e campos que pareciam se fundir sob a luz pálida dos faróis. A noite o engolia, o carro ziguezagueando pela estrada sinuosa, como um navio à deriva em um mar de trevas.

Edwin abaixou o vidro, ansioso por qualquer escape, qualquer alívio que o ar fresco pudesse oferecer. O vento invadiu o carro como um fantasma faminto, afagando seu rosto com dedos frios. O cheiro pungente de pinho e flores silvestres dançava no ar, uma mistura que era ao mesmo tempo reconfortante e perturbadora. Ele respirou fundo, mas o ar não limpou seu interior. A sombra ainda se apegava a ele, como uma segunda pele, uma marca permanente de sua queda.

Ele tentou se concentrar, buscou algo tangível, mas a sensação de irrealidade persistia. A paz, quando chegava, era uma farsa, um oásis mirageiro que se dissolvia tão rápido quanto surgia. O ronco do carro se tornou um ritmo hipnótico, um metrônomo que acompanhava seus pensamentos errantes, marcando os segundos que o aproximavam cada vez mais do ponto de inflexão, da encruzilhada onde seu destino estaria para sempre selado.

E foi naquele exato momento de distração, quando sua mente era uma colcha de retalhos de memórias e

questionamentos, que seus olhos captaram algo na estrada. O carro ziguezagueava pelo asfalto como um bêbado em busca da saída, enquanto ele vagava no limbo de seus pensamentos.

Uma figura. Ou melhor, duas.

Elas surgiram como se tivessem sido costuradas à noite, como se as trevas houvessem dado forma a suas presenças. Os faróis do carro, como feixes de luz que rasgavam um pano escuro, iluminaram uma mulher que segurava a mão de uma criança. Elas estavam ali, paradas como estátuas de sal, no centro da estrada, seus rostos escondidos sob a sombra.

O vestido da mulher flutuava suavemente ao vento, como uma bandeira fantasmagórica. Os cabelos da criança, em cachos rebeldes e desalinhados, captavam a luz de forma tênue, como pequenas estrelas em uma noite sem lua. Edwin sentiu o sangue gelar. Sua respiração parou. A cena, uma composição estática de trevas e luz, era tão irreal que ele se perguntava se havia enlouquecido de vez.

Ele pisou no freio com toda a força que conseguiu reunir. A borracha gritou contra o asfalto como uma fera ferida, e o carro derrapou, escapando do controle e se desviando violentamente para a direita. Ele agarrou o volante com os dedos crispados, as juntas ficando brancas como ossos, enquanto lutava para manter o controle. O carro parou abruptamente, uma dança da morte que terminou a centímetros do acostamento.

O coração de Edwin batia como um tambor de guerra, ecoando em seus ouvidos como se tentasse escapar do seu peito. Ele agarrou o volante com as mãos trêmulas e esperou que o mundo parasse de girar. A visão da mulher e da criança ainda pairava em sua

mente, como se tivesse sido gravada em sua retina, uma marca permanente de algo que ele não conseguia entender.

O silêncio da noite era ensurdecido. Ele sentiu uma pontada de pânico em seu interior, uma sensação fria que se alastrava por todo o seu corpo, agarrando-o como uma fera faminta. Com um gesto hesitante, olhou pelo retrovisor, esperando ver as figuras novamente. Mas a estrada estava vazia como um caixão esquecido.

Nada.

Nem a mulher, nem a criança, nem mesmo um resquício que indicasse que algo ou alguém havia estado ali. O vento soprava através do vidro quebrado, carregado com um aroma de terra úmida, o mesmo cheiro que vinha da cabana. A escuridão o engolia, e ele sentiu o chão se movendo sobre seus pés.

“O que foi isso?” Ele sussurrou, sua voz um fio trêmulo, quase inaudível. Era como se as palavras não tivessem corpo, perdendo-se na imensidão da noite, sem nunca alcançar as paredes do carro. Ele abriu a porta com um movimento rápido, sentindo o ar gelado invadir o carro como a presença de um morto.

Ele saiu, olhando ao redor, os olhos varrendo a estrada como um caçador buscando sua presa. Mas a noite não oferecia respostas. Era como um deserto vasto e vazio, onde nada se movia, e os sons pareciam distorcidos. Ele deu alguns passos, como um sonâmbulo vagando no limbo entre a realidade e um sonho, e o canto distante dos grilos parecia mais alto do que nunca.

A sensação de algo ter errado ali ainda era forte, quase visceral, como um grito silencioso no vazio. Ele passou a mão pelo rosto, limpando o suor frio que se acumulava em sua testa, como se o simples ato de tocar

sua pele pudesse dissipar o medo que o agarrava. O que tinha visto? Uma alucinação? Uma miragem de sua mente cansada? Uma visão do que havia perdido ou do que estava por vir?

Ele não tinha certeza. Mas a sensação de que algo o observava, de que a noite estava viva e que seus segredos se acumulavam nas sombras, permaneceu como uma marca em sua alma. Ele voltou ao carro, fechando a porta com um movimento brusco, e dirigiu em silêncio, desta vez mais lento, mais cuidadoso. Seus olhos estavam fixos na estrada, mas sua mente era uma tempestade de imagens e dúvidas.

O pânico se alastrava dentro dele como um incêndio descontrolado, e ele sentiu a necessidade de parar, de respirar, de tentar reorganizar seus pensamentos que se espalhavam como cacos de vidro. Ele reduziu a velocidade do carro, procurando um local onde pudesse se recompor, onde o silêncio da noite não fosse tão opressor.

Avistou uma colina e decidiu parar ali. Era um monte solitário no meio do nada, onde a terra subia como uma mão aberta que suplicava ao céu. Estacionou o carro na base da colina e saiu, sentindo a grama fria e úmida sob seus pés, enquanto subia. Cada passo era um desafio, um esforço quase físico para levar o corpo para onde a alma se recusava a ir.

Quando chegou ao topo, o vale se estendeu diante dele, uma extensão de escuridão pontilhada por ilhas de sombra. A lua, gélida e distante, iluminava o cenário com uma luz pálida, criando um efeito assustador de sombras e trevas. O vento soprava suavemente, carregando o cheiro de terra molhada e um eco distante que parecia vir de um lugar para além do tempo e do espaço.

Ele fechou os olhos, esperando encontrar algum alívio no silêncio da noite, mas o que encontrou foi um caos, a voz do seu medo que sussurrava em seu ouvido. As imagens da mulher e da criança voltaram com força ainda maior, girando em sua mente como um carrossel macabro.

Elas não estavam mais paradas e imóveis na estrada, agora elas se moviam, cada passo mais próximo, como se estivessem se materializando na escuridão, como parte de um pesadelo do qual ele não podia acordar. Com cada passo que davam, a pressão em seu peito aumentava, e ele sentia o ar ao seu redor sendo sugado para longe.

"Quem são vocês?" Ele gritou para o vazio, mas sua voz foi engolida pela imensidão do vale, como uma pedra atirada em um mar agitado. Não houve resposta. Apenas o som do vento e o eco de sua própria respiração que parecia ser mais alta do que o som da própria noite.

Ele abriu os olhos, mas a colina que antes parecia vazia agora estava preenchida por presenças que dançavam como fantasmas à luz da lua. As sombras emergiam das trevas, tomando formas grotescas e se contorcendo como se estivessem possuídas por uma força sobrenatural.

Algumas eram apenas borrões informes, como se fossem entidades que não haviam nascido por completo, outras pareciam ter traços humanos, mas seus olhos ardiavam como brasas, fixando-se nele com uma intensidade que fazia sua pele arrepiar, as marcas do sofrimento marcavam suas faces como mapas da dor.

Edwin caiu de joelhos, sentindo-se esmagado pela presença das figuras, como um verme sob a sola de um sapato. Elas se aproximavam, estendendo as mãos para

ele, uma dança de horror silenciosa. Ele fechou os olhos novamente, mas a sensação não desapareceu. Pelo contrário, parecia ter se intensificado, como se as figuras estivessem agora dentro de sua própria mente.

E então ele sentiu: uma mão sobre seu ombro, leve como uma pena, mas tão real quanto o próprio toque da morte. Ele se virou, e o que viu fez com que perdesse o fôlego. Um homem estava ali, como se houvesse nascido da luz da lua, vestido com um manto branco que parecia brilhar no meio das trevas, seus traços austeros carregados de uma tristeza antiga. Os olhos do homem, penetrantes e serenos, pareciam atravessá-lo, alcançando os cantos mais sombrios de sua alma.

"Você sabe por que está aqui," disse o homem, sua voz ressoando como o som de um sino distante, ecoando nas profundezas da sua alma. "Você carregou isso por tempo demais."

As palavras não eram uma acusação, mas um reconhecimento de algo que Edwin sempre soubera, mas que sempre se recusara a admitir. Havia uma tristeza profunda na voz do homem, uma melancolia que parecia vir de um lugar para além da compreensão humana.

Antes que Edwin pudesse formular uma resposta, uma risada cruel cortou o ar como uma navalha, quebrando a serenidade do momento. Ele se virou novamente e viu outra figura, desta vez envolta nas trevas, com olhos vermelhos que brilhavam como o fogo. Era um demônio que havia se desprendido das profundezas do inferno, uma sombra que emanava uma aura de perversidade e sarcasmo.

"Ele não vai te ouvir," disse a figura sombria, sua voz carregada de um desprezo que parecia queimar como ácido. "Ele pertence a mim."

As palavras eram como uma confissão, uma declaração de propriedade que fazia a terra tremer debaixo dos pés de Edwin. Ele sentiu o terror o dominar, uma onda de medo que o paralisava, mas também uma estranha curiosidade que o instigava. Era como se ele estivesse no centro de um julgamento, e ambos os lados lutavam para conquistar sua alma.

O homem de branco falou sobre redenção, sobre a possibilidade de Edwin encontrar paz, mas as palavras soavam como uma melodia distante, quase inaudível diante da intensidade da presença da sombra. A figura sombria zombava do homem de branco, lembrando Edwin de seus erros, de suas escolhas, de todos os momentos em que havia cedido ao seu lado mais escuro.

As palavras das duas figuras ecoavam em sua mente, misturando-se e sobrepondo-se como camadas de som distorcidas por um rádio quebrado. Ele não sabia mais em quem acreditar, não sabia mais o que era real e o que era ilusão. Tudo o que restava era a sensação de que ele estava preso, encurralado em um labirinto de luz e trevas, uma guerra perpétua entre a culpa e a redenção, sem saber se alguma delas conseguiria salvá-lo.

Finalmente, ele caiu para trás, deitando-se na grama fria que se tornou o seu leito. O céu acima parecia girar, as estrelas se movendo em padrões que ele não conseguia compreender, transformando-se em brasas vermelhas como as do demônio, ou em halos luminosos do anjo. E enquanto ele olhava para cima, uma única pergunta ecoava em sua mente, uma semente de dúvida plantada em seu coração:

"E se eu puder ser salvo?"

A palavra era como um raio de luz nas trevas de sua alma, uma faísca de esperança que ele não conseguia

apagar. Ele fechou os olhos, permitindo que as palavras reverberassem dentro dele. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu algo que quase parecia... fé.

No silêncio que se seguiu, Edwin tentou se agarrar a essa nova sensação, permitindo que ela o envolvesse como uma névoa reconfortante. Ele não sabia o que estava por vir, nem mesmo se o que tinha vivido era real, mas a simples possibilidade de que pudesse haver um caminho, um escape do abismo, era tudo o que ele precisava para continuar.

Ele estava quebrado, estava perdido, mas no fundo de seu coração, uma pequena chama ainda tremulava. A chama da esperança.

E essa chama, por mais fraca que fosse, era tudo o que o impedia de cair nas trevas para sempre.

O Alvorecer do Carrasco

A quietude da madrugada era uma presença viscosa, um silêncio que pulsava, que respirava, um fantasma faminto no quarto de Edwin. O primeiro raio de sol, hesitante, lutava contra a penumbra que se agarrava a cada canto, como se temesse a escuridão.

Mas Edwin, em algum ponto entre a luz e as trevas, já estava em movimento, uma figura fantasmagórica que se movia no silêncio como um predador no meio da noite, como uma sombra que havia se tornado carne.

Seus pés tocaram o chão de madeira, o som como o eco distante de um tambor de guerra, um aviso

silencioso de que o dia da sua perversidade estava prestes a começar. Não havia hesitação em seus passos, apenas uma determinação calculada, uma marcha silenciosa em direção a um destino que ele mesmo havia tecido nas tramas da sua loucura.

Na mesa, uma placa de madeira talhada como um altar ancestral, um caderno de capa preta jazia aberto, como um livro de feitiços arcanos. As páginas, manchadas de tinta, eram um labirinto de anotações, cada palavra e cada linha desenhadas com uma caligrafia meticulosa, como um mapa de um labirinto onde a sanidade se perdia, um símbolo da sua mente dilacerada que lutava entre a ordem e o caos.

Ao lado, uma planta de um parque público se estendia como um mapa de guerra, um campo de batalha onde sua obsessão encontraria a sua presa. Era um labirinto de avenidas e caminhos, árvores que se contorciam como mãos suplicantes, cada detalhe marcado e assinalado, como um arquiteto que planeja o cenário perfeito para a sua tragédia. Rotas desenhadas com tinta vermelha, horários escritos com a precisão de um relógio, e pontos de interesse circulados como alvos, como uma obra de arte e um prenúncio de violência.

O ar estava denso, carregado de uma tensão que o fazia palpitar, um misto de concentração e um silêncio quase insuportável, como se o próprio ambiente estivesse prendendo a respiração, como se o mundo se preparasse para testemunhar uma tragédia, e tudo estava prestes a ser engolido pelo abismo. Edwin não respirava como um homem comum; sua respiração era um ritmo compassado, como um tambor que ecoava no vazio, um prenúncio de que uma tempestade estava prestes a começar.

As botas de couro deslizaram em seus pés com uma precisão quase ritualística, cada movimento, cada ajuste, calibrado com a mesma atenção que ele dava para os detalhes do seu plano. Elas eram como as botas de um soldado, prontas para levá-lo por um caminho de angústias e sombras, para conduzi-lo através do campo de batalha onde sua alma se perderia para sempre.

Ao lado da porta, a mochila preta repousava como um animal à espreita, compacta, mas carregada com as ferramentas da sua crueldade. Uma seringa de vidro com um líquido translúcido que brilhava como água suja. Um frasco de clorofórmio, um convite ao sono eterno. Luvas de couro finas, um toque macio que escondia as mãos da sua perversidade. Algemas de metal resistentes, prontas para acorrentar a sua presa. Uma máscara neutra, uma forma de se ocultar do mundo, e um cobertor cinza, o manto da sua crueldade, o palco da sua perdição.

Nada era supérfluo, nada era desnecessário, cada objeto era a peça de um mecanismo perfeitamente ajustado, e ele verificou cada detalhe na sua mente, como um piloto antes da decolagem, sabendo que o menor erro poderia fazer com que tudo se perdesse como pó no vento.

Ele respirou fundo, deixando o ar entrar em seus pulmões, a sensação gelada queimando em sua garganta, e ajustou o casaco sobre seus ombros, como um manto que escondia o seu lado mais sombrio. Ele saiu do apartamento como um fantasma que se dissolve na noite, e a cidade o envolveu com uma penumbra densa, como se tudo estivesse colaborando para o seu plano, como se todo o universo fosse um cúmplice da sua perversidade. Ele desapareceu, como um demônio que foge de um cemitério, como uma sombra que se funde com as trevas.

O parque, um refúgio para a cidade, era para Edwin um palco macabro, a arena de sua libertação. O orvalho da manhã brilhava na grama, como diamantes espalhados por um altar, e a névoa se movia como fantasmas por entre as árvores, sussurrando segredos de uma realidade que se perdia entre a lucidez e a loucura.

Edwin já estava lá, no meio do cenário, como uma sombra que havia se materializado no local. Ele havia escolhido um banco estrategicamente posicionado na periferia, onde ele poderia observar tudo sem ser notado, onde ele se esconderia como um lobo que espera o momento certo para atacar a sua presa. As árvores o cercavam como as paredes de um labirinto, e o ruído da cidade se tornava um sussurro distante, onde mal conseguia perturbar a sua concentração quase sobrenatural.

E lá estava ela, a sua presa, e não era mais apenas uma construção da sua mente, uma projeção da sua obsessão. Mas sim, uma pessoa real, com carne e ossos e um coração que batia dentro do seu peito como um relógio, como um tambor da morte. Ela estava sentada próxima de um playground, onde a inocência brincava despreocupadamente. Parecia absorver o ambiente com uma calma que era quase religiosa, como uma sacerdotisa que havia encontrado o seu lugar num altar.

Seu olhar, calmo, mas perscrutador, não revelava nada. Era como se estivesse aguardando a chegada do sol. Mas Edwin não era apenas um observador qualquer, ele era um leitor de almas, um decifrador de códigos, e sabia que sua calma era apenas a fachada de uma angústia que ele estava prestes a revelar.

Havia uma vigilância latente, uma atenção que se manifestava nos pequenos movimentos dos seus olhos,

na forma como a sua cabeça se inclinava para captar os sons que vinham de todos os lados. Não havia distrações, nem livros, nem telefones, apenas uma pose de serenidade, uma máscara da tranquilidade que Edwin estava prestes a arrancar para revelar o seu verdadeiro rosto.

Ele ficou ali, imóvel como uma pedra, e seus músculos se tensavam sob a pele, como cabos de aço, cada detalhe, mesmo que imperceptível, passava pelo filtro da sua observação. Ele havia se tornado um predador à espreita, ajustando-se aos movimentos da sua presa, como um felino que acompanha os rastros da sua caça. Ele não piscava, ele não respirava, como um fantasma na periferia da sua realidade. Cada detalhe era registrado, cada gesto era analisado, cada particularidade era armazenada na vastidão da sua mente.

Quando o relógio na sua mente soou o meio dia, Edwin se moveu. Era como se ele fosse um robô seguindo um comando interno, a quebra de um protocolo que ele havia programado por dias, meses ou anos, e que estava pronto para ser executado. Ele se levantou do banco, com a lentidão de um felino que se esconde nas sombras, e caminhou até um carrinho de sorvetes.

Sua expressão, quando fez o pedido, era de um homem comum, relaxado e quase amigável. Pediu um cone simples de baunilha, aceitou o troco com um aceno de cabeça, e voltou para o seu banco, agora mais perto da sua presa, e saboreou a guloseima, a frieza doce do sorvete se misturando com o amargor dos seus pensamentos.

Os gestos comuns e banais contrastavam com o turbilhão de pensamentos que se agitavam em sua

mente. O sorvete era apenas um adereço, uma máscara que escondia o monstro faminto que se movia por dentro. E enquanto ele saboreava a doçura fugaz, ele planejava seus próximos passos. Cada movimento, cada variável, cada detalhe, tudo fazia parte de uma equação complexa, onde o resultado final seria a dor.

O parque estava cheio de vida: crianças que riam, seus gritos ecoando como sinos de cristal, passos apressados que marcavam o tempo, e o canto distante dos pássaros que pareciam ser uma melodia que zombava da sua crueldade. Edwin via e ouvia, mas não sentia. Ele estava imerso no seu silêncio interior, naquele mundo que ele mesmo havia criado, um universo onde o terror era o único habitante. Ele estudava as sombras, os movimentos das pessoas, a localização de cada câmera, os pontos cegos, as áreas onde ele estaria a salvo. Ele estava montando um quebra-cabeça, e cada peça o aproximava do momento em que ele libertaria o seu lado mais sombrio.

A tarde passou lentamente, como um rio de sangue que corria sem pressa, arrastando consigo a sua sanidade. Edwin manteve o seu ritual, seguindo o seu plano com a precisão de um cirurgião. Ele mudava de posição a todo momento, se misturando à multidão, e voltava a observar, como se fosse um fantasma, sempre presente, mas nunca visto.

Sua paciência era fria como o aço, implacável como a fome, e ele sabia que a oportunidade perfeita iria aparecer, e a sua única tarefa era esperar, como uma besta sedenta que aguardava a hora de atacar. Cada segundo que passava o aproximava cada vez mais do seu objetivo final.

E foi quando o sol começou a desaparecer no horizonte, lançando sombras que pareciam braços fantasmagóricos, que a sua presa finalmente se moveu. Ele a viu se levantar do banco, e naquele instante, ele soube que o momento havia chegado, um chamado que ecoava em sua alma, como uma promessa de perdição.

O corpo dela se ergueu como uma ave que desperta, e Edwin se levantou também, ajustando o seu passo ao dela, como um lobo que segue o rastro da sua caça, e ele manteve a distância, como um fantasma que se move nas sombras. A presa caminhava em direção a um local isolado, como um cordeiro que caminha ao matadouro.

Um caminho escondido entre as árvores, um lugar onde a luz quase não alcançava, e os sons da cidade se perdiam no silêncio, parecia um lugar perfeito para a sua encenação macabra. Ele sentiu o seu coração acelerar, a adrenalina queimando em suas veias, como um rio de fogo que corria para o seu coração. Ele ajustou a mochila nas costas e acelerou o passo, como um felino que se prepara para saltar.

Entrar naquele caminho, era como cruzar uma porta para o inferno, um lugar onde o terror era a única verdade, a realidade desaparecendo, e dando lugar aos seus pesadelos. Edwin esperou o momento certo para que a sua presa se perdesse na escuridão, e, com passos suaves e precisos, desapareceu na névoa, como um fantasma que se dissolve na noite.

Quando o isolamento se completou, quando os dois se encontraram sozinhos, separados do mundo e das suas mentiras, Edwin agiu. Ele pegou a seringa da mochila, como um cirurgião que escolhe o seu bisturi. Envolveu-a em um pano, como um assassino que silencia a sua arma, e se aproximou com a rapidez de um raio e a

sutileza de uma serpente. Num movimento suave, perfurou a pele da presa, injetando o sedativo, a agulha entrando suavemente como um beijo da morte.

A reação foi quase instantânea: um olhar de surpresa e pavor, como o de um animal preso em uma armadilha, seguido por um instante de resistência, o seu corpo cedendo como uma marionete com as cordas cortadas. A força de Edwin era implacável, como a maré que arrasta um navio para as profundezas do oceano, e ele segurou a sua presa com firmeza enquanto o veneno se espalhava pelas suas veias, adormecendo o seu corpo e transformando a sua mente em uma câmara de eco, onde o seu terror gritava em silêncio.

A ação foi rápida, mas para Edwin, pareceu durar uma eternidade. Ele se moveu como um autômato, como um boneco que segue as ordens do seu mestre, e pegou o carrinho de supermercado, que estava escondido nas proximidades, um objeto comum que havia sido transformado em uma ferramenta do seu lado mais sombrio. Ele depositou o corpo desacordado sobre ele com cuidado, como um artista que coloca sua obra em um pedestal, e a cobriu com sacos pretos, como um lixo que havia sido jogado ao mar, como um corpo que havia sido esquecido pelo tempo.

Ele se tornou invisível novamente, uma sombra que se fundia com as trevas, um fantasma que se escondia sob a sua capa de normalidade.

A cidade, como um monstro adormecido, começava a se movimentar, e Edwin estava lá, na estrada, como um verme que se arrastava por entre as entranhas da besta.

O carro deslizava pelas ruas caóticas, e a sua mente fervilhava com o medo que se infiltrava em seu corpo. Ele tentava se convencer de que tudo estava sob

controle, mas o barulho das buzinas, que ecoava como o grito de um animal agonizante, o deixava ainda mais ansioso.

As filas de carros avançavam como uma serpente gigante sob a luz amarelada dos postes, um labirinto de metal e sombras, onde a sua existência se misturava com a de todos os outros, mas ele se sentia mais sozinho do que nunca, um eLivros vagando por um mundo estranho e hostil. O rádio emitia notícias vagas, vozes distorcidas e sem sentido, como se estivessem vindo de outro planeta, a sua realidade se tornando uma bolha de escuridão, onde o caos era o único companheiro.

No porta-malas, a presença silenciosa da sua presa o incomodava, como uma ferida que não curava. Ele sabia que o sedativo tinha um tempo limitado, e a ideia de que ela poderia despertar antes de chegar à cabana, o fazia acelerar como se estivesse fugindo do inferno.

Um leve movimento, quase imperceptível, na parte de trás do carro, fez com que o seu coração parasse por um instante. Ele olhou pelo retrovisor, mas tudo parecia imobilizado nas trevas. Mas, mesmo assim, o medo de ser descoberto, de ver o seu plano desmoronar, apertava o seu peito, e as suas mãos crispavam no volante.

O tráfego avançava lentamente, um rio de metal que se movia sem rumo, e o tempo se arrastava como uma eternidade, e a tensão crescia como um câncer. E foi nesse momento de angústia, que ele viu as luzes azuis e vermelhas que brilhavam como estrelas da morte no céu da cidade. As viaturas, com as suas sirenes silenciosas, criavam uma dança de sombras, como se estivessem o seguindo em uma perseguição que o levaria até a sua queda.

O suor escorreu em sua testa, frio como a morte, o medo se espalhando pelo seu corpo como veneno. Ele desligou o rádio por um instante, concentrando-se no barulho do motor, e na sua respiração, enquanto lutava para não perder o controle. A tensão era tão forte, tão densa, que parecia se espalhar por todo o carro, como se o espaço não pudesse conter o terror que o consumia.

Outro movimento, desta vez mais intenso, na parte de trás do veículo, um gemido abafado, o último suspiro de um homem afogado. O terror o paralisou por um instante, mas a sua mente voltou a trabalhar, e ele sabia que não havia tempo para hesitar, que ele não poderia deixar que o seu plano se perdesse por causa de um pequeno erro.

A seringa reserva estava no porta-luvas, como uma ferramenta de emergência para o caso de o seu plano dar errado, e ele a pegou, com as mãos tremendo, ajustando o retrovisor para que pudesse acompanhar os movimentos da sua presa. Não havia escolha. Ele estacionou o carro na lateral da estrada, fingindo que olhava o painel, e abriu o porta-malas, como um coveiro que abre uma tumba. Ele viu a sua presa se mexer, os olhos entreabertos, sem entender onde estava, sem entender quem ele era. Ele não poderia arriscar, não ali, não naquele momento.

"Não agora," sussurrou Edwin para si mesmo, sua voz um murmúrio que se perdia no ar, como um grito que se transforma em silêncio. Ele tirou a seringa e injetou mais uma dose do sedativo na pele da sua presa. E a resistência, mesmo que fraca, logo se perdeu no efeito do veneno, que a transformava novamente em um corpo inerte.

Ele respirou fundo, como se estivesse engolindo a sua própria ansiedade, verificando as amarras e as algemas, antes de fechar o porta-malas. O som da porta batendo ecoou em sua mente como um sino de morte, e ele precisava sair dali o mais rápido possível, antes que alguém o visse, antes que tudo se desmoronasse como um castelo de cartas.

Ele voltou para o volante, sentindo o estofado frio e suado contra as suas costas, e viu que o tráfego havia avançado uns poucos metros, o caminho para as luzes das viaturas havia encurtado, e as sombras se estendiam sobre seu veículo como se fossem tentáculos de um monstro marinho. Ele ligou o rádio novamente, procurando por alguma informação, por alguma explicação para aquele caos que o aguardava, mas tudo o que conseguiu encontrar foi uma melodia suave, como uma zombaria diante do terror que o consumia.

E, quando se aproximou da fonte do caos, sentiu o seu coração subir pela garganta, e o sangue pulsando nas suas têmporas como um tambor de guerra. Ele viu os cones laranjas, os policiais gesticulando, e os carros desviando para uma rota alternativa, um pesadelo de luzes e sombras, uma dança da morte. E a cada metro que avançava, sua respiração se tornava mais curta e seu medo mais intenso.

Ele passou pela cena lentamente, com os seus olhos correndo por cada detalhe, como um predador que estuda a sua presa. Viu o ciclista caído ao lado da estrada, cercado por policiais, e curiosos que olhavam, mas não ofereciam ajuda, e um policial olhou diretamente para ele, como se pudesse ver através de sua alma, mas apenas assentiu para que ele seguisse em frente. E quando ele passou pelo acidente, viu um corpo

sendo coberto por uma lona, como se a vida fosse um véu que se estendia sobre a morte.

O aperto no seu peito aumentou, e só passou quando a curva o tirou daquele local. As luzes e o caos ficaram para trás, e ele finalmente respirou, como se estivesse emergindo de um mar turbulento. Suas mãos tremiam sobre o volante, mas ele se forçou a manter a calma, a sua mente retomando o seu plano original. A estrada estava livre novamente, e ele acelerou, abandonando o caos da cidade. O silêncio voltou ao carro, mas agora era um silêncio tenso, que carregava o peso do seu medo e da sua culpa.

Ele sentia o perigo do imprevisto, e o acidente o lembrou de como a sua realidade poderia desmoronar em um instante, de como tudo estava em jogo, e que um simples detalhe poderia arruinar tudo. Cada quilômetro que deixava para trás era como um passo em direção a sua fortaleza de terror, e que a sua meticulosidade e planejamento eram apenas a ponta de um iceberg que poderia se afundar a qualquer momento.

O caminho até a cabana parecia se estender como um pesadelo, mas Edwin se mantinha com uma calma quase fria, a sua mente calculando cada passo como um jogador que antecipa o movimento do adversário. Cada quilômetro era uma confirmação de que tudo estava funcionando conforme ele havia previsto, e que todos os elementos estavam sob o seu controle, como as peças de um mecanismo perfeito.

As luzes do carro se fundiram com a escuridão da noite, revelando a silhueta da cabana, e ele estacionou na clareira, desligou os faróis, e a escuridão o engoliu. O milharal parecia uma floresta de sombras, que engolia

todos os sons que se aproximavam do local, como um manto que envolvia a sua perversidade.

Ele abriu o porta-malas com cuidado, o som da dobradiça parecendo ecoar na sua mente, e retirou sua presa, como se fosse uma escultura, um objeto de arte. Carregou-a nos braços como se fosse frágil, mas ao mesmo tempo, um objeto que ele havia criado para o seu uso pessoal, como um sacerdote que realiza um sacrifício, uma oferenda de sofrimento.

A Sombra no Labirinto

A madeira áspera da mesa mordida sua pele. Ele focou no gotejar. Ploc... Ploc... O vento uivava. O milharal sussurrava. Ploc... Água? Sangue? O som martelava em sua mente. Um olho amarelo e doentio piscava. Sombras demoníacas. Ploc... Visão turva. Inferno. Ele estava no inferno.

Ele ouvia passos lentos, como o toque de um tambor de morte, e sentia o seu cheiro, uma mistura de metal e flores em decomposição, uma fragrância nauseabunda que penetrava na sua mente como um veneno. A dor era sua companheira constante, uma fera faminta que o devorava por dentro, enquanto a sua mente, como um labirinto que não levava a lugar algum, buscava uma saída para a sua perdição.

“Não há espaço para erros,” a voz de carrasco ecoou como um trovão no silêncio da cabana, cada sílaba, como a promessa de uma tortura que ainda estava por vir, e a cadeira rangia, enquanto ele se sentava como um rei no seu trono, e os seus olhos, como buracos negros,

se fixavam na vítima, e a sua presença, como uma maldição, preenchia todo o espaço.

"Você não faz ideia," falou finalmente Edwin, sua voz como o sussurro de um demônio que o seduzia para o abismo. "do quanto eu planejei tudo isso. Você se tornou a peça principal do meu quebra-cabeça, e eu o montei cuidadosamente. E agora, você está aqui, onde você sempre pertenceu." E a sua gargalhada, sem alegria, sem emoção, reverberava como um eco da perdição, e a vítima, amarrada e impotente, sentia a sua esperança se extinguindo, e a sua alma se perdia cada vez mais no mar da escuridão.

E então, ele o viu. O rosto de Edwin, tão comum, que antes parecia tão insignificante, agora era a face do seu terror, uma máscara da perversidade, e o seu sorriso, frio e calculista, como a promessa de uma agonia que nunca teria fim. "Bem-vindo de volta," Edwin disse, e as palavras, como beijos da morte, penetravam em sua mente, selando a sua sentença. "Bem-vindo ao seu novo inferno".

E a vítima tentava gritar, mas nenhum som saía da sua garganta, apenas um gemido abafado, como o lamento de um fantasma preso entre o mundo dos vivos e dos mortos, e o seu corpo, como uma marionete, tremia de desespero, enquanto a sua alma se perdia nas profundezas do abismo. Edwin se movia como um espectro, e a sua voz, como a de um hipnotizador, invadia a mente da sua vítima como um vírus. "Eu observei você por tanto tempo," sussurrou, como se estivesse lhe contando um segredo, como se estivesse revelando um mistério de um mundo obscuro. "E agora, você é meu. Você é minha posse, a minha propriedade".

Seus dedos acariciavam o rosto da vítima com uma delicadeza cruel, e a sua voz, como a do próprio inferno, sussurrou em seu ouvido: “O sedativo ainda age, não é? E você sente o seu corpo preso em um pesadelo, enquanto a sua mente vagueia em um labirinto de terror. E eu, irei me certificar de que você saboreie cada detalhe da sua perdição”.

E Edwin se afastou, e a vítima viu, com clareza, o rosto do seu algoz. Aquele homem, tão comum, havia se tornado o seu monstro particular, o anjo caído que o levaria até o abismo, e o terror, como uma praga, se espalhava por todo o seu corpo, e consumia todos os seus sonhos, e se instalava de forma permanente na sua mente e na sua alma. “Você está em meu inferno particular” Edwin sussurrou, e sua voz, como uma promessa de sofrimento, penetrava nas suas entranhas. “Onde a sua dor é a única lei”.

E Edwin pegou a cadeira e puxou para mais perto da mesa, e se sentou, cruzando as pernas como se fosse apenas um visitante, e a sua voz, suave, mas carregada de perversidade, penetrou na mente da sua vítima. “Mas não se preocupe. Você terá tempo para falar. Eu quero ouvir a sua voz, quero saber o que se passa na sua mente, como você se sente estando aqui, no meu reino, onde o sofrimento é a única verdade. Não será divertido?” E ele riu, e o seu riso era um eco da sua loucura, um som que se perdia na escuridão da cabana, a promessa de um tormento eterno.

O silêncio voltou a dominar a cabana, e Edwin, com a voz suave, como a melodia de uma canção de ninar, começou a falar, e seus dedos tocaram a madeira, e o som, como o prenúncio da sua perversidade, ecoava em seu coração. “Eu sempre fui fascinado por histórias,” disse ele, e o seu tom, se tornou melancólico e quase

triste, como se ele sentisse a sua própria queda. “E me perguntava por que os vilões sempre perdiam no final. Mas então eu cresci, e entendi que a vida não é uma história, não existem mocinhos nem bandidos, apenas escolhas, e as consequências que elas trazem. E as suas escolhas, oh, como elas o trouxeram até aqui, ao meu reino, onde a dor é a sua única certeza”.

Edwin se aproximou, seus olhos como brasas na escuridão, e o seu hálito, como o cheiro da morte, se misturava com o da vítima, e a sua voz, como a promessa do tormento, ecoava na sua mente. “Você se vê como um inocente? Como uma vítima?” E Edwin riu, e o seu riso, era a promessa da perdição eterna. “Ah, meu caro, como você se engana. Você é apenas o protagonista da sua própria tragédia. E agora, você irá provar o próprio veneno que você destilou, você irá se afogar em seu próprio sofrimento.” E a sua voz, como um punhal, penetrava nas profundezas da alma da sua vítima, enquanto Edwin, cada vez mais, se tornava o monstro que havia se escondido por tanto tempo em seu interior.

Edwin se afastou e abriu o baú, e tirou de lá uma faca, e a lâmina, como um raio de luz no meio da escuridão, brilhava como um prenúncio de terror. Ele a segurou, como se fosse um objeto sagrado, e a girou entre os dedos pela primeira vez, como se ele estivesse admirando a sua própria obra prima. “Dizem que tudo tem um começo,” ele disse, a voz como a de um profeta que anuncia o seu próprio apocalipse, “mas para você, este é apenas o começo do fim. E eu serei o seu guia, o seu carrasco, e o seu sofrimento, o meu grande prazer”. E a lâmina, como um beijo da morte, como um toque que prometia o tormento eterno.

“Você não é nada além de uma peça do meu jogo,” Edwin disse, e a sua voz, como um sussurro da perdição, penetrou na alma. “E eu, sou o jogador, o mestre, o criador. E no final, você me agradecerá por isso”. E a sua risada ecoava no silêncio, como uma promessa de que o seu inferno estava apenas começando.

A voz de Edwin se tornou ainda mais suave e íntima, como um veneno que corria pelas veias, e se infiltrava na mente da sua vítima. “E você,” continuou, enquanto os seus olhos penetravam a alma do seu homem nu, “Você será a minha musa, a obra de arte da minha perversidade, e eu irei esculpir seu sofrimento, e irei pintá-lo com seu sangue, e através da sua agonia, eu mostrarei a todos a verdade sobre a existência, sobre a fragilidade humana, sobre o poder que a dor e o sofrimento possuem”.

E Edwin, como se fosse um carrasco no seu trono, começou a se movimentar, e seus passos eram o prenúncio do que estava por vir. Ele pegou a mordaca, e seus dedos acariciaram o tecido como se fosse a pele de um amado, e se aproximou, colocou a mordaca em sua boca, e seus olhos, como duas brasas que queimavam no inferno, se fixaram nos do seu homem nu, e ele apertou, como se quisesse apagar a sua voz, a sua identidade e a sua própria humanidade.

"Você se lembra do que lhe disse?" Edwin falou, e a sua voz era como uma navalha que cortava o silêncio. "Você é apenas o início da minha longa história. A sua voz aqui se tornará um eco no vazio, um lamento que será esquecido no tempo, porque a partir de agora, você não será nada além de poeira". E Edwin admirava a sua obra, e o seu riso, como um eco que se perde na noite, ecoava na mente do homem nu como uma promessa de sofrimento eterno.

Edwin se afastou. O silêncio, espesso como sangue, preencheu a cabana. O homem nu sentiu o mundo se inclinar, as sombras se alongando como dedos esqueléticos. Sua mente, um caleidoscópio de imagens fragmentadas, afundava em um mar de escuridão. A respiração, um raspar áspero em sua garganta, era tudo o que restava.

E então moveu-se pela cabana. Não eram ferramentas que ele preparava, mas os instrumentos de um ritual profano. E o homem nu compreendeu, com uma clareza terrível, que sua agonia estava apenas começando.

Edwin apagou a luz, e a escuridão engoliu a cabana, e a sua voz, ecoou como uma promessa de dor e sofrimento, e o homem nu, sem voz e sem esperança, se entregou à sua própria perdição.

Novo Amigo

O homem nu, há muito submerso em sua dor, já não sabia diferenciar o calor da pele, do frio do medo. A cabana havia se tornado mais do que um espaço; era um organismo vivo que respirava com ele, que sussurrava sua destruição em cada ranger da madeira apodrecida. O cheiro de mofo e sangue seco já não era uma agressão aos sentidos, mas um lembrete cruel de que ali o tempo não tinha forma. Apenas dor. Apenas a presença insuportável de Edwin.

Ele estava acostumado ao silêncio opressor que Edwin deixava atrás de si. Aquela quietude não era um alívio, mas uma ameaça. Uma promessa de que o próximo ato seria ainda pior. Mas, dessa vez, foi outro

som que quebrou o vazio: um arrastar abafado, algo sendo movido pela madeira áspera do chão. O homem nu endureceu. Seus ouvidos, treinados pelo desespero, captaram a aproximação de algo novo, algo que não fazia parte do padrão previsível de Edwin.

Um cheiro diferente começou a se infiltrar na cabana, sutil no início, mas inconfundível. Não era o cheiro metálico de sangue ou a podridão do mofo. Era algo doce, estranho, quase fora de lugar naquele cenário de horror. O homem nu tentou inspirar mais profundamente, mas sua garganta machucada apenas produziu um som seco. Ele não precisava de mais pistas; sabia que algo ou alguém havia chegado.

Quando os passos de Edwin ecoaram novamente, eles estavam acompanhados de outro som: um grito abafado, carregado de pânico e impotência. O homem nu estremeceu. Era uma mulher. Pela primeira vez em semanas, meses, quem sabe anos, ele não estava sozinho naquele inferno.

O som de um corpo sendo arrastado foi seguido por um impacto surdo. Ele ouviu quando Edwin posicionou uma nova mesa no centro da cabana. O homem nu sentiu seu coração bater mais rápido. Havia um conforto terrível na rotina de sua própria tortura; ele sabia o que esperar. Mas agora havia outra vítima. Outra alma para dividir aquele tormento. E, com isso, um novo horror: a culpa de não poder salvá-la.

A voz de Edwin cortou o ar como uma lâmina fina e precisa.

"Bem-vinda," ele disse, seu tom carregado de um sarcasmo cruel. "Ao meu reino. Aqui, a dor é a única verdade. E a única saída."

A mulher gritou novamente, mas sua voz foi rapidamente abafada, provavelmente por uma mordada. O homem nu não conseguia vê-la, mas podia sentir sua presença. Era como se a cabana tivesse mudado, como se o espaço ao seu redor tivesse se comprimido para acomodar mais sofrimento. Ele queria falar, queria oferecer algum consolo, mas sua própria mordada e o estado miserável de seu corpo tornavam qualquer tentativa inútil. Em vez disso, ele apenas fechou os olhos e tentou enviar pensamentos de resistência para aquela mulher desconhecida.

Edwin não perdeu tempo. Ele começou a falar novamente, sua voz um veneno que se infiltrava nos ouvidos dos dois homens nus.

"O que é a dor? Vocês já se perguntaram?" Ele caminhava pela cabana enquanto falava, seus passos firmes e deliberados. "Alguns dizem que é apenas um sinal de que ainda estamos vivos. Eu discordo. Para mim, a dor é um portal. Uma janela para a alma. E vocês, meus queridos, são telas em branco esperando para serem preenchidas."

O homem nu ouviu o som metálico de ferramentas sendo manuseadas. Ele sabia o que viria a seguir. Podia imaginar o que Edwin faria com a mulher, e isso o encheu de uma raiva impotente. Ele tentou puxar suas amarras, mesmo sabendo que era inútil. As cordas cortaram sua pele já machucada, mas ele não parou. Ele precisava fazer algo, qualquer coisa, para desviar a atenção de Edwin.

Mas Edwin não se importava com sua luta silenciosa. Ele estava completamente focado na nova vítima. "Você sabe o que me fascina?" ele continuou. "A esperança. Ela é uma praga, uma ilusão cruel que faz vocês acreditarem

que existe uma saída. Mas eu vou arrancar isso de vocês. Vou destruir cada fragmento de esperança até que só reste a verdade: a dor é tudo o que existe."

A mulher gemeu contra a mordaca, seu som carregado de desespero. Edwin riu, um som baixo e cruel que reverberou pelas paredes da cabana.

"Ah, não chore," ele disse, quase gentilmente. "Ainda não. Guarde suas lágrimas. Elas serão muito mais valiosas quando forem genuínas."

O homem nu sentiu uma onda de desespero misturada com uma determinação feroz. Ele sabia que Edwin queria quebrá-los, transformá-los em reflexos de sua própria escuridão. Mas ele também sabia que, enquanto eles resistissem, mesmo que apenas em suas mentes, Edwin nunca teria a vitória completa.

Então, ele tentou. Ele tentou se comunicar com a mulher de alguma forma. Ele começou a bater levemente o pé contra a madeira, criando um ritmo irregular. Ele esperava que ela entendesse, que percebesse que ele estava ali, que ela não estava sozinha. No início, ele não teve resposta. Mas então, quase imperceptivelmente, ele ouviu um som. Ela estava batendo de volta. Muito suavemente, mas estava.

Edwin não percebeu. Ele estava ocupado demais com seus preparativos, com suas ferramentas e seus discursos depravados. Mas, para o homem nu, aquele simples som foi um raio de esperança. Ele não sabia quem ela era, mas naquele momento, ela era sua aliada. Eles estavam juntos naquela luta, mesmo que silenciosamente.

Os gritos começaram pouco depois. Eles eram terríveis, ecoando pela cabana como labaredas de fogo

perfurando o silêncio. O homem nu fechou os olhos com força, tentando bloquear o som, mas era impossível. Cada grito era uma lembrança de sua própria dor, de sua própria impotência. Mas ele não deixou de bater o pé. Era tudo o que ele podia fazer.

Entre os gritos, ele ouviu a voz de Edwin, calma e controlada. "Você vai agradecer por isso um dia. Quando a dor tiver levado tudo, você estará livre."

O homem nu queria gritar, queria dizer a Edwin que ele estava errado, que a dor não libertava, mas destruía. Mas ele não tinha voz. Tudo o que ele tinha era aquele som fraco, aquele código de resistência que compartilhava com a mulher.

As horas se arrastaram. Edwin parecia incansável, como se estivesse se alimentando da dor que causava. O homem nu começou a sentir seu próprio corpo ceder, sua mente flertar com o colapso. Mas então ele ouviu novamente. O som de batidas. Fracas, hesitantes, mas ainda ali. A mulher ainda estava resistindo. E, de alguma forma, isso deu a ele a força que precisava.

Quando Edwin finalmente parou, o silêncio que tomou a cabana foi quase tão opressor quanto os gritos. O homem nu sabia que a mulher ainda estava viva porque podia ouvi-la respirar. Respirações curtas e rápidas, mas ainda assim um sinal de vida. Ele queria consolá-la, dizer a ela que eles encontrariam uma maneira de escapar. Mas tudo o que podia fazer era continuar batendo o pé, esperando que ela entendesse.

Edwin, satisfeito com seu trabalho, finalmente se afastou. "Descansem," ele disse. "Amanhã, continuaremos nossa jornada."

Ele saiu, deixando-os sozinhos na escuridão. O homem nu esperou até ter certeza de que Edwin estava longe antes de começar a bater o pé novamente. Desta vez, ele foi mais forte, mais ritmado. E, para sua surpresa, a mulher respondeu. Ela estava ali. E ela estava lutando.

Naquele momento, algo mudou dentro dele. Pela primeira vez em muito tempo, ele sentiu uma fagulha de esperança, uma chama pequena, mas persistente. Ele não sabia como, mas sabia que eles precisavam encontrar uma maneira de sair dali. E ele faria tudo o que pudesse para garantir isso.

Enquanto a noite avançava, ele e a mulher continuavam a se comunicar, seus sons fracos um para o outro eram mais poderosos do que qualquer palavra. E, juntos, eles começaram a planejar o impossível: escapar do inferno que Edwin havia construído.

Caçada

A cabana pulsava, um coração doente, cada rangido da madeira, cada sussurro do vento, um lembrete constante da presença do carrasco. Mas, por um instante, o homem nu sentiu algo diferente: a ausência da dor lancinante que se tornara parte de si. Suas mãos, formigando e dormentes, se moviam como se estivessem presas em um sonho, e a sua mente, como um labirinto, tentava processar o que estava acontecendo, e o sabor do sangue em sua boca, era como a promessa de que seu sofrimento ainda não havia chegado ao fim.

Ele moveu a língua, sentindo o ar, a sua garganta, como um deserto sedento, tentava se acostumar com a

liberdade que havia se manifestado de forma tão repentina. E ele ouviu. Um som fraco e arrastado, como o de um animal ferido, e então, a certeza de que o seu isolamento havia chegado ao fim, e em seu coração, a esperança, como um farol na escuridão, começou a brilhar com mais intensidade.

E a voz, rouca e fraca como a de um fantasma, penetrou em sua mente. "Você está aí?" a mulher perguntou, e o seu tom, como o de uma alma perdida, o fez sentir uma onda de compaixão e de esperança.

Ele tentou falar, mas suas cordas vocais, machucadas pela dor e pelo silêncio, produziram apenas um gemido, e cada sílaba, como um prego de ferro, penetrava em sua garganta como cacos de vidro. "Um homem nu," ele conseguiu murmurar, e suas palavras, quebradas, soavam como o lamento de uma alma perdida, como se ele tivesse retornado do mundo dos mortos.

Um silêncio opressor invadiu a cabana, e o homem nu se perguntou se ela havia desistido, se ela, como ele, havia se perdido na vastidão da sua própria escuridão, mas então, o som de cordas sendo puxadas, como o toque de um fantasma, penetrou em sua mente, e a sua respiração se tornou mais rápida, e seu coração, como um pássaro, bateu mais forte contra as suas costelas.

"Minhas mãos..." A voz da mulher soava como um sussurro ao vento, carregado de dor e de determinação. "Quase... livres." E o homem nu sentiu uma onda de adrenalina percorrer o seu corpo, e no meio de toda aquela agonia, ele sentiu, que a sua libertação, estava cada vez mais próxima.

E ele ouviu. Os movimentos hesitantes da mulher, o seu corpo, raspando contra a madeira fria, e o seu corpo, como se estivesse sendo guiado por uma força

sobrenatural, se moveu contra as amarras, e ele sabia que, em breve, a sua liberdade, seria, enfim, real.

"Continue," ele sussurrou, a sua voz como uma promessa na escuridão, "Você pode fazer isso." E a cada movimento da mulher, como a queda de um dominó, um pedaço do seu medo se transformava em esperança, e o seu desespero, em determinação, e cada segundo que passava, o levava mais perto da sua libertação.

O tempo se arrastava como um rio de lava, e o homem nu sentia cada segundo como uma eternidade, e a dor, latejava em cada nervo, e cada fibra do seu ser, e a escuridão se tornava mais densa, e o silêncio, cada vez mais opressor. E então, um som, como um suspiro de alívio, penetrou em sua mente: "Consegui." A mulher havia se libertado.

Uma esperança, como um raio de sol que penetra na escuridão, inundou o seu coração, e o seu peito, como um tambor, batia mais forte, e a sua mente, como um labirinto, buscava desesperadamente por uma saída, por um caminho de esperança, e ele sabia que, de alguma forma, ele havia sobrevivido àquele dia, e que ele lutaria, até o seu último fôlego, para se libertar, e a sua vontade, como a de um aço, havia se tornado inquebrável.

Ela se aproximou, uma sombra na escuridão. Suas mãos tocaram suas amarras. Ele ergueu o olhar. Reconheceu-a imediatamente. Seus olhos. Cheios de lágrimas. A última vez que a viu... Culpa. Remorso. Ele fechou os olhos, incapaz de suportar a dor que aquele reencontro trazia. As mãos dela tremiam enquanto desfaziam os nós, como se estivessem libertando não apenas ele, mas também a si mesma de um passado que os assombrava.

"Dói?" ela perguntou, e a sua voz era como um sussurro que penetrava em sua alma.

"Não importa," o homem nu respondeu, e a sua voz, como a de um guerreiro que se prepara para a batalha, era a promessa de que ele não se entregaria, "Rápido, antes que ele volte."

E as suas mãos, firmes e decididas, trabalharam em silêncio, enquanto a adrenalina, como um rio de fogo, corria pelas suas veias, e cada nó desfeito, era como a libertação de um pedaço da sua alma, e ele sentia o sangue, como a promessa da vida, correr por seu corpo, queimando como lava, e a dor, como uma fera que rugia em seu interior. Mas, acima de tudo, o desejo de liberdade, era a sua força, a sua guia, a sua única verdade.

E então as cordas cederam. E o homem nu sentiu os seus pulsos, como se tivessem sido libertados de correntes de aço, e ele sentiu o sangue, voltando a circular por cada nervo, cada músculo, e a dor, como um monstro, penetrava em sua carne, mas a sensação de liberdade, como um bálsamo, curava todas as suas feridas.

"Agora..." ele disse, e suas palavras eram quase como um rugido, como se ele estivesse se libertando de um longo período de sofrimento, "Precisamos sair daqui."

"Acredito que há uma porta nos fundos," respondeu ela, e a sua voz, como a de uma guia, penetrava em sua mente, e o conduzia através da escuridão, "Mas e se ele estiver esperando?"

"Então lutamos," ele falou, e a sua voz era a promessa de que ele não se entregaria ao seu destino, "Eu prefiro morrer lutando, do que apodrecer neste

inferno." E ele se levantou, com uma força que parecia vir de outro mundo.

O silêncio da cabana foi quebrado por suas respirações, rápidas e irregulares, e as palavras, como farpas de aço, penetravam em suas mentes, e ele se sentiu como um fantasma que se movia na escuridão, guiado pela sua determinação, e a promessa de que a sua liberdade, estava cada vez mais próxima.

Eles se moviam com cautela, como dois espectros à espreita na escuridão, suas mãos unidas como um fio invisível, e seus passos, como o sussurro de uma rebelião, tentavam evitar que Edwin ouvisse a sua fuga, e no centro de suas mentes, a esperança, como uma pequena chama, brilhava com intensidade.

E então, a mão dela tocou algo frio e metálico, a maçaneta da porta, e um silêncio opressor tomou conta da cabana, e ela sentiu os seus dedos, frios como gelo, percorrerem a superfície metalizada como se ela estivesse procurando o caminho para a sua salvação.

"Está destrancada," ela sussurrou, e as suas palavras, carregadas de desespero e de esperança, eram como a melodia de um novo começo, "Eu não consigo acreditar."

"Abra," ele respondeu, e a sua voz era como um comando que ecoava no silêncio da noite. E o som da maçaneta destrancando, e o rangido da madeira ao abrir a porta, era como a promessa de que a liberdade estava ao alcance de suas mãos.

O ar fresco da noite os envolveu, e o cheiro da terra molhada e das flores silvestres, invadiram suas narinas como um bálsamo para as suas almas, e o toque da brisa em sua pele, como o toque de um fantasma, os libertava

de suas amarras e de seus pesadelos. A luz, fraca e bruxuleante da lua, se estendia sobre a floresta como uma miragem, um sonho que se tornava real diante dos seus olhos, mas o medo, como uma sombra, ainda se estendia sobre o seu corpo, como se o inferno estivesse os perseguindo em suas memórias.

“Agora,” ele disse, e sua mão, trêmula, tocou o braço da mulher, “Corram.” E o seu corpo, como um animal liberto, se moveu em direção a escuridão da noite.

Eles saíram para a escuridão da floresta, e o som de seus passos, na grama, se misturavam com o vento que uivava, e a plantação, como um labirinto, se abria diante de seus olhos, e no meio da sua escuridão, ele sentia, a sua própria fragilidade, e a sua força, como duas faces da mesma moeda.

Atrás deles, como se fosse a promessa da morte que se aproximava, passos pesados ecoavam na cabana. Edwin havia voltado.

“Ele está vindo,” a voz da mulher, carregada de pavor, se infiltrou na mente do homem nu como uma flecha.

“Continue correndo,” ele respondeu, e a sua voz, como um grito de guerra, penetrava na escuridão, e ele sentia a sua determinação, como um escudo que o protegia contra o terror. E ambos, como fantasmas, corriam com toda a sua força, para um destino que eles não conseguiam ver.

Eles correram por entre as folhagens do milho, e por entre as sombras que dançavam como demônios, e os seus corpos, como se estivessem feitos de vidro, se moviam sem controle, enquanto a sua respiração, como o toque de um fantasma, se misturava com o uivo do

vento. E eles corriam, como animais acuados, fugindo da sua própria perdição, e o seu medo, como um vírus, penetrava em cada célula do seu corpo.

E então, eles alcançaram a margem de um pequeno riacho, e o homem nu, guiado por um instinto de sobrevivência, agarrou a mão da mulher e se lançou para dentro das árvores densas que se manifestavam nas margens, e ali, na escuridão, como duas almas perdidas, eles, como se fossem parte do mesmo ser, se refugiaram no seu interior, em busca de um resquício de esperança.

O coração de ambos batia em uníssono, como se suas almas houvessem se encontrado na vastidão do universo, e no silêncio, eles sentiam o seu sangue percorrer as suas veias, como a promessa de que a sua luta havia apenas começado.

"Nós temos que nos separar," ela disse, e o seu tom era como o de uma alma resignada, "Se ele seguir um de nós, o outro terá mais chances de conseguir escapar." E então, o medo, como um fantasma, se apossou de sua mente, e a sua voz, como a de um espectro, se tornou cada vez mais fraca, como a de uma alma que se entregava ao seu destino.

"Não," o homem nu sussurrou, e a sua voz era como a de um guerreiro que se recusava a render, "Nós vamos juntos. Nós não podemos nos separar." E sua mão, como a de um cego, se apertou contra a dela, como se ele quisesse impedir que ela se perdesse, como se ela fosse a sua salvação.

"E se ele encontrar você?" A mulher perguntou, e sua voz era quase inaudível, e o seu corpo tremia em desespero, "E se eu, por sua culpa, for pega novamente?"

E o homem nu sentiu o gelo do medo, percorrer a sua espinha, e a sua mente, como um labirinto, buscou por uma solução que não existia. E então ele falou, a sua voz como a de um profeta, carregada com a promessa de que aquela noite, não seria o fim da sua jornada. "Então faça valer," ele disse, com a força de um guerreiro que se prepara para a batalha. "Eu irei correr para a direita. Você corra para a esquerda." E a sua voz ecoou como o prenúncio de que, juntos, eles iriam se encontrar novamente.

E a mulher assentiu, e seus olhos, como duas brasas, brilharam em meio a escuridão, e em seu coração, ela sentiu a promessa da liberdade, como uma chama, que resistia a se apagar. E com um toque suave, ela o empurrou, e seus corpos, se separaram na escuridão, como dois fantasmas que se perdiam na vastidão do tempo.

E o homem nu, sem titubear, sem olhar para trás, se lançou para a direita, a sua alma tomada por uma determinação cega e a sua mente, guiada pelo seu desejo de sobrevivência, e o som de seus passos ecoavam, e a escuridão, o engolia por completo.

E de repente, o grito da mulher, um som que penetrava em seu coração como uma faca, e a sua mente, tomada pelo pavor, hesitou por um instante, mas ele sabia, que voltar seria a sua perdição, que ele não poderia ceder a sua própria agonia, e que ele precisava sobreviver, para que o grito dela não se tornasse a sua própria derrota.

"Continue viva," ele murmurou, como um covarde em desespero, e a sua voz era como uma prece, e seus pés, como se tivessem sido guiados pela mão do destino, o

impeliam para frente, enquanto ele se distanciava, cada vez mais, do som do seu sofrimento.

E ele correu, com as pernas tremendo, e o pulmão, como um balão prestes a explodir, e a dor, como um chicote, açoitava a sua alma, mas ele sabia, que ele estava mais perto da sua libertação, e que, algum dia, em algum lugar, ele se reencontraria com ela novamente, e a sua esperança, como uma chama, continuava a brilhar em meio a escuridão da sua mente, e o seu coração, batia desesperadamente, como se estivesse tentando escapar da sua própria prisão.

E enquanto a noite, como um pesadelo sem fim, se estendia, ele correu, guiado por uma esperança que jamais iria se extinguir, como um guerreiro que se lançava em sua própria batalha, como um homem, que lutava pela sua liberdade.

Edwin

O silêncio se quebrou quando Edwin retornou, seus passos sobre a madeira, o prenúncio de um novo pesadelo. O ar vibrou com uma tensão fria, e a lâmpada brilhou com uma intensidade que penetrava na alma. Ele parou, como um predador, e farejou a ausência, e o ódio, como um veneno, tomou conta do seu ser. A caçada havia começado.

Na porta, como se sentisse algo fora do lugar, como um cão que havia farejado o cheiro da presa em fuga, e a sua respiração, se tornou mais rápida e intensa, como a de uma fera que se prepara para atacar, e o seu corpo, como uma mola enrijecida, se manteve imóvel, enquanto

os seus sentidos, como instrumentos bem afinados, buscavam a resposta para a sua suspeita.

A escuridão da cabana era absoluta, mas para Edwin, seus olhos pareciam se adaptar para enxergar através de suas trevas, e a sua mente, como um radar, captava o menor dos sinais, e o menor dos ruídos, como se ele estivesse conectado com aquele lugar, como se a sua alma, e a da cabana, fossem uma só. Ele percebeu que algo estava errado, não de forma consciente, mas sentia, como um animal que fareja o perigo no ar, que algo havia mudado, e a sua intuição, como a promessa de um mal que se aproximava, gritava para que ele agisse imediatamente.

Seus pés, em movimentos suaves e precisos, percorriam a cabana, e suas mãos, como tentáculos de um monstro faminto, se estendiam para tatear a mesa, buscando por respostas na escuridão. Os seus dedos percorriam as cordas, tocando a madeira fria e áspera, como um cego que busca por pistas sobre a sua perdição, e a sua boca, como um abismo que se abria na escuridão, emitia um som gutural, como o rugido de uma fera que havia despertado do seu sono, e naquele instante, ele soube, que a sua caça havia começado.

E então, ele sentiu a ausência. Não era o silêncio, nem a escuridão, mas algo mais profundo, como se um pedaço de si mesmo tivesse sido arrancado, e os seus passos, lentos e calculados, se tornaram mais rápidos e urgentes, e ele sentiu o seu sangue, como um rio de fogo, percorrendo suas veias, enquanto um ódio cego, se manifestava em seu coração. E o predador, havia se tornado a presa, e agora, ele estava caçando, em busca da sua perdição.

Ele atravessou a porta como um fantasma, e o ar frio da noite, como um tapa no rosto, o trouxe de volta à realidade, e ele respirou fundo, permitindo que a escuridão o engolisse por completo. O vento, como o lamento de uma alma perdida, uivava no milharal, e Edwin, como um lobo na escuridão, caminhava em silêncio, e os seus ouvidos, treinados para reconhecer cada som, cada sussurro, cada movimento, se tornaram a sua melhor arma, e o seu corpo, movido pela fúria e pela sede de vingança, se tornou uma máquina de caça perfeita.

Ele ouvia o farfalhar das folhas, e o crepitar da madeira sob seus pés, o toque fraco do vento nas hastes do milharal, e cada som, como um mapa, o guiava para mais perto das suas presas, e no seu interior, um ódio crescente, se alimentava da dor que ele sentia, e a promessa de que a sua vingança, seria doce, o fazia continuar, sem hesitar, com a sua busca.

E, de repente, o som. Um grito abafado que cortou a noite como uma navalha, carregado de pavor e desespero, como o de um animal preso em uma armadilha, e a sua mente, como uma fera faminta, se fixou no som, e cada músculo do seu corpo, se contraiu em antecipação. Edwin, sentiu um sorriso frio e perverso, rasgar o seu rosto, e a sua voz, como a de um deus implacável, ecoou em sua mente como a promessa de que o seu sofrimento estava apenas começando.

Ele correu, impelido pela adrenalina, e a floresta, como um labirinto, se movia ao seu redor, e seus pés, como garras de uma besta, se moviam com uma precisão que era quase sobrenatural, e a sua mente, como um radar, captava cada detalhe, cada som, cada movimento, que o guiava cada vez mais para perto do seu objetivo.

E então ele viu. No meio da escuridão da noite, ela estava lá, presa em uma armadilha de urso, e a dor, como um veneno, se espalhava pelo seu corpo, enquanto o metal, como garras de um monstro, dilacerava a sua carne. A mulher se contorcia em agonia, sua boca, como a de um animal acuado, emitia gemidos que se perdiam na vastidão da escuridão, e em seus olhos, o terror, como um fantasma, se manifestava de forma clara, e Edwin, como um deus vingativo, observava a cena como se fosse o seu maior tesouro.

Ele se aproximou, e a sua sombra, como a de um espectro, cobriu o corpo da mulher, e ele observou o seu sangue, e ouviu o som abafado dos seus soluços, e suas mãos, como as de um carrasco, tocaram a armadilha, sentindo cada dente afiado, cada engrenagem, cada parafuso, e um sorriso frio, como uma cicatriz na sua face, se manifestou em seu rosto, e a certeza de que a sua vítima, estava presa em suas mãos, se tornou, mais uma vez, a sua realidade.

A perna da mulher, dilacerada pela armadilha, era uma tela de dor, e ele a observava, como se fosse uma obra de arte, cada corte, cada ferida, cada hematoma, como a prova de que o seu poder era absoluto, e a sua crueldade, como um abismo sem fundo, jamais seria saciada.

E então, ele se moveu. A sua caçada não havia terminado, e o homem nu, como um fantasma, vagava perdido em meio à escuridão da floresta, e ele sentia o seu cheiro, o seu medo, a sua dor, e sabia que o seu momento de retribuição, estava cada vez mais próximo.

Edwin voltou a se mover na escuridão, e o som dos seus passos, agora mais suaves, ecoavam na floresta, como a promessa de uma morte silenciosa, e ele, como um lobo que rastreava a sua presa, se movia com

precisão, e seus sentidos, aguçados pela fúria, buscavam por uma resposta no silêncio da noite, e o vento, como um guia, trazia o seu cheiro, e ele o sentia, ferido e fraco, perto, cada vez mais perto de seus pés.

E então, Edwin o viu. O homem nu se movia pela escuridão, como um espectro, e a sua perna, como se fosse feita de chumbo, arrastava-se pelo chão, e os seus passos, hesitantes e doloridos, eram como um convite para a morte, e a sua respiração, como um lamento fantasmagórico, ecoava na noite, e seu corpo, como o de um animal faminto, tentava se esconder, tentando fugir, tentando, em vão, escapar do seu destino.

Edwin se aproximou, e a sua sombra, como a de um demônio faminto, se estendeu sobre ele, e o homem nu, preso em sua própria agonia, não foi capaz de perceber a sua aproximação. E então, o impacto, como uma avalanche, o atingiu em cheio pelas costas, e a sua mente, como um labirinto, se perdeu em meio à dor.

Ele sentiu as suas mãos, amarrando os seus pulsos novamente, e a corda, como uma corrente, o prendendo novamente, ao seu mundo de agonia. E a escuridão, como um manto, o envolvia por completo, enquanto ele sentia as suas pernas, sendo arrastadas sobre as pedras do chão, e a sua cabeça, batendo contra a terra, enquanto as lágrimas, como rios, escorriam pelo seu rosto, e a sua voz, como a de um fantasma, se perdia em meio ao silêncio da floresta.

Ele sentia o corpo da mulher, se arrastando pela grama, e a sua respiração, ofegante e desesperada, como a de um animal que implora pela vida, chegava até ele, e os gemidos da sua dor, penetravam em seu coração como pregos de ferro, e a culpa, como um veneno, se infiltrava em cada célula do seu ser,

enquanto ele, impotente, se via arrastado de volta para o inferno.

Edwin, como um espectro na noite, arrastava as suas vítimas de volta para a cabana, cada movimento, como a dança da morte, e os corpos dos homens nus, como bonecos de pano, eram jogados sobre as mesas, enquanto a sua loucura, como uma praga, se espalhava por todo o ambiente, preparando o terreno para mais um ato do seu macabro show de horrores.

Edwin prendeu as pernas e o corpo da mulher com correntes de aço maciço, como se estivesse selando o seu destino, e o metal frio, como o toque da morte, penetrava em sua pele. E a sua perna, dilacerada pela armadilha, sangrava, enquanto os gemidos, presos na mordança, se perdiam no silêncio da cabana, e ele se movia com a calma de um cirurgião, que se preparava para mais uma de suas torturas.

Ele acendeu a lareira, que antes estava fria como um túmulo, e as chamas, como demônios famintos, lambiam a madeira, e o brilho da brasa, como o reflexo de um abismo sem fim, se projetava sobre as paredes da cabana, revelando a dor, o desespero, e a perversidade, que ali habitavam. E Edwin, como um sacerdote da agonia, se preparava para dar início a sua grande apresentação, o seu grande espetáculo de horrores.

Ele pegou um ferro em brasa, e a sua voz, como a de um demônio, penetrava no silêncio da cabana. "Vocês se perguntam," ele disse, e as suas palavras penetravam na mente das vítimas como pregos de ferro, "Se eu irei lhes matar? Se este sofrimento terá fim? Ah, meus caros, como são ingênuos. A morte, seria uma dádiva. Uma libertação. E eu," disse Edwin, com um sorriso que não chegava aos seus olhos, "Não estou aqui para oferecer a

vocês nenhum tipo de misericórdia. Vocês, como vermes, irão rastejar na lama, até que eu decida que vocês já pagaram o preço. E vocês, com certeza, ainda não pagaram o preço de sua perdição.”

E então, ele encostou o ferro em brasa sobre a carne da mulher, e o grito, abafado pela mordaca, dilacerou o silêncio da cabana, e o cheiro da carne queimando, como o prenúncio da morte, penetrou nas narinas do homem nu, e o desespero, como uma sombra, se estendeu sobre a sua alma.

E a voz de Edwin, como a de um deus implacável, pairava sobre todos naquele lugar de terror, com a promessa de que toda aquela dor sofrida por eles, seria apenas uma pequena fração do que eles haviam lhe causado.

A Cabana

Como em um labirinto, buscava por uma resposta na vastidão da escuridão, e ele sabia que algo havia mudado, e que a sua obra, como um castelo de areia, estava prestes a ruir.

Ele se aproximou da lareira, e as chamas, que dançavam como demônios famintos, iluminaram o seu rosto, revelando a sua crueldade, o seu desespero, e a sua frieza, e Edwin, como se estivesse falando para si mesmo, iniciou o seu monólogo macabro.

“A perda,” ele falou, e a sua voz soava como o sussurro da morte, “É uma dor que não pode ser substituída. Nem diminuída. E o tempo, é o seu maior carrasco. Ele não cura, ele apenas alarga as feridas, e faz com que a sua agonia, se torne algo permanente.” Ele acariciou a madeira fria da lareira como um amante saudoso, e a sua voz, como um veneno, se infiltrou no silêncio da cabana. “Eu sei,” ele continuou, “Porque eu vivi, cada segundo, cada instante, de uma vida que foi ceifada pela maldade de outros, como se eu fosse uma vítima de um pesadelo que não tinha fim.”

As suas palavras, como um eco distante, pareciam se perder no vazio da cabana, e a sua voz, carregada de amargura e desespero, soava como a de um fantasma, que vaga em busca de uma resposta que jamais iria encontrar. E a sua alma, como um abismo sem fundo, era o reflexo da sua própria perdição.

A cabana o observava, e a sua madeira velha, parecia se contrair em meio a sua angústia, como se ela também fosse vítima da sua loucura, e Edwin, como um fantasma que habitava aquele lugar, percorreu cada canto, como um predador que procura por sua presa, e seus olhos, como duas brasas, brilhavam na escuridão, enquanto ele buscava, em meio a tanta dor, a sua própria perdição.

E então, ele caminhou até o carro, e seus passos ecoavam na noite, e o seu corpo, como o de um autômato, se movia com a precisão de um assassino, e ele abriu o porta-malas, como se estivesse abrindo as portas do inferno, e de lá, tirou três bolsas grandes, que pareciam conter um segredo que, uma vez revelado, traria ainda mais terror para aquele lugar.

A cabana, como uma testemunha silenciosa, observava cada movimento, e parecia suspirar, como se

ela soubesse, que estava prestes a assistir a mais uma tragédia da sua longa e dolorosa história.

Edwin voltou para o interior da cabana, como um espectro que retornava ao seu covil, e jogou as bolsas sobre o chão, seus conteúdos, brilhando sob a luz fraca da lamparina, revelando uma série de instrumentos de tortura, que ele havia guardado para aquele momento, e seus dedos, como os de um cirurgião, tocavam os frascos, e as seringas, e as agulhas, e os cateteres, e as mangueiras, como se ele estivesse se preparando para uma operação macabra, para uma sinfonia de dor, que ele havia planejado para o seu grande final.

E com passos lentos e precisos, Edwin começou a montar a sua estrutura de tortura, um sistema de tubos e de recipientes, que seriam as suas ferramentas, e ele se movia com a calma de um espectro, e o terror, como um vírus, se espalhava pela cabana, e penetrava nos poros, na alma, e nos corações de suas vítimas, e o silêncio, como uma cortina de aço, caía sobre os seus corpos, enquanto eles, como dois amantes presos em um abismo, sentiam que o seu destino havia sido selado para sempre.

E ele não se importava com as suas vidas, com a sua dor, com o seu sofrimento, e a sua mente, presa em um labirinto de loucura, se movia com a determinação de um demônio, e com as mãos, frias como o aço, conectou os cateteres as veias dos braços, e a ligação, como um toque da morte, se completou em silêncio, e o sangue, como um rio vermelho, começou a circular, ligando cada coração, e selando o destino de ambas as vítimas, para sempre.

Ele se afastou, e seus olhos, como as brasas de um inferno, se fixaram nos corpos amarrados, e em sua

boca, um sorriso frio e cruel, como o prenúncio de um sofrimento eterno, se manifestou, e a sua voz, como o toque de um fantasma, soou como a promessa da morte.

"Agora vocês estão ligados," ele disse, com um tom de voz que misturava ternura e desprezo, e seus dedos acariciavam os tubos de soro como se estivesse tocando as cordas de um instrumento musical, "Como naquela noite, como naquele momento, em que os seus atos, como a de deuses sem piedade, se tornaram a minha própria perdição, e agora, como naquela noite," a voz de Edwin se tornou mais intensa, mais ameaçadora, "As suas vidas, como as nossas, estão destinadas a se extinguir juntos, e quando o coração de um de vocês parar, o do outro irá parar junto."

E então, Edwin se calou, como um maestro que havia terminado a sua sinfonia, e o silêncio, como um manto de escuridão, voltou a pairar sobre a cabana, e os homens nus, com o terror pintado em suas faces, sentiam a morte, como um espectro, dançar ao seu redor, e a sua esperança, como uma chama que havia sido apagada pelo vento, se esvaecia na escuridão.

Edwin se sentou na cadeira, e a madeira gemeu sob o peso da sua presença, e seu olhar, como o de um predador que havia aprisionado a sua presa, se voltou para os homens nus. E então, ele se levantou, e voltou a sair, deixando ambos sozinhos em meio a dor e ao desespero, e a sua sombra, se estendeu para fora da porta, como a promessa de um terror que não conheceria limites.

O silêncio da cabana era como o silêncio da morte, e os dois homens nus, como fantasmas presos em um limbo, sentiam a sua dor, como se ela fosse parte do seu próprio corpo, e seus olhos, como bússolas perdidas,

buscaram na escuridão, uma resposta, uma esperança, uma forma de escapar de tudo aquilo. E então, eles se viram.

E nesse instante, a conexão entre eles, como uma chama que brilhava no escuro, se tornou ainda mais forte, e eles se reconheceram, em silêncio, e ambos sabiam, que o terror que eles haviam provado, não passava de um pequeno fragmento da dor que eles sentiam, em seus corações, a certeza de que a sua história havia se tornado, para sempre, a sua perdição.

O ar se tornou rarefeito, e suas palavras, como pedras, penetravam em sua alma, e a sua voz, como a de uma alma perdida, soou como uma confissão. Uma ironia, cruel e inescapável, se manifestou em sua mente, e a sua voz, que antes soava como a de uma guerreira, se tornou um sussurro de desespero. 'Ele,' ela falou, e as palavras eram como um lamento, como a promessa de que a sua perdição estava selada. 'Ele é a consequência do que nós anos atrás fomos omissos.' E no fundo da sua mente, uma imagem, como um espectro, se revelava, como se ela estivesse olhando para o seu próprio abismo, e encontrando, nele, o seu algoz.

E o homem nu, com o coração em pedaços, sentiu o peso de suas ações, e a culpa, como um parasita, o consumiu por dentro, e a imagem da família de Edwin, como um fantasma do passado, dançava diante dos seus olhos, e a sua voz, fraca e sofrida, penetrou no silêncio da cabana, como a promessa de um futuro que havia se perdido. "Sim," ele respondeu, "Ele nos trouxe para o seu inferno, para nos fazer provar do nosso próprio veneno." E suas lágrimas, quentes como lava, escorreram por seu rosto, e o desespero, como uma besta faminta, tentava consumi-lo por inteiro.

A porta da cabana rangeu novamente, como o prenúncio da morte, e Edwin retornou, como um espectro de pura crueldade, e a sua presença, como a de um monstro que se preparava para atacar, se manifestou no espaço. E ele sentou, como um rei que observa as suas vítimas, e em seus olhos, frios como aço, não havia misericórdia, apenas um abismo de sofrimento. E então ele falou, com uma voz, que era quase angelical, mas que transmitia um terror inimaginável.

“Eu cheguei ao meu fim,” ele disse, com um sorriso suave e perverso, como se estivesse se deleitando com a sua própria perdição, “E eu lhes prometo, que o meu fim, será rápido e tranquilo, ao contrário do de vocês.” E ele pegou a arma, fria e gelada como o toque da morte, e a apontou para a própria cabeça, e o homem nu, e a mulher, puderam ver o seu olhar, como se estivesse perdido em uma vastidão de trevas, e suas mãos, como as de um fantasma, trêmulas e hesitantes.

E, no silêncio da cabana, um estrondo, como o de um trovão que ecoava por toda a eternidade, penetrou em suas mentes, e então, o silêncio retornou, como um manto que cobria a vida e a morte, e o homem nu e a mulher, com seus corações batendo em desespero, e com seus olhos, presos na escuridão, sentiam que o seu inferno, havia acabado de se tornar ainda mais real.

“Acabou!” A mulher sussurrou, e a sua voz, como a de um anjo que havia ressuscitado dos mortos, era como a promessa de que o pesadelo havia chegado ao fim. E o homem nu, com a voz embargada, repetiu, com a força de quem havia encontrado uma nova esperança, “Ele se foi para sempre. Agora só precisamos nos libertar daqui.”

E então, as suas esperanças, como a luz de um farol em meio à escuridão, se acenderam novamente, e seus corpos, fracos e doloridos, se moveram lentamente, e

eles sentiam que a sua fuga, como uma promessa, brilhava, a cada instante, mais forte e intensa, e ambos, como fantasmas que vagavam em busca da liberdade, se prepararam para dar o próximo passo da sua longa jornada.

E a cabana, como se estivesse contando uma história, observou. E seus gemidos de dor se tornaram gritos de desespero, e o seu terror se transformou em revolta, e as suas lágrimas, como um rio que corria sem pressa, marcavam cada segundo de sua agonia, enquanto os seus corpos, como se fossem bonecos de pano, se contorciam contra as cordas, e as suas almas, como aves presas em gaiolas de ferro, lutavam contra o seu destino. E assim, os dias se tornaram semanas, e as semanas se transformaram em meses, e a dor, como um parasita, devorava as suas entranhas, transformando seus corpos em esqueletos envoltos em pele fina e frágil, e a sua humanidade, pouco a pouco, se esvaia como a areia entre os dedos.

A voz da mulher, como o eco de um fantasma, se tornou um sussurro que se perdia no silêncio, e o homem nu, como um espectro, vagava em sua própria mente, onde a loucura se misturava com a realidade, onde o terror se misturava com a esperança, e onde a promessa de um novo amanhecer se tornava cada vez mais distante e inalcançável.

E, no final, até mesmo os suspiros se tornaram silenciosos, e seus movimentos, quase imperceptíveis, e o toque de suas mãos, quase inexistente, e as suas almas, como se tivessem se tornado uma só, vagavam por entre as trevas, e a cabana, como uma testemunha imparcial de sua agonia, viu, em silêncio, o seu sofrimento chegar ao fim. E no final, nenhum som, apenas a fraca respiração, e seus olhos, que brilhavam

na escuridão, como as brasas de uma fornalha, e as memórias, como fragmentos de um passado que se perdia no abismo do tempo.

E o silêncio retornou a cabana, um silêncio que não era paz, mas a ausência de vida, o eco dos gritos que haviam se dissipado na escuridão, um lembrete de que, no fundo, a dor, sempre retornava. A poeira se acomodou, e o sangue secou sobre as tábuas, e os rastros do sofrimento se misturaram com a madeira e o mofo, e a escuridão, como um manto, engoliu tudo, sem deixar nenhuma pista, nenhum vestígio, nenhuma lembrança daqueles que haviam se perdido ali, como se a sua existência, nunca tivesse sido mais que um eco distante no abismo do tempo.

E, no final, as “vítimas” e o seu carrasco retornaram para o seu lugar de origem. E o tempo, como um fantasma, continuou vagando pelos cantos da cabana, trazendo e levando a sua perdição, e como um eco distante, sussurrava aos meus ouvidos, a promessa de que outros iriam chegar, e que outros iriam sofrer, e que eu, como uma testemunha silenciosa, seria obrigada a presenciar a repetição da história, por todo o sempre.

E a sua perversidade, penetrando em meu coração, me fez refletir sobre a natureza humana, sobre a loucura, sobre o medo, e sobre a capacidade que temos de nos destruirmos, e sobre a nossa sede incessante por vingança. E no final, eu me pergunto, o que resta quando tudo acaba? Que tipo de marcas deixamos no mundo? E se o sofrimento, como uma maldição, fosse destinado a se perpetuar, como a promessa de um pesadelo, que jamais terá fim?

E o silêncio se tornou a minha única verdade. Um silêncio que não trazia paz, um silêncio que não era o

fim, mas o prelúdio de um novo horror, uma dança macabra entre a vida e a morte, entre a esperança e o desespero, e eu sabia, no fundo da minha alma, que eu seria obrigada a presenciar a repetição dessa tragédia, como a punição por todos os horrores que testemunhei ao longo do tempo. E a sua lembrança, se tornou o meu tormento eterno.